



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO
RURAL**

**UM ESTUDO SOBRE PLANTADORES DE ÁRVORES E SEU CUIDADO COM AS
ÁRVORES EM ÁREAS URBANAS PÚBLICAS DE ARARAS, SP, BRASIL**

ANDRÉ LAUAND RIBEIRO

ARARAS

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO
RURAL**

**UM ESTUDO SOBRE PLANTADORES DE ÁRVORES E SEU CUIDADO COM AS
ÁRVORES EM ÁREAS URBANAS PÚBLICAS DE ARARAS, SP, BRASIL**

ANDRÉ LAUAND RIBEIRO

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. JANICE RODRIGUES PLACERES BORGES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural, como requisito parcial à obtenção do título de MESTRE EM AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL.

Araras

2018

Lauand Ribeiro, André

"UM ESTUDO SOBRE PLANTADORES DE ÁRVORES E SEU
CUIDADO COM AS ÁRVORES EM ÁREAS URBANAS PÚBLICAS DE
ARARAS, SP, BRASIL" / André Lauand Ribeiro. – 2018.
127 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus
Araras, Araras

Orientador: Janice Rodrigues Placeres Borges

Banca examinadora: Renata Evangelista de Oliveira, Oswaldo Gonçalves
Júnior

Bibliografia

1. Arborização Urbana. 2. Homem, Cuidado e Natureza. 3. Plantadores
de Árvores. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Maria Helena Sachi do Amaral – CRB/8 7083



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Agrárias
Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato André Lauand Ribeiro, realizada em 06/06/2018:

Profa. Dra. Janice Rodrigues Placeres Borges
UFSCar

Profa. Dra. Renata Evangelista de Oliveira
UFSCar

Prof. Dr. Oswaldo Gonçalves Junior
UNICAMP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a um ideal de melhor convivência do homem com a natureza: com as árvores, plantas, criaturas com quem convivemos e que nos possibilitam um planeta abundante, se soubermos cuidar.

A todas as culturas e povos que têm uma ética de postura em relação à natureza, como os *Bishnoi*, que já deram a própria vida pelas árvores. Eles continuam inspirando depois de séculos.

Aos que estão voltando à terra não somente pela lógica produtivista, mas para voltarem para si mesmos e desenvolverem uma cultura que permita o afloramento das capacidades humanas naturais e que nos torne menos dependente de tantos intermediários artificiais para lidar com o mundo à nossa volta.

Aos plantadores de árvores do mundo que me inspiraram a pesquisar a respeito do tema e escrever.

À minha família: antepassados, avós, pais, irmãos, tios, primos, sobrinho. Aos contemporâneos e aos que virão.

Aos amigos, que me acompanham pela vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Grande Espírito. Acredito que o universo e a natureza na Terra sejam a verdadeira escola que refletem o conhecimento inato que o ser humano carrega, como uma semente que tem em si desde o início o potencial para se desenvolver plenamente.

Agradeço aos meus pais, Ulisses e Angela, que sempre me apoiaram.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Janice Rodrigues Placeres Borges, pela dedicação na orientação, pela liberdade na escolha do tema e pela rigorosa correção que fez com os professores membros da banca de defesa, Prof^a. Dr^a. Renata Evangelista de Oliveira e Prof. Dr. Oswaldo Gonçalves Júnior.

Aos plantadores e cuidadores de árvores em Araras, que me inspiraram a escrever: Ricardo, Durval, Carlos, Vadir, Salvador, Teresa, Jorge, Cido, Tina, Paulo, João Roberto, João Murilo, Ismael, João Tomé, Almeida, Armando e Domingos, alguns dos “plantadores de árvores” de Araras com quem tive o prazer de conversar e conhecer. É uma grande lição observar como se sentem parte da natureza e como tem prazer em fazer o que fazem. São pessoas que têm noções de vida muito baseadas na realidade e grande sensibilidade em relação ao mundo natural.

Aos comunicadores na sociedade e jornalistas que se comprometem a noticiar e procurar os aspectos positivos da nossa vida cotidiana. Que continuem olhando e procurando.

RESUMO

A ação do plantador de árvores em áreas públicas não tem sido foco especial de estudos acadêmicos. Na literatura específica, que cuida da arborização urbana e do verde na cidade, essa lacuna é facilmente constatada. Esta dissertação se propõe a estreitar essa lacuna acadêmica por meio de um estudo do “plantador de árvores” contemporâneo, assim como, discutir o papel do homem no cuidado do ambiente urbano público. Para esta exploração inicial, foram considerados dois aspectos: a origem desses plantadores de árvores, o aspecto do cuidado como vital para a preservação do meio ambiente e da volta do contato direto do homem com a Natureza, em área urbana. Os trabalhos, para alcançar esses objetivos, foram iniciados com uma busca e observações iniciais em reportagens jornalísticas e visitas à maioria das áreas públicas passíveis de plantio no município de Araras, SP, para se chegar à afirmação de que esse fenômeno vem sendo pouco estudado, diante de um número até então considerável de plantadores observados nessas áreas. Mais tarde, durante visitas à campo, foram encontradas 121 áreas públicas de 350 (de um total de aproximadamente 420) em que se observou prática de plantio e cuidado de árvores por moradores e 57 desses foram identificados como sendo plantadores de árvores. Desses 57, 17 deles foram selecionados, em 7 áreas, tendo atividade de plantio e cuidado. Diante desse quadro, optamos por entrevistá-los por meio de um roteiro de entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam que todos os entrevistados têm laços estreitos com o campo ou origem rural. Além disso, o cuidado para os plantadores precede o conceito de manutenção. Enfatiza-se o papel do plantador de árvores no cuidado da Natureza na cidade. Os resultados também apontam para uma renovação no modo de se pensar sobre áreas verdes. Por exemplo, inventários ou cadastros dos plantadores de árvores poderiam ser feitos (não apenas de árvores), daqueles que se comprometem a plantar e cuidar delas.

Palavras-chave: arborização urbana; áreas verdes públicas; mobilização social; Natureza; plantadores de árvores; planejamento verde urbano.

ABSTRACT

The planter's practice in public areas has not been special focus of academic studies in bibliography regarding urban arborization and greening. This dissertation proposes to narrow this academic gap, through a study about the contemporary tree-planter, as well as to discuss the role of man on caring for the local environment; considering two fundamental aspects: the rural origins of these tree planters and the caring aspect as vital to environment preservation and the return of direct contact of man with Nature in urban areas. The works were initiated with a search and initial observations in newspaper articles and visitation to the majority of the public spaces suit to planting in the municipality of Araras, SP, to come to this issue, that this phenomenon has been poorly studied, in face of a considerable number of planters observed in these areas. Later on, *in loco* visits, 121 areas of 350 were found (of 420 approximately in total) in which was observed practice of planting and caring by dwellers and 57 of them were identified as planters. Of these 57, 17 of them were chosen, in 7 areas, having planting and caring activity. In face of this, we opted to interview them, by means of a guide consisting of semi-structured interviews. The results point that all interviewees have ties with countryside/rural. Moreover, that caring for dwellers precedes maintenance. It emphasizes the tree planter's role in taking care of Nature in the city. It also points to a renovation in the way of thinking about green areas. For example, inventory of tree planters also could be done (not just tree inventories), of those who engage in planting and taking care of them.

Key-words: green public areas; green urban planning; Nature; social mobilization; tree planters; urban arborization.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO: a título de contextualização	9
JUSTIFICATIVAS	14
HIPÓTESES	16
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1. RETOMANDO AÇÕES POSITIVAS NA RELAÇÃO SER HUMANO E NATUREZA	18
2.2. O PREDOMÍNIO HUMANO SOBRE A NATUREZA SENDO REVISTO	19
2.4. RELIGIÃO E MEIO AMBIENTE: NOVAS DIREÇÕES EM ESTUDOS AMBIENTAIS	20
2.5. ARARAS EM UM CONTEXTO DE APOSTA NO PROGRESSO.....	24
2.6. O “TRANSTORNO DE DEFICIT DE NATUREZA” NAS CIDADES HOJE.....	27
2.7. A QUESTÃO DAS ÁREAS VERDES NA CIDADE E A ARBORIZAÇÃO.....	28
2.8. O CUIDADO NA RELAÇÃO DO SER HUMANO COM A NATUREZA	32
2.9. A NECESSIDADE HUMANA POR NATUREZA: ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS	33
2.10. TENDÊNCIAS PARA SE PENSAR O HOMEM CUIDANDO DA NATUREZA	38
2.11. O RECONHECIMENTO DO PLANTADOR DE ÁRVORES	39
2.12. O MORADOR EM PUBLICAÇÕES SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA.....	43
3. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS	51
3.1. ESTADO DA ARTE DE UM TEMA AINDA A SER AMPLAMENTE RECONHECIDO	51
3.2. CONSULTA A REPORTAGENS JORNALÍSTICAS SOBRE PLANTADORES DE ÁRVORES	53
3.3. ELEMENTOS VISUAIS QUE PERMITIRAM A IDENTIFICAÇÃO	54
3.4. ROTEIRO DE ENTREVISTAS NA COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS.....	56
3.5. ABORDAGEM DO PLANTADOR E REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA	57
3.6. PROCEDIMENTOS	58
3.7. ESCOLHA DOS PLANTADORES DE ÁRVORES PARA AS ENTREVISTAS	61
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	62
4.1. A ORIGEM DOS PLANTADORES EM ARARAS	62
4.2. O CUIDADO DOS PLANTADORES COM AS ÁRVORES EM ÁREAS PÚBLICAS	66
4.3. ASPECTOS DA NATUREZA OBSERVADOS NAS FALAS	73
4.6. PENSANDO EM UMA DEFINIÇÃO CONCEITUAL PARA OS PLANTADORES DE ÁRVORES ...	82
5. CONCLUSÕES.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
ANEXO I - MAPA DE ÁREAS VERDES DA CIDADE DE ARARAS.....	97
ANEXO II - O MANIFESTO DOS PLANTADORES DE ÁRVORES ANÔNIMOS	105
APÊNDICE I - REPORTAGENS SOBRE PLANTADORES DE ÁRVORES	107

APÊNDICE II - LISTA DE FIGURAS	115
APÊNDICE III - ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ABORDAR	126

“Uma doença é por si só o resultado do afastamento entre o ser humano e os mecanismos naturais, cuja função é cuidar da saúde e sobrevivência. Para estes mecanismos naturais a luta contra qualquer doença não representa nenhum problema, uma vez que nisso consiste o sentido da sua existência. Uma pessoa que tenha estabelecido este tipo de contato com a Natureza, ao aproximar-se de um pequeno terreno no mundo natural, pode extrair benefícios bem maiores do que somente a luta contra as doenças.”

“Tem importância não apenas a variedade de plantas, mas também a forma como estas são plantadas e a convivência, a comunicação com elas, que lhes permite receber a informação de que necessitam. Já te falei sobre um dos métodos de semear, este é o principal método para o fazer. O mais importante é impregnar o pedacinho de Natureza que te rodeia com informação sobre ti. Só assim o efeito de cura e o suporte vivificante do corpo será significativamente maior do que o proveniente dos frutos simples. Na Natureza selvagem, como vocês a chamam, que não é selvagem, somente desconhecida para vós, há muitas plantas que podem curar absolutamente todas as doenças que existem. Estas plantas foram criadas com esse fim, mas o homem perdeu, ou quase perdeu, a capacidade de as identificar.”

Anastásia (Vladimir Megré)

1. APRESENTAÇÃO: a título de contextualização

Esta dissertação foi elaborada entre março de 2016 e março de 2018, período em que frequentei o PPGADR (Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), *campus* Araras. Antes disso, a partir de 2011, tinha começado a plantar árvores, lembrando as amoreiras da infância primeiramente e depois tomando gosto pela questão do plantio pensando nos seus aspectos agroecológicos, que unem ser humano, cultivo de alimentos e cuidado com o meio ambiente.

Durante o período do mestrado, isso se aprofundou, continuei a plantar árvores na rua de casa e em algumas praças da cidade e também enxergar maneiras de cuidar dessas árvores. Decidi, então, escrever sobre esse assunto, que me chamou atenção, e pensei que isso poderia aguçar a curiosidade e despertar para esse assunto. Afinal, um dos objetivos de um pesquisador é chamar a atenção para a relevância do tema que pesquisa, e tenho a convicção de que esse é um tema importante.

Em Araras, é possível observar a influência da cultura do campo no hábito de vida das pessoas da cidade e, por ter vivido nesta cidade, eu cheguei à ideia de que é possível fazer uma ponte entre os plantadores de árvores e um passado recente de êxodo rural, da vinda das pessoas do campo para a cidade. Não quis com isso dizer que o rural determina o plantio, mas que as referências de vida no campo têm grande influência no plantio. E a partir disso repensar o cuidado do meio ambiente urbano a partir da retomada de um tema que pouco é levantado. Afinal, antigamente, as pessoas tinham mais contato direto com animais e plantas, porque a vegetação, apesar de estar sendo suprimida gradualmente, permitia ainda o convívio do ser humano com a natureza de forma direta (e não mediada por imagens de televisão, como é hoje).

Procurei pesquisar o morador como plantador e tomador de decisão para a melhoria local de vida, não como espectador das decisões dentro da cidade. Além disso, abordá-lo dentro de uma possível categoria – de “plantador de árvores”, estudando aquele que planta e cuida, enfatizando um aspecto que é de certa forma negligenciado em bibliografia especializada em arborização

urbana e associado à falta de planejamento e inadequação no espaço urbano. Lembrando que isso veio também da leitura de relatos em jornais: já ocorre do próprio plantador se reconhecer como “plantador de árvores”, embora isso não seja reconhecido como categoria social. No Canadá, o “plantador de árvores” trabalha para a indústria madeireira, mas o caso aqui é outro, não se busca plantar árvores para ganhar algo em troca, mas para melhorar a vida.

O morador, em bibliografia especializada consultada, muitas vezes possui uma imagem negativa associada à sua ação de plantio. Escolhi aqui abordar esse morador como plantador de árvores e que é necessário um outro tipo de olhar para entender suas motivações e o seu olhar para a natureza. Ainda assim, aqui eu só iniciei uma investigação. É um estudo que deverá gerar outras perspectivas para estudos futuros e tem muitas limitações. Não pretendi mostrar relação de causalidade entre a questão do rural presente nesses plantadores e o fato de plantarem, mas abordo a questão rural, porque no campo a relação do ser humano com a natureza é evidente, enquanto que na cidade ela pode passar quase que despercebida.

O ser humano como aliado da natureza e não inimigo é o paradigma trabalhado aqui. Acredito que ele se justifica, principalmente, pelo fato levantado por Louv (2005), de que as novas gerações cada vez mais passam por um “transtorno de déficit de natureza”, cunhando inteligentemente um termo para posicioná-lo em termos de saúde pública. Para o autor, há um problema maior com as crianças no mundo hoje, que não é só a falta de atenção na sala de aula ou em casa, mas uma falta de contato direto com a natureza.

O ser humano como ator de grande importância no cuidado de seu meio, incluindo as outras formas de vida do planeta, aqui, está sendo abordado em área urbana, mas também há que se observar que essa tendência de cuidado e plantio não está restrito a algum tipo de zoneamento. Partindo do ser humano, pode-se rediscutir a ocupação rural, urbana e inclusive das áreas de preservação e aquelas antes consideradas intocadas e deve ser uma tendência de discussão que só deve ganhar novas contribuições ao longo do tempo.

A mensagem expressa no livro de Jean Giono (GIONO, 2017) é pelo zelo de áreas abandonadas pelo ser humano. No romance, as áreas abandonadas e

a miséria da paisagem refletem a miséria humana e o abandono com a vida em geral. Há uma forte conexão entre o que o homem faz a si mesmo e aos demais e o que faz com o seu ambiente, o que observou atentamente Keith Thomas em sua extensa obra sobre o ser humano e a natureza (THOMAS, 2010). No final daquele romance, aparece a mesma região inóspita voltando à vida social, cultural e econômica. Tudo pelo resultado da ação da presença do ser humano que decidiu cuidar do local, através do modo mais simples, através de sementes: plantou árvores (plantio direto, com sementes, não com mudas, o que reforça uma imagem de que é suficiente para o homem aprender que a vida se faz da vida e chegar a resultados expressivos). Essa imagem é marcante para os tempos em que vivemos, em que nos deparamos com desafios de toda ordem, tanto no campo como na cidade, e que os problemas ambientais causam problemas sociais e econômicos e em que há uma aposta na técnica e em mais mecanismos de alta complexidade, com tendência para a robotização.

Como a obra de Júlio Verne, também vemos que “O homem que plantava árvores” de Jean Giono deixou há muito tempo de ser ficção e está viva hoje, é ainda uma obra em movimento de “Homens que plantam árvores” pelo mundo, em diversas paisagens e países. Encontramos muitos exemplos reais de plantadores de árvores pelo mundo. A própria Wangari Maathai, que iniciou o movimento “Cinturão Verde” no Quênia, e ocupou cargo de destaque na ONU até seu falecimento, foi uma que inspirou milhões de pessoas pelo mundo.

Então, aqui fica o primeiro questionamento, que deu origem ao trabalho: e dentro da nossa própria cidade? Do nosso bairro? Onde estão os plantadores de árvores? Por que não se dá a devida atenção, se já há mostras de que eles se encontram em toda cidade? Poderíamos começar a pensar nesse tema hoje, mesmo que inicialmente? Deve-se pensar em estudá-los em outros municípios também? Embora na cidade a imagem do plantador ganhe menos importância, pois em áreas rurais a sobrevivência das pessoas dependa diretamente disso (como é o caso do contemporâneo Yacouba Sawadogo, de Burkina Faso – retratado no filme “O homem que parou o deserto”), o tema vem inevitavelmente ganhando atenção. Na cidade, é possível observar também esse tipo de ação. Neste estudo, também coloquei um pequeno levantamento de reportagens em

anexo (Apêndice III), sobre plantadores de árvores no Brasil e alguns lugares do mundo.

Meu segundo questionamento foi: como a proximidade do ser humano com a natureza de forma direta pode trazer soluções locais para problemas ambientais (neste caso, a supressão das árvores por inúmeros motivos, inclusive na cidade)? O fato do ser humano estar presente no cuidado da natureza vem ganhando força e pode se tornar uma tendência em termos de ocupação humana e pensamento sobre o espaço, qualquer que seja o tipo de categoria espacial, fazendo uma ponte entre novas tendências de se pensar o modo de vida local.

O terceiro questionamento está ligado à memória de vida rural com o ato de plantar. Embora isso fique claro nos casos em que o plantio é realizado em zona rural, na área urbana, isso deveria ser melhor investigado. Isso foi escolhido, porque, como há uma falta de bibliografia tratando do tema especificamente – dos plantadores de árvores, fazer a relação entre um êxodo rural recente no país e a retomada do plantio de árvores na cidade me pareceu coerente. Se na área rural o ser humano tinha mais contato com a natureza, e as pessoas da zona rural estão na cidade hoje, espera-se que, com a memória de vida, essas pessoas tragam para a cidade também o seu zelo e valores relacionados à natureza, envolvendo o que eles entendem popularmente por natureza, aspectos relacionados a clima, fauna e flora, mais especificamente sobre as árvores.

Novamente, aqui ênfase: não foi pensado em mostrar relação de causalidade entre o fato do homem plantar e sua origem rural. Muitas pessoas sem “origem rural” plantam. O que quis mostrar é que as origens rurais podem ajudar-nos a entender a relação do ser humano com a natureza na cidade, já que as cidades sofreram grande fluxo migratório de pessoas que vieram do campo e muito da cultura rural ainda sobrevive na cidade.

A ideia foi iniciar e refletir sobre um assunto, passando por uma bibliografia interdisciplinar e apontando perspectivas para a discussão do tema, gerando reflexão e incluindo dados sobre a relação ser humano e natureza e propondo foco de atenção na figura do plantador de árvores e na responsabilidade de cada um pelo meio ambiente local.

Araras pareceu ser um bom local para iniciar o estudo. Primeiro, porque é a cidade em que moro e já venho observando plantio realizado por moradores em vários bairros. Nesse município, podem ser observados cada vez mais intervenções dos munícipes em áreas em que existe uma possibilidade para plantio – observa-se que desde APPs, passando por áreas verdes, de lazer, e até institucionais, que esse plantio e cuidado chega até a calçada da residência de uma pessoa.

Finalmente, menciono aqui, junto com a imagem do “homem que plantava árvores”, de Jean Giono, a história prosaica do centésimo macaco, retomada por Ken Keyes Jr. para ilustrar seu pensamento a respeito de fenômenos não-locais, que teriam implicações para a biologia e outras ciências que lidam com a vida, inclusive as sociais: na história hipotética, um macaco aprende a quebrar o coco (ou a lavar as raízes antes de consumi-las) e com o passar do tempo outros indivíduos passam a fazer o mesmo, em uma mesma ilha. Quando o aprendizado atinge um número crítico (o centésimo macaco), isso também passa a ser observado na ilha vizinha, no comportamento dos outros macacos que nunca tiveram contato com aquele primeiro que iniciou o processo. A teoria é ilustrativa, mas pode servir como reflexão com base nesse certo anonimato em relação ao plantio que se observa hoje (pois não é tema de direto interesse dentro da academia).

JUSTIFICATIVAS

Em primeiro lugar, coloco aqui minha motivação inicial, que se relaciona com minha história de vida. Apesar da minha formação acadêmica ser em turismo (área de estudo que dialoga inevitavelmente e com muita frequência, com a relação ser humano e natureza), tomei gosto por plantar árvores, tanto observando moradores da cidade como lendo a respeito daqueles que o fazem em diversos lugares e de diversas formas. A natureza sempre me fascinou, desde criança.

Acredito que o ato de plantar árvores possa ser estudado intelectualmente, mas também é importante compreender a relação que existe árvores e seres humanos num nível mais próximo do emocional do que

propriamente do mental. Os cursos de nível superior precisam incluir a vivência prática e o sentir, quando o tema diz respeito à natureza. Isso, porque o ser humano está na natureza como os outros seres, e não separado. Essa vontade e até paixão por plantar serviu para eu pensar a realidade por trás do plantar. Se a teoria sobre benefícios das árvores não é colocada em perspectiva a partir da relação cotidiana do homem com elas, as explicações e estudos sobre arborização podem se tornar repetitivos e até impedir o avanço científico nessa área. Por isso aqui a fala de pessoas ligadas com plantio foi registrada e utilizada para dar conta de entender um pouco mais as ações de plantio.

Esse fato foi que me moveu primeiramente, o de considerar a questão humana dentro da questão do plantio de árvores. Se as cidades se tornaram ambientes hostis mesmo para os homens, que associaram por séculos esse meio à ideia de civilização, seria um retrocesso em termos de civilização? Deve-se repensar como o homem vem se enxergando em relação ao meio natural, ou melhor, em relação aos outros seres vivos e o próprio planeta, incluindo quando está em ambiente urbano. Neste ponto, minha motivação pessoal se uniu à minha experiência como pesquisador.

O estudo do tema central (os plantadores de árvores) tem por justificativa:

- a) Muitos pesquisadores defendem a importância da presença da natureza na cidade, e as pesquisas sobre a relação do ser humano com a natureza mostram grande potencial como linha de pesquisa para saúde pública.
- b) Foco em um pensamento em que se considera o ser humano como parte da solução, não só espectador e alvo de críticas de cunho *malthusiano* ou *hobbesiano*.
- c) A ação dos plantadores na cidade pode ser potencializada e ela em si pode reforçar aspectos positivos do ser humano, contrário a uma suposta natureza má do homem. Assim, às proposições e ações que já ocorrem nesse sentido é necessário dar atenção.
- d) Muito da atenção acadêmica sobre estudos de arborização urbana hoje se restringe a aspectos técnicos e a figura do morador (que é um potencial plantador de árvores) é muitas vezes negligenciada, sendo associada à falta de planejamento na arborização e desordenamento. Há uma falta de abordagem qualitativa (em que a voz do morador é ouvida realmente e não somente

transformada em dado estatístico) sobre o tema dos plantadores que atuam na cidade, entrevistando-os diretamente.

e) É necessário a realização de uma busca maior pelas cidades do país para o resgate dessa figura do plantador, já que em vários locais são eles que estão contribuindo para a qualidade de vida com a criação de áreas verdes. Nas cidades o plantio poucas vezes é espontâneo, já que a manutenção de áreas é constante e a retirada e controle de outras formas de vida é cotidianamente mantida pela administração pública.

f) Para um município que tem o lema “Cidade das Árvores” como é o caso de Araras, que oficialmente se orgulha de ter sediado a primeira festa das árvores do Brasil em 7 de junho de 1.902, esse estudo ganha significado especial em termos locais, já que em área urbana muito do plantio parte das mãos humanas e desconsiderar essa relação do ser humano com plantio em área urbana seria reforçar um anonimato e negligenciar o plantador e os aspectos associados.

g) Nos últimos anos, vem aumentando o número de reportagens sobre o tema plantadores de árvores e mais plantadores vem sendo identificados (ver Apêndice I). Nelas, aparece uma imagem de dedicação ao plantio e zelo por anos ou décadas de sua vida.

h) Poucas cidades são planejadas para a natureza, portanto entender como ocorrem processos em que essa questão é tratada localmente por plantadores pode ser uma abordagem possível dentro da questão da presença da natureza na cidade e de uma maior procura por associar ciência e sociedade, pois há uma divergência hoje nesse sentido. No Brasil, são poucas as localidades onde se optou pelo planejamento nos princípios: Goiânia, Londrina, Maringá, Águas de São Pedro e o bairro Jardim Paulista em São Paulo. Então, seria interessante lidar com a questão do meio ambiente urbano a partir do que existe já e não partir do desejado e do ideal, permitindo um novo olhar para a questão de plantio em área urbana.

i) É preciso enxergar ações em nível local (de município, bairro) que já deem respostas para problemas ambientais (falta de árvores nas cidades), pois conferências mundiais têm sido foco de governos de muitas nações para tratar do tema da “sustentabilidade” desde o surgimento da ONU, depois do pós-guerra e das reuniões que se iniciaram com o Clube de Roma, passando por

Estocolmo em 1.972, o lançamento do Relatório Brundtland, em 1.987, a Rio 92, a Rio +20 e continua.... No entanto, iniciativas locais que já existem há muito tempo e que têm ligação com a própria história recente do país, deveriam ser consideradas com prioridade.

HIPÓTESES

Foi pressuposto que:

a) O plantio em área urbana esteja diretamente relacionado com o modo de vida rural e de que aquilo que pode ser visto hoje na cidade seja reflexo ainda de uma diretriz de industrialização e urbanização adotados em décadas anteriores, por isso é que os plantios são associados em sua maior parte a aposentados;

b) As áreas públicas da cidade já estejam sendo cuidadas por plantadores e que uma busca por plantadores traria resultado positivo, para um levantamento inicial e como base para futuras pesquisas, partindo da própria vivência na cidade (isso foi percebido no começo apenas visualmente, com munícipes plantando e cuidando de espaço público, mais explicado na parte de metodologia);

c) Exista uma questão de cuidado na atuação dos plantadores de árvores que entra em conflito com a atuação da prefeitura do espaço público, baseada apenas na manutenção.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) investigar a ação de quem está plantando na cidade e em que regiões, em diversas áreas públicas, tomando para isso o Mapa de áreas verdes, praças, áreas de lazer e esporte e APPs da cidade, fazendo visitas *in loco*. Dessa forma, tanto identificando áreas em potencial como também os próprios plantadores de árvores.

b) Saber se há ligação de plantadores que plantam em áreas urbanas públicas com a origem rural, para refletir sobre as implicações do

reconhecimento de que existe ainda a presença de memória rural que pode ser investigado na cidade através de entrevistas com os que estão plantando árvores e, principalmente, que contribui para se pensar a relação do ser humano com a natureza e a qualidade de vida através de espaços passíveis de cultivo e cuidado em meio urbano (ver Apêndice II – Roteiro de entrevistas).

c) Saber sobre a noção de cuidado presente na ação desses plantadores para as áreas públicas. Contrapor, assim, a ideia de manutenção utilizada pela prefeitura a partir da noção de cuidado demonstrada pelos plantadores. A manutenção realizada pela prefeitura lida com o corte do que se considera genericamente mato, que pode atrair insetos, animais de pequeno porte e causar perturbação à população. A população, no entanto, parece lidar com outro tipo de conceito (ver Apêndice II – Roteiro de entrevistas).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. RETOMANDO AÇÕES POSITIVAS NA RELAÇÃO SER HUMANO E NATUREZA

Como interpretar a questão da destruição e do descaso que vêm sendo dispensados à natureza hoje? Devemos resgatar princípios que apontam para a preservação da natureza ou resistir e criticar o passado? No ocidente, é muito difícil fugir dessa resistência e de se posicionar criticamente ao que já foi, de forma que muitas vezes os esforços acadêmicos se resumem a observar e relatar os fenômenos relacionados à interação ser humano e natureza, com uma espécie de culpa por trás do pesquisador, que não foge à ética e moral humanas.

Pádua (2002), como historiador, em sua obra sobre meio ambiente no Brasil escravista, faz a seguinte ponderação, hoje essencial para o debate sobre a relação do ser humano e natureza e a direção das pesquisas ambientais na atualidade, o que tomei como reflexão para esta pesquisa:

“Não estou alheio à crítica feita por Simon Schama aos historiadores ambientais, no sentido de que esses tendem a priorizar os aspectos destrutivos da relação entre as sociedades e o mundo natural, deixando de lado uma ampla gama de relações objetivas e subjetivas, muitas das quais construtivas, que ocorrem cotidianamente”. (PÁDUA, 2002, p.20)

Neste sentido propus estudar um tema que está dentro dessa “gama de relações objetivas e subjetivas, muitas das quais construtivas, que ocorrem cotidianamente”. A escolha do objeto de estudo partiu do pressuposto de que existem pessoas trazendo soluções ambientais para a cidade. O ponto de partida, portanto, foi chamar atenção para o tema em si, o daqueles que plantam árvores e se dedicam a isso. Autores que falam sobre a relação do ser humano com a natureza foram estudados num primeiro momento, portanto.

Thomas (2010), como historiador inglês, se debruçando sobre a relação entre o ser humano e o mundo natural, se deteve longamente sobre isso e chamou a atenção também dos historiadores, alertando que o assunto sobre o papel do ser humano frente aos outros seres têm grandes implicações para a sociedade no que diz respeito à própria identidade humana. Como imaginar uma

sociedade responsável em termos humanos, mas irresponsável em relação a todos os outros seres da natureza?

“O assunto tem igualmente muito a oferecer aos historiadores, pois é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas” (Thomas, 2014, p.19)

2.2. O PREDOMÍNIO HUMANO SOBRE A NATUREZA SENDO REVISTO

Thomas (2010) procurou abordar a relação do ser humano com a natureza de um modo a enxergar diferentes linhas de pensamento e colocar em perspectiva a questão de um predomínio humano, que ainda hoje é presente na questão da discussão ambiental, seja na cidade, seja no campo. Ele posiciona esse conflito constante entre ser humano e natureza como base para a existência da própria ideia de civilização e de natureza humana, e afirma que houve um esforço de séculos pelos filósofos ocidentais na construção e reforço de uma autoimagem humana que se colocasse como diferenciada em relação à de outros seres (animais, plantas...).

Sheldrake (2012) concorda e contextualiza ainda a ciência dentro desse debate de predomínio humano e coloca que esse esforço ganhou ainda mais força e outras nuances com o Renascimento (comercial e cultural) e levanta questões sobre como isso afetou a relação do ser humano com a natureza e as implicações de dogmas científicos que vem sendo reafirmados academicamente ainda hoje. Esse autor o faz de um ponto de vista da história da ciência, retomando as principais teorias e descobertas da Física, Química e Biologia. Francis Bacon, segundo Sheldrake, teria sido o “primeiro e maior profeta da ciência moderna”, e a própria busca da ciência renascentista seria a de “conquistar a natureza” (Sheldrake, 2012, p.94).

A sua crítica está em refutar pressupostos dados como certos por círculos científicos contemporâneos com base na ciência produzida nos séculos anteriores. Segundo ele, o principal problema com a ciência hoje estaria no fato dela já determinar qual resultado espera alcançar, já que existiriam pressupostos sobre os quais não haveria mais necessidade de discussão, pois estariam corretos de modo geral, havendo mínimos detalhes a serem acertados, quando, na opinião desse autor, haveria de se rever todo um paradigma científico.

Sendo este um trabalho científico, não pode ser desconsiderada a crítica em relação ao modo como a ciência vem sendo feita. Sobre a questão de pressupostos com os quais se iniciar uma pesquisa e o papel da crença com o que o pesquisador precisa se confrontar, Sheldrake (2012, p.181) cita Thomas Kuhn:

“O historiador da ciência Thomas Kuhn mostrou que a ‘ciência normal’ é praticada dentro de um enquadramento compartilhado de suposições e práticas em comum, um paradigma. Fenômenos que não se enquadram – anomalias – são rotineiramente descartados ou ignorados. Cientistas são frequentemente dogmáticos e preconceituosos quando confrontados com evidência ou ideias que vão contra suas crenças”.

Sheldrake (2012, p.7) aponta que haveria uma determinação de pressupostos como verdadeiros mesmo antes do início da pesquisa, que determinaria, por conseguinte, a própria pesquisa. Para os propósitos deste trabalho, as colocações de Kuhn são importantes, porque mostram que existe uma limitação na abordagem técnica apenas da natureza (como é a terminologia “recursos naturais”) e a necessidade de se abordar a questão da natureza junto com o homem e não a partir de sua exclusão do processo. Incluir o homem para dar soluções ambientais, esse seria um novo paradigma de não separação entre homem e natureza. Além disso, nesse trabalho procurei expor que é possível encontrar em Araras por diversos pontos da cidade esse novo paradigma.

Outra citação importante de Sheldrake (2012) retoma uma fala de Karl Popper, que disse que a ciência se baseava em um “materialismo promissório”, porque seria como emitir notas promissórias para descobertas ainda não realizadas. Essa aposta em uma abordagem materialista vem sendo majoritária em círculos científicos por dois séculos, segundo Sheldrake (2012).

2.4. RELIGIÃO E MEIO AMBIENTE: NOVAS DIREÇÕES EM ESTUDOS AMBIENTAIS

Thomas (2010) sugere uma grande relação entre a visão ressaltada por interpretações no Antigo Testamento por membros do clero e uma prática violenta do ser humano em relação aos animais. Apesar disso, não afirmou categoricamente que a religião é culpada pelos problemas ambientais nem pela conduta do ser humano, mas mostrou existir uma associação entre discurso e

prática na Inglaterra. Então, procurou a correlação existente e as outras posições intelectuais dentro do ocidente para se abordar essa questão. O que fica de seus escritos é que há na sociedade ocidental uma soberania humana sustentada de diversos modos, não só pela interpretação de escrituras religiosas.

Autores hoje já vêm fazendo a ligação entre a cultura e as tradições humanas, inclusive religiosas, com a questão ambiental, afinal pode-se observar com clareza entre as diversas culturas que as tradições e crenças possuem correspondência clara no modo de vida das pessoas. Horrell *et al.* (2015) colocam essa questão em uma revisão de literatura a respeito da ligação entre leituras bíblicas e suas implicações ambientais da seguinte forma: existem aqueles que resistem em fazer essa ligação – ou seja, não querem admitir haver ligação entre um e outro, por diversos motivos – e aqueles que procuram resgatar aspectos ambientais nas escrituras, admitindo que existem referências e devem ser estudadas mais a fundo.

Estudiosos, como Jenkins *et al.* (2016) vêm dando atenção ao fato da religião ter papel-chave na relação do ser humano com a natureza, inicialmente tenta discutir um pressuposto simples para iniciar linhas de pesquisa, o próprio fato das religiões terem importância na determinação das ações dos homens e, portanto, na sua relação com a natureza, como já foi levantado nas conferências sobre Religião e Ecologia em Harvard (1996 a 1998):

“Entre as presunções mínimas que tornam o debate possível entre programas de pesquisa diversos está pelo menos este: as relações ecológicas da humanidade têm dimensões religiosas e culturais” (Jenkins, 2016, p. 22).

Vale notar que para autores indianos (Dwivedi, 1993; Nelson, 1998; Renugadevi, 2012) existe uma correlação direta entre respeito-cuidado pela natureza e as escrituras sagradas hindus, e é mais fácil encontrar nos textos deles uma convicção nas tradições hindus como benéficas ao meio ambiente, diferente do que encontramos muitas vezes em discussões ocidentais, em que há uma disputa acirrada sobre o assunto. Um marco recente no meio científico a respeito disso é a crítica de Lynn White publicada na *Nature* em 1967, afirmando que o “cristianismo” medieval teria sido o grande culpado pela destruição do meio ambiente (Horrell *et al.*, 2015; Dwivedi, 1993). Nelson (1998)

diferencia a relação que se estabeleceu entre religião e meio ambiente nos Estados Unidos e na Índia:

“Enquanto no contexto da América, o primeiro grito de mobilização para a ação ambiental veio de cientistas e ativistas sociais, com teólogos tendo interesse póstumo nessa questão, na Índia, desde o início houve um apelo às tradicionais sensibilidades religiosas no apoio a questões ambientais” (Nelson, 1998, p.12).

Na leitura de Dwivedi (1993), Nelson (1998) e Renugadevi (2012), esse tipo de disputa pela verdade é bem menos expressiva. Seria isso evidência clara de que por lá há mais observação de princípios de conduta em relação ao mundo natural, e que isso não ocorre no ocidente? Com isso parece concordar Thomas (2010), quando se lê sua obra, embora ali ele procure salientar uma mudança na visão do povo inglês em relação ao mundo natural. Fica claro nas citações suas que parte dessa mudança vem, além da mudança das pessoas para as cidades, do choque cultural com o hinduísmo.

Há, por exemplo, na Índia, registro de morte de centenas de pessoas (os *Bishnoi*) em séculos passados por defesa das árvores (Dwivedi, 1993). Embora tenha havido recentemente várias ações ambientalistas em defesa das árvores, situações em que pessoas se manifestaram contra o corte de árvores têm referências mais antigas no oriente e atitudes de valorização de outros seres e da natureza. Ainda que não seja uniforme, como coloca Thomas (2010), essa relação de predomínio do ser humano sobre os outros seres no ocidente é bem mais clara.

Tanto em Thomas (2010) como em Horrell *et al* (2015), percebe-se que as interpretações ambientais sobre a Bíblia recaem geralmente na leitura do Gênesis do Antigo Testamento, em que a maior parte das interpretações e críticas a elas em relação ao domínio humano se encontra. Horrell *et al* (2015) argumenta que não há razão para supor essa supremacia nem no Antigo, nem no Novo Testamento, mas reforça que no Novo Testamento a visão de predomínio do ser humano sobre a natureza não é encontrada. A crítica de Lynn White, em publicação na *Nature* em 1967, é rebatida por Horrell *et al* (2015) e Dwivedi (1993), já que o cristianismo, na parte do Novo Testamento, se diferencia claramente tanto da escritura em si como da interpretação e possibilidade de interpretação. Enquanto no Antigo Testamento, há abertura

para uma interpretação de predomínio humano, no Novo Testamento, é mais difícil defender tal posição.

Uma das passagens mais citadas em relação e ensinamentos no Novo Testamento em relação à natureza, por exemplo, encontra-se em Mateus (6:25-34) ou Lucas (12:27-31), como cita Horrell *et al* (2015). Essa passagem dificilmente autorizaria uma interpretação do predomínio humano sobre a natureza e é uma das mais conhecidas da Bíblia:

“Então Jesus disse aos seus discípulos: ‘É por isso que eu digo a vocês, não se preocupem com suas vidas, sobre o que vão comer, nem com o seu corpo, sobre o que vão vestir. Pois a vida é mais importante do que o alimento, e o corpo é mais importante do que as roupas. Considerem os corvos: eles não plantam nem colhem, e eles não têm dispensas nem depósitos, mas Deus ainda os alimenta. E vocês têm muito mais valor do que as aves! E qual de vocês pode acrescentar, por mais que se preocupe, uma hora ao total da sua vida? E se a preocupação não pode fazer uma coisa tão pequena como essa, por que se preocupam com o resto das coisas? Considerem os lírios, como eles crescem; eles não trabalham e nem fazem roupas para si mesmos. Mas eu falo a vocês que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, usava roupas tão bonitas como um deles. E se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje e amanhã é lançada ao fogo para aquecer o forno, quanto mais ele vestirá vocês, homens de pouca fé! Então não busquem ansiosamente o que comer ou beber, nem se preocupem com isso. Pois todas as pessoas do mundo correm atrás destas coisas, mas o Pai de vocês sabe que precisam delas. Em vez disso, busquem o reino de Deus, e todas estas coisas serão dadas a vocês também’.” Lucas (12:27-31)

Na tradição védica da Índia, por exemplo, as interpretações sobre a natureza e o cuidado com os outros seres e com o ambiente e seus elementos é bem expressiva (Dwivedi, 1993; Nelson, 1998; Renugadevi, 2012), havendo inúmeros exemplos sobre conhecimento de aspectos ambientais (descrição da importância das árvores, sobre cuidado com poluição das águas, entre outros) e da manutenção de uma tradição de respeito à natureza, com implicações mesmo para a vida prática, como no caso de movimentos para salvar árvores, tanto no grupo dos *Bishnoi* quanto no movimento *Chipko* mais recente, que ficou conhecido mundialmente e inspirou outros movimentos ecológicos dentro da Índia (Dwivedi, 1993).

2.5. ARARAS EM UM CONTEXTO DE APOSTA NO PROGRESSO

Para esse estudo, é preciso notar pontos de interesse em relação ao estudo do campo e da cidade e início com a reflexão sobre a aposta do país em uma ideia de progresso e desenvolvimento. No Brasil, o êxodo rural teve grande impulso com a ideia de progresso, uma ideia adotada desde o final do século

XIX. O estado brasileiro, portanto, já vinha apostando em um materialismo promissório, o mesmo que vinha sendo colocado pelos filósofos do Renascimento. Sobre isso, Pádua (2002) observou como fundamental na formação do pensamento ambiental no Brasil a referência renascentista, já que os brasileiros iam estudar em Portugal principalmente, absorvendo a ideologia da época que vigorava por lá. A ideia de que o Brasil se tornaria um país industrializado e urbano surgiu, portanto antes mesmo disso vir a ser uma realidade, em forma de uma busca por uma ideologia de progresso, mais tarde expresso claramente na bandeira da República.

Recentemente, porém, vários estudiosos vêm debatendo essa questão e contestando a ideia de que o Brasil é um país urbano (Bispo e Mendes, 2010). Veiga (2002) apontou categoricamente que o Brasil não é urbano como mostram as estatísticas. O que parece das análises é que o IBGE determinou critérios para se enquadrar os dados dentro do que poderia ser considerado urbano, com um viés de pesquisa. O decreto-lei que estipulou os critérios para o que seria considerado urbano ou rural é de 1938, conhecido pelo direcionamento do estado na condução da industrialização brasileira, e consequente urbanização.

Dentro do pensamento sobre progresso e desenvolvimento e a questão do rural e do urbano no Brasil, Carneiro argumenta que a ideia de homogeneização do campo pela cidade deva ser revista, citando que essa forma de pensamento se encontra tanto em autores europeus, tais como Lefebvre, Duby e Mendras como também no de brasileiros, como Graziano da Silva e Ianni (CARNEIRO, 1998, p.53).

Com base na questão do critério adotado pelo IBGE, fica a pergunta: como dissociar estes dois fatores, os rumos que o governo queria tomar do critério que estipulou para definir o que era urbano e rural, se era justamente o objetivo do poder estatal naquele momento industrializar e urbanizar o país?

Não por acaso, desde que se adotou tal critério, na visão do IBGE, o país só cresceu percentualmente como país urbano (Bispo e Mendes, 2010, p.4). Até então, não havia definição para se caracterizar área urbana e rural no país oficialmente.

Oficialmente pela Organização das Nações Unidas, o mundo é predominantemente urbano (ONU, 2007). E quanto o plano nacional brasileiro

não estaria atrelado a uma ideia de progresso geral das nações, homogeneizando as estruturas estatais em conformidade com um plano internacional? As cidades passando a ser prioridade em relação à moradia, mas não atendendo à necessidade por natureza e incorporando a ideia de desenvolvimento sem levar em consideração a questão da convivência com outras formas de vida?

E o que se pretende nessa pesquisa é mostrar que não só em termos de número e critério, mas também em termos dessa convivência e no aspecto dos hábitos de vida rurais preservados pelos moradores das cidades, isso também pode ser revisto e estudado com mais profundidade, especialmente com os plantadores.

Vale ressaltar um trecho da obra de Thomas que faz alusão justamente a uma mudança da mentalidade de predominância pura do homem sobre os outros seres associada com uma mudança do homem do campo para a cidade, em que a ideia de progresso começa a ser contestado na percepção dos moradores da cidade (no estudo dele, tomando a Inglaterra industrial como exemplo):

“No início deste livro sugerimos que, ao começar o período moderno, o domínio do homem sobre o mundo da natureza seria a meta incontestada do esforço humano. Por volta de 1800, ainda era esse o objetivo da maioria das pessoas – alvo, aliás, que pelo menos parecia firmemente ao seu alcance. Entretanto, a essa altura tal objetivo já não estava imune a controvérsias. Surgiam dúvidas e hesitações sobre o lugar do homem na natureza e o seu relacionamento com outras espécies. O estudo cuidadoso da história natural fizera cair em descrédito muitas das percepções antropocêntricas dos tempos anteriores. Um senso maior de afinidade com a criação animal debilitara as velhas convicções de que o homem era um ser único. Uma nova preocupação com os sofrimentos dos animais viera à luz; e, ao invés de continuarem destruindo as florestas e derrubando toda árvore sem valor prático, um número cada vez maior de pessoas passava a plantar árvores e a cultivar flores para pura satisfação emocional” (Thomas, 2010, p.289)

Vale destacar que uma das principais modificações na sociedade inglesa que levou à mudança de mentalidade foi a urbanização crescente e a constatação da piora da qualidade de vida em ambiente urbano. Se no renascimento a cidade era sinônimo de civilidade, a qual marcava bem a distinção entre ser humano e animal, o que os filósofos ocidentais, cada um a seu modo, se esforçaram por determinar como verdade, isso deixou de ser verdade quando as cidades inglesas começaram a sofrer com a falta de cuidado e problemas de toda ordem, principalmente associados a trabalhos precários associados à industrialização e à poluição. As cidades-jardim concebidas por

Howard no início do século XX tem raízes na crítica àquelas condições de vida contrárias a uma cidade que fosse tão inóspita para os seus habitantes (Howard, 1902).

Ainda que muitos autores tenham enxergado por muito tempo o progresso e desenvolvimento como inevitáveis, hoje essa posição tem recebido fortes críticas, afinal por mais que haja desenvolvimento tecnológico, há também movimentos de permanência ou resistência. Carneiro (1998), Veiga (2003) e Rua (2005), aqui no Brasil, por exemplo, contestam a ideia de que o Brasil é um país predominantemente urbano hoje, pois a impressão de que o desenvolvimento é homogêneo, de que as cidades tendem a dominar o campo e a tecnologia dominar o ser humano tem nuances que não estão sendo consideradas pelos que querem fazer avançar o progresso ainda mais rumo a uma ideia de tecnocracia na sociedade.

Conforme colocam Piva e Garcia (2013), o Brasil passou por planos de desenvolvimento industrial, a partir do governo de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945, e posteriormente no governo de Juscelino Kubitschek. Em relação ao município de Araras, esses autores, estudando a urbanização do município, ressaltam que Café Filho e Juscelino Kubitschek entregaram prêmio de honra à cidade pelo alto grau de mecanização e desenvolvimento atingido durante seus governos. Portanto, Araras, que nasce da ocupação de seu território por fazendas de café, é vista como um polo de desenvolvimento e mecanização na agroindústria hoje, tendo substituído o beneficiamento do café pelas usinas de cana-de-açúcar (os dois contemplados no brasão da cidade).

O café paulista, atrelado à economia internacional, recebeu forte golpe com a crise da bolsa de 1929, e houve um período de substituição local pela cana (o que continua até hoje) e mandioca e a industrialização associada (PIVA e GARCIA, 2013). As três culturas tiveram seu aproveitamento associado ao desenvolvimento industrial e por isso se estabeleceram como avanço e não atraso em relação ao progresso. Então, o cultivo, mesmo que de uma só cultura por vastas extensões, depredando outras formas de vida e a natureza do estado (que é o mais desmatado do Brasil por conta daquela injeção de investimentos), segue a ideia da Revolução Verde, que está presente ainda hoje na ideia associada ao município de Araras.

Assim, os campos são cada vez mais deixados na mão da agro-indústria local, terras arrendadas, e as pessoas vêm para o centro urbano da cidade, que até a década de 40 se restringia apenas ao bairro Centro. Hoje, os dados do IBGE mostram que Araras está bem acima da média nacional em relação à presença de pessoas na cidade, de acordo com o último censo (IBGE, 2010), com quase 95% das pessoas vivendo em área urbana. Em 2010, a cidade contava com 118.843 habitantes, com estimativa de 128.895 para 2015. Desse total, o percentual de trabalhadores no campo é também muito pequeno, acompanhando os dados da ocupação territorial.

Então, o progresso que levou ao êxodo rural no município associado a uma ideologia adotada em nível federal, ainda estão bem presentes, com uma economia agrária mecanizada, pessoas morando na cidade, e muitas áreas de moradores arrendadas para o cultivo da cana-de-açúcar. Na cidade, a Natureza se modificou e muitos loteamentos foram feitos mesmo desrespeitando áreas de preservação.

2.6. O “TRANSTORNO DE DEFICIT DE NATUREZA” NAS CIDADES HOJE

No sentido de que a natureza é necessária para a vida humana, Louv (2005) defende que não é possível cuidar daquilo com que não se tem contato e, muitas vezes, nem se sabe da existência. Por que se haveria de cuidar daquilo que nem sequer faz parte da vida humana? É por essa linha de raciocínio que ele discute a falta de contato com a natureza das novas gerações hoje, principalmente nas cidades. Então, como recuperar visões positivas na sociedade hoje para se pensar na retomada de um contato com a natureza, se a natureza está sendo tirada do convívio e as novas gerações não têm contato direto com isso, mas com imagens de natureza distantes de sua realidade local?

Boff (1999) ainda aponta para o caráter de desumanização e de um processo de desenvolvimento que não leva em consideração nem ser humano, nem natureza. Louv (2005) reforça a perda do contato com a natureza, e pode-se perceber uma certa convergência entre autores no que diz respeito a uma

ideia maior de progresso adotada, que não leva em consideração os outros seres, mas a exploração por recursos naturais apenas.

As ações de plantio e cuidado de plantadores nas cidades envolvem a retomada de características de um modo de vida que já se transformaram profundamente com a mudança para a cidade, descaracterizada em relação ao modo de vida rural. Howard (1902) já havia criticado como o êxodo rural inglês impulsionado por uma aposta no progresso havia criado cidades das quais os habitantes não se identificavam, sem a natureza que tinham quando moravam no campo. Hoje, isso ainda persiste com as inovações dentro da infraestrutura urbana. Após a Segunda Guerra Mundial também, o mundo passou por transformações profundas no campo, com o que ficou conhecido como “Revolução Verde” – a “modernização do campo”, assim não só as cidades se descaracterizaram em relação ao campo, mas o campo aprofundou suas diferenças em relação à natureza.

2.7. A QUESTÃO DAS ÁREAS VERDES NA CIDADE E A ARBORIZAÇÃO

As áreas verdes são áreas sob atuação da administração pública municipal reservadas à presença de vegetação. Teoricamente, não há infraestrutura em uma área verde, diferente de uma área destinada ao lazer. Guzzo *et al.* (2006, p.22) conceituam áreas verdes públicas como:

“...espaço livre urbano público destinado em loteamento à implantação de vegetação e/ou conservação de vegetação natural ou implantada preexistentes, associado à destinação e implantação de equipamentos de lazer. Neste trabalho englobam os sistemas de lazer, os sistemas de recreio e as áreas verdes com número de cadastro de próprio municipal”.

A criação de parques está mais ligada a um planejamento de uma área em que se encontre tanto a natureza quanto o acesso de pessoas a um jardim, um ambiente de conforto e seja passeio público. Muitas áreas verdes hoje na cidade não se constituem parques, mas podem ser realmente áreas verdes, com presença de gramíneas, e não ocupadas e frequentadas pela população.

Muitas pesquisas recentes (AKPINAR *et al.*, 2016) apontam a necessidade e a importância de se manter áreas verdes nas cidades. Como colocam Gross *et al.* (2012, p.30), a questão das áreas verdes na cidade é ainda mais necessária quando a questão é considerar os bairros de baixa renda:

“Porém, no Brasil, apesar do reconhecimento acadêmico da importância das áreas verdes urbanas e da percepção de muitas pessoas de seus benefícios, há uma tendência de se ‘economizar espaços para o lazer’, principalmente nas zonas urbanas mais pobres e, como consequência, pode-se causar a deterioração da qualidade de vida dos habitantes.”

Dentro das proposições sobre áreas verdes públicas em cidades, esse estudo pretende fazer uma contribuição, visto que o ser humano pode modificar seu espaço e muitas vezes melhorá-lo, cuidar dele, através do plantio. A área verde deve ser repensada nesse sentido, pois há casos em que há intenção de pessoas em transformá-la em uma área de plantio, com atração de biodiversidade e melhora do meio ambiente local.

Bargos e Matias (2011, p.186) mostram como as áreas verdes não são conceitualmente bem definidas e há uma divergência de opiniões a seu respeito, confundindo-se com áreas livres. Propõem que as áreas verdes sejam conceituadas de acordo com a sua qualidade, de acordo com o porte das árvores. Apesar da proposição de que áreas verdes esteja ligada à imagem da vegetação, muitas vezes isso não é verdade, pois em uma área destinada a lazer ou esporte, mas que contenha grande quantidade de árvores adultas, serve mais como área verde do que àquela destinada a receber árvores no plano diretor, mas que não recebe plantio e nem cuidado e, em vez de área verde, é uma área de gramínea, geralmente povoada pela braquiária:

“Acredita-se que as áreas verdes podem ser classificadas segundo o porte da vegetação, e suas funções, pois se entende que estes podem ser aspectos que contribuem para ambientes saudáveis e agradáveis e que propiciam interações entre a sociedade e a natureza.”

Aqui, considere, então, principalmente o fator do solo livre calçamento ou qualquer tipo de piso que aumente a impermeabilização, havendo possibilidade de plantio pelos plantadores. Essa ideia geral poderia ser aplicada inclusive em calçadas, o que já acontece em muitos casos no município, facilitando manejo,

plantio e área verde urbana. Não foi objetivo do trabalho, mas transpareceu o seguinte fato durante a pesquisa: que as calçadas são o maior potencial verde da cidade, mais até do que as áreas verdes e na conclusão explicarei o motivo.

Nesse estudo, a característica mais relevante das áreas verdes em que plantadores plantam e cuidam é, portanto, estarem elas livres de pavimentação, podendo elas serem áreas com infraestrutura ou não, contanto que haja espaço permeável e passível de haver plantio, incluindo rotatórias, canteiros de avenidas e margens de cursos d'água. Este estudo se diferencia por adorar uma abordagem qualitativa, em que a voz de plantadores que plantam e cuidam de áreas verdes públicas é registrada e serve para reflexão na questão da gestão urbana.

Segundo Rossetti *et al* (2010), há um problema de campos de conhecimento conflitantes quando o assunto é arborização urbana e essa pesquisa pretende adicionar aos debates sobre o assunto o papel do plantador em áreas públicas, neste caso, áreas verdes, pelos motivos já expostos: convivência e cuidado com a natureza, que são os motivos mais fortes na defesa da natureza a meu ver hoje, retomando Diegues e Goetsch e o movimento contemporâneo de volta ao campo na Rússia. A administração pública considera aspectos técnicos para a manutenção de árvores, mas faltam estudos sobre a importância de plantadores comprometidos com a arborização e cuidado na cidade. De que forma os próprios habitantes vêm contribuindo com essa arborização e com plantios, e historicamente, não só por pressões recentes de agendas internacionais, como uma Agenda 21 ou uma Agenda 2030?

Morgenroth, Santos e Cadwallader (2015) alertam para o grave risco da falta de cuidado no manejo das áreas verdes hoje e equiparam os danos causados às árvores por funcionários utilizando roçadeiras e tratores à uma epidemia patológica. Na manutenção, como é praticada pela administração, evidencia-se uma preocupação com: o corte das gramíneas principalmente, que tendem a crescer muito em períodos de chuva; a poda e até retirada das árvores, para que não atrapalhem as vias e infraestrutura urbanas; o plantio de mudas com altura e espaçamento padronizados e o pensamento de adequar as árvores à estrutura urbana; a utilização de tutores na condução do crescimento da planta;

e com o trabalho realizado profissionalmente (hoje, isso é feito por uma empresa terceirizada).

Sobre o cuidado das árvores na cidade, são alguns aspectos que poderiam ser considerados: árvores frutíferas demandam cuidado maior. Está bem claro nos estudos levantados, e isso vem já de décadas de discussão a respeito da presença de árvores em ambiente urbano, que. Ainda assim, alguns autores discordam desse ponto de vista na discussão sobre arborização urbana e plantio de frutíferas. Valaski, Carvalho e Nucci (2008) indicam, em um breve estudo no bairro de Santa Felicidade, na cidade de Curitiba, que o problema é a falta de direcionamento, inclusive em termos de financiamento para profissionais que cuidem disso, pois:

“uma parcela significativa da população tem preferência por árvores frutíferas, mesmo em calçadas, e mantém seu cultivo, principalmente nas áreas onde o poder público não desenvolve uma arborização planejada.” (VALASKI, CARVALHO, NUCCI, 2008, p.12).

Essa afirmativa é reforçada em outro estudo, como o de Roppa *et al.* (p 8, 2007), em Santa Maria, no Rio Grande do Sul:

“Outra característica bastante enfatizada pela população seria da presença de flores e frutos (41,5%), que demonstra que um dos aspectos observados pelos moradores na implantação de espécies é a melhoria estética e funcionalidade do ambiente, que por sua vez indiretamente agrega valor econômico ao seu imóvel, mas principalmente lhes traz bem-estar e melhoria na qualidade de vida.”

Ainda que exista a constatação de que as árvores frutíferas plantadas por moradores não sejam adequadas, os autores defendem a introdução de espécies adequadas nativas para isso, para a atração de pássaros e fauna.

2.8. O CUIDADO NA RELAÇÃO DO SER HUMANO COM A NATUREZA

Muitos conceitos poderiam estar envolvidos com a questão aqui discutida sobre plantadores, mas foi escolhido retomar um princípio para se discutir a questão do plantio em área urbana, o cuidado. A ciência geralmente é protocolar, quando se refere ao meio ambiente e as ações seguem formas fixas e isso não é diferente em área urbana. O cuidado pressupõe maneiras de se chegar a um resultado, geralmente para preservar a vida. Portanto, o princípio, o valor ganha

precedência sobre a questão técnica, e a vida pode ser vista em seu valor intrínseco.

Sobre o cuidado, retomamos aqui Boff (1999), que o aponta como fundamental para a continuidade da vida e seu desenvolvimento. Suas reflexões são profundas nesse sentido, apelando para que o homem seja resgatado como ser também e faça parte da realidade, denunciando a tecnologia e a filosofia materialista como as soluções para os problemas atuais. Ao contrário, argumenta que há necessidade de se cuidar da vida, resgatando seu valor intrínseco. Assim, os plantadores que plantam e cuidam de espaços públicos são representativos para se discutir a questão. Em suas palavras:

“Neste sentido as repostas vêm sendo formuladas concretamente pelo conjunto das pessoas que ensaiam práticas significativas em todos os lugares e em todas as situações do mundo atual. Portanto, não há um sujeito histórico único. Muitos são os sujeitos destas mudanças. Elas se orientam por um novo sentido de viver e de atuar. Por uma nova percepção da realidade e por uma nova experiência do Ser. Elas emergem de um caminho coletivo que se faz caminhando.” (BOFF, 1999, p.10)

Quando conceitua o cuidado, coloca que o ato de cuidar pressupõe a responsabilidade, o envolvimento com a causa que foi abraçada, uma atitude, em que vários atos estão associados, para gerar uma noção geral de cuidar. Esse aspecto é aqui levantado, porque nas ações de diversos plantadores, é possível ver atitudes diferentes, mas que levam a uma noção de cuidado. Boff (1999, p.17) retomando o mito do Cuidado, o coloca como central na sua obra, como sendo a própria essência do homem, já que “Cuidado”, na fábula, fica responsável por cuidar do homem enquanto ele viver, ou seja, durante sua vida, o que está mais de acordo com a atividade do plantador, que muitas vezes se dedica pela vida a isso.

Percebe-se, então, que há uma ênfase na questão do cuidado por plantadores que plantam em áreas verdes públicas. Boff (1999) aborda a questão do cuidado da seguinte forma:

“Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, define, perde sentido e morre. Se ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta. Por isso o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana (que responde à pergunta: o que é o ser humano?). O cuidado há de estar presente em tudo. Nas palavras de Martin Heidegger: —cuidado significa um fenômeno ontológico - existencial básico. Traduzindo: um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana. (BOFF, 1999, p.13)

Embora isso seja subjetivo a princípio, traduzindo-se na questão do plantio em área pública por plantadores da cidade de Araras, podemos observar alguns aspectos que podem ser lembrados, que é o de zelar pela vida em última instância, tomar as medidas necessárias para que a árvore continue viva.

Nas cidades, que foram cada vez mais povoadas, pelo modelo adotado no campo, Louv (2005) chamou que o que está ocorrendo nas cidades é um “*deficit* de transtorno de natureza”, com as gerações mais novas sem contato direto com áreas de floresta, rios sem poluição, bosques e outras áreas naturais. Assim, os espaços com adensamento de árvores e biodiversidade são pequenos. E como as futuras gerações pensarão sobre a natureza se não tem uma convivência e nem uma imagem dela como memória, essa é sua indagação? Para que haja valorização de algo, é preciso que sua existência seja reconhecida primeiramente. Portanto, é muito importante ter em mente hoje não só o cuidado com a natureza, mas a noção de cuidado em conjunto, o homem cuidando de si e da natureza.

2.9. A NECESSIDADE HUMANA POR NATUREZA: ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS

Numerosos estudiosos vêm levantando dados suficientes para dar base à argumentação de que a presença da natureza na cidade é necessária. Muito do que era antes apenas percepção social hoje se tornou estudo científico e, principalmente, estudos sobre fisiologia dando conta de responder sobre os inúmeros benefícios da presença da natureza na vida das pessoas, seja através de estudos medindo desempenho de alunos em escolas com presença de verde, a importância de ter contato direto dos pés com a terra pelo *Earthing Institute* (OBER *et al*, 2010).

Assim como houve aposta no materialismo para se explicar muitos fenômenos e não se chegou a respostas inequívocas em vários séculos de dominação de um pensamento materialista, se fosse dado o mesmo incentivo à visão de Matteo Tavera, por exemplo, agrônomo e naturalista francês ligado ao movimento de agricultura ecológica da França, na década de 60, poderiam ter sido confirmados muito antes as observações que levaram Clint Ober a procurar

por resultados científicos para a ligação fundamental e elétrica existente entre o ser humano e a Terra. O seu trabalho é pequeno e direto (Tavera, 2008), não possui análise bibliográfica, mas se além às observações suas diretas, se assemelha às observações de Gotsch (1996, 1997), que só depois de muitos anos publicou a respeito de suas experiências com agrofloresta e através de linguagem simples, embora com conhecimento do assunto.

Importante observar que a resistência existe tanto dentro da academia em relação a ideias homogeneizadoras, como também na sociedade: da mesma forma como a dicotomia urbano-rural é desmistificada por autores como Carneiro (1998), Veiga (2003) e Rua (2005), dentro do que ficou marcado na relação entre homem e meio natural, principalmente no que se relaciona ao movimento conservacionista no século XX, Diegues (1996, 2000) faz uma crítica a um ideal de conservação com criação de reservas intocadas, que se popularizou pelo mundo, depois de sua idealização com a criação das unidades de conservação no Estados Unidos no fim do século XIX. Ainda hoje, por exemplo, haveriam aqueles como E. O. Wilson, criador da teoria sobre a biofilia (que postula que pelo processo evolutivo se explicaria a ligação entre homem e natureza, e, por isso, as experiências dos mais variados tipos estão validando os benefícios disso em termos fisiológicos, mesmo num contexto de vida contemporânea), tem proposto o esvaziamento dos espaços naturais para a recuperação (a ideia de metade do planeta despovoado para recuperação das áreas destruídas, como se fosse uma ideia de *pousio* da terra num sentido planetário).

A questão da discussão sobre “novas ruralidades” se relaciona com um ponto de vista de estudiosos que lidam com conservação, pois lidam com a questão espacial. Diegues (1996) adiciona à questão rural-urbano o culturalismo-naturalismo. Por esse viés, inferi que o homem na cidade hoje, com uma cultura do campo ainda presente na memória, venha a modificar a paisagem urbana com ações em prol do meio ambiente e da qualidade de vida. Moscovici (1972) destaca que o pensamento majoritário dentro da sociedade é a culturalista, em que a natureza é subjugada à vontade do homem.

Diegues retoma as discussões de Moscovici (1972) sobre naturalismo-culturalismo em seus estudos sobre conservação da biodiversidade para também, como aquele autor, propor a emergência de um outro tipo de conceito

dentro do naturalismo, que não exclua o homem da modificação de seu ambiente, mas ao contrário, o inclua e entenda que há um meio de se atingir uma integração com a natureza. Portanto, entre deixar a natureza intocada (que remete ao movimento conservacionista norte-americano do fim do século XIX) e modificá-la completamente, sem considerar “a natureza” como pessoa de direito, há a emergência de uma outra via, em que o homem faz parte da natureza e cuida dela.

Mesmo dentro da agricultura hoje, vem sendo trazido novos modos de pensar a produção do campo, considerando a natureza em sua biodiversidade. São exemplos disso Fukuoka (2001) e Gotsch (1996, 1997), por exemplo, são autores representativos de um pensamento que tem o aprendizado com a natureza como base para a produção de alimentos, contrário à “Revolução Verde” do pós-guerra, em que o campo sofreu fortíssimas pressões da indústria química de fertilizantes e pesticidas. Gotsch dá ênfase à recriação de florestas e também rediscute a ocupação do homem no espaço através de um reconciliação com a natureza, não deixando de utilizar a mecanização para acelerar processos naturais da floresta, com grande ênfase para poda e depósito de matéria orgânica no solo. Fukuoka (2001) praticava o que considerava a agricultura natural, com o mínimo possível de intervenção humana na agricultura.

Chevalier et al (2006) recentemente demonstraram que o aterramento do ser humano gera respostas fisiológicas positivas – o contato da pele humana com a superfície do planeta, sem isolantes, é o ponto reforçado por esses autores (OBER *et al.*, 2010) – isso inclusive explica cientificamente a razão do dormir no chão de povos nativos e o relaxamento proporcionado por andar descalço na areia da praia. Embora esses estudos não tenham sido abordados ainda sobre estudos em cidades, abrem enormes perspectivas para a área da saúde. Park et al (2015) analisam os efeitos fisiológicos do “banho de floresta”, como é conhecido no Japão, que é o tempo que se passa dentro de uma floresta com o intuito de restaurar níveis de atenção e diminuir o *stress*, diminuindo o cortisol, hormônio relacionado à resposta de luta ou fuga.

Dentro dos estudos sobre a presença da natureza na cidade, essas perspectivas são reforçadas. Akpinar *et al.* (2016) retomam grande número de pesquisadores que apontam existir uma correlação direta entre a presença de

áreas verdes e diminuição no stress, salientando que nos últimos trinta anos essa é uma linha de pesquisa que vem sendo estimulada, na tentativa de encontrar soluções para taxas tão altas de prescrições de antidepressivos e ansiolíticos e transtornos de humor, também afirmando que as áreas verdes sejam importantes como questão de saúde pública. Pesquisas psiquiátricas sugerem que o efeito do meio urbano na presença de distúrbios mentais. Como exemplo recente, procurou-se entender a relação entre a densidade de árvores em algumas vias residenciais de Londres e a taxa de prescrição de antidepressivos, indicando correlação positiva entre menos árvores e mais prescrições (TAYLOR *et al.*, 2015).

Na leitura de Akpınar (2016, p.416), é possível ver que hoje autores observam existir uma maior tendência de criadores de políticas públicas e profissionais da área da saúde em adotarem uma abordagem ecológica, além de se discutir a qualidade do “verde” dentro da cidade. Portanto, é necessário pensar no tipo de verde que se quer para uma área urbana. Lembrando que Dennis e James (2016, p.23) retomam também vários outros estudos para afirmar que nas áreas urbanas: a biodiversidade é menor, taxas de extinção de espécies são maiores, possuem menor riqueza de espécies para todas os grupos taxonômicos e densidade populacional relacionada a extinção de espécies de plantas. Assim, reafirma o caráter culturalista do modo de vida urbana, que exclui a natureza dos espaços, observado em uma abordagem de manutenção de áreas verdes, por exemplo.

Esse é um tema de particular interesse dentro dessa pesquisa, bem como a questão do manejo das áreas verdes pelas administrações públicas e o cuidado que o plantador tem. Morgenroth, Santos e Cadwallader (2005) em uma publicação pioneira realizada na Nova Zelândia aponta para um tipo de problema em gestão pública de áreas verdes que está sendo negligenciado, apesar de ser bem claro no pensamento popular: a de que o maquinário (roçadeiras e tratores) utilizado para fazer a manutenção das áreas verdes poderia se equiparar a uma doença ou uma epidemia patológica nas plantas, pois são muitas as perdas de árvores por conta da má utilização desses equipamentos.

É nessa questão que o cuidado com árvores e plantio pode ser uma resposta à ocupação de áreas verdes e sua gestão: identificar as árvores

frutíferas de uma cidade e organizar colheitas e olhar antes para o cuidado com elas do que para a manutenção, um conceito muito difundido e provavelmente de eficácia dúbia, seguindo conceitos mais recentes sobre a relação do homem com a natureza. Por que também, onde já existem as árvores, não adequar o calçamento, inclusive para a árvore possa receber mais nutrientes, expandindo a circunferência da coroa? A cidade hoje parece repetir a sina daquele modelo inglês que Howard (1902) já criticava pela falta de natureza. Prevalece, então, na visão de Milano (1996), por exemplo, o culturalismo.

Harri Lorenzi coloca que muitas vezes as árvores são vistas como postes, tal a falta de espaço que existe para ela se desenvolver, com o concreto ou calçamento logo cobrindo toda a área de copa projetada no chão. Não só por isso elas são vistas como postes. Em bibliografia especializada, a responsabilidade sobre as árvores recai sobre companhias elétricas dos estados (como Cemig, Elektro), tendo inclusive elas publicações a respeito, todas elas protocolares no tratamento com as árvores, manuais técnicos. Então, não é à toa que as árvores, como diz Lorenzi, são vistas como postes.

2.10. TENDÊNCIAS PARA SE PENSAR O HOMEM CUIDANDO DA NATUREZA

Hoje, além da discussão entre rural e urbano, há aquela entre área habitada e não habitada, que entra na consideração sobre unidades de conservação. Como divididos em áreas particulares, o urbano e o rural são antes regulados pela especulação imobiliária, enquanto as unidades de conservação são geralmente estatais (mesmo uma RPPN não está mais sob controle do proprietário), muitas delas fora da presença permanente do homem. Então, há um conflito dentro da visão geral de civilização seguido, entre áreas em que se pode ter contato com a natureza e onde não se pode. Geralmente, essas normas tendem a afastar mais do que aproximar o homem do convívio diário.

Diegues (1996) vai argumentar fortemente que o modelo de tirar o homem da natureza e criar ilhas de verde para visitação   mítico, não existe natureza intocada, e que as unidades de conserva o propostas internacionalmente precisam ser revistas, com o que concorda também Moscovici (1994), que pensa

em uma terceira via de desenvolvimento, não tanto o intocado e também não a livre iniciativa desregrada. Gotsch propõe uma nova concepção do papel ecológico do homem na natureza, em que ele está no planeta para regular as relações naturais, fazer parte da natureza e conviver com os demais seres (Gotsch, 1996 e 1997). É opinião desse autor que uma nova categoria de unidade de conservação deveria ser pensada: uma AIP (área de inclusão permanente), em que o homem permanece e cuida da natureza, recuperando uma área degradada.

Hoje, na Rússia há um movimento de volta ao campo inspirado pelas ideias contidas nos livros de Vladimir Megré (2008). Em comum com Goetsch, por exemplo, está o fato do homem ganhar papel principal na conservação do espaço e é visto como aquele que trará um ambiente saudável de novo para o espaço. Nesses casos, o que se ressalta é a relação do homem com a natureza, que precede a ocupação do espaço e a discussão rural-urbano, retomando questões da responsabilidade do homem frente aos outros seres do planeta, conservação das águas, florestas etc. As ideias ali presentes, fazendo um paralelo, estão sendo discutidas academicamente, em conferências, como em uma mais recente “O papel e as Condições de Desenvolvimento dos ‘Patrimônios Ancestrais’ na Transformação Econômica e Social da Rússia” realizado na Universidade Estadual de Moscou Lomonosov (especializada em ciências agrárias) em 25 e 26 de outubro de 2017. A ideia de patrimônios ancestrais está relacionada com a ocupação da terra de forma permanente pelo homem, para cuidar dela e ter também o sustento, mas não em uma lógica produtivista apenas.

Além disso, outra das implicações disso na política, pode-se ver em recente declaração de Alexander Lukachenko, presidente da Bielorrússia, em que o ano de 2018 foi escolhido naquele país como o ano da pequena nação, se referindo a esses ‘patrimônios ancestrais’ dos livros de Megré (2018), segundo o que cada família em sua pequena propriedade seria uma pequena nação, em que o cuidado com a natureza honrando ancestrais e as próximas gerações é prioridade e um modelo de vida a ser pensado e discutido, inclusive academicamente, em termos de viabilidade. Foi assinada uma lei em junho de 2016 pelo presidente russo também permitindo ao cidadão russo requerer

acesso à 1 hectare de terra no extremo leste do país (sendo ocupada e utilizada por um período de 5 anos, a propriedade é passada para o nome do proprietário).

2.11. O RECONHECIMENTO DO PLANTADOR DE ÁRVORES

Então, aqui, o aspecto da arborização urbana que está sendo levantado é justamente aquele que é mais passível de crítica por parte de especialistas. Em última instância, estou propondo que não se considere o ser humano como praga. Poderia ser feita uma pesquisa também para provar que em muitos casos é o que se está fazendo, depois da estigmatização dos outros seres. Como Thomas (2010) coloca, há uma clara indicação de que o homem trata o seu semelhante da mesma forma que trata os outros seres. Então, se não existe princípio de atribuir e se conscientizar sobre o valor intrínseco da vida, e não só como recurso natural, como hoje se vê, principalmente na academia, seria difícil evoluir na questão sobre as árvores na cidade, como explicarei posteriormente. Hoje, uma árvore é retirada simplesmente por critérios técnicos. Um especialista assina um laudo dizendo os motivos pelos quais ela deve ser retirada. Não há adequação da parte pública e o planejamento tão apregoado nas publicações não é nunca alcançado, tornando-se um ideal não funcional.

Não é difícil encontrar referências na literatura de ciências agrárias e florestais sobre pragas e, corroborando a ideia do predomínio humano e de seu controle sobre a criação, temos exemplos recentes, como o caso da luta do estado brasileiro contra a saúva (SILVA, 2010) ou do estado de São Paulo contra a broca do café, com grande cunho ideológico em relação ao “processo civilizador” que a broca (introduzida através da importação de variedades importadas de café) trazia para a economia cafeeira paulista, provocando enorme alarde (SILVA, 2006). Seria possível escrever sobre inúmeras espécies na natureza que estão sendo combatidas e, claro, uma indústria por trás que lucra com essa ideia de natureza-praga.

Passo aqui, então a reconsiderar o papel do homem, como autores citados antes o fizeram, como parte do seu ambiente, por isso procuro resgatar a figura do plantador de árvores, que veio à tona numa primeira etapa de pensar o estudo e aqui pretende-se pelo menos lembrar essa figura, um certo ideal que

existe por trás dela ou uma sabedoria pouco explorada, que tem a ver com as árvores também e a recuperação do nosso meio ambiente em escala global. Mesmo que a autoimagem de muitas pessoas que plantem na cidade esteja associada à de um plantador de árvores hoje, como se vê em reportagens jornalísticas sobre o tema, essa definição não é ainda considerada em estudos sociológicos e nem ambientais, disso é prova o próprio levantamento bibliográfico realizado em revista especializada em arborização com linha de pesquisa específica sobre o papel do morador (que infelizmente recai sobre sua percepção apenas, na maioria dos casos). Vale lembrar uma obra literária de destaque no assunto, de Jean Giono, “O Plantador de Árvores”, que inicia assim:

“Para um caráter humano revelar verdadeiramente qualidades excepcionais, deve-se ter a boa sorte de ser capaz de observar seu desempenho ao longo de muitos anos. Se esse desempenho é vazio de todo egoísmo, se seu principal motivo é a generosidade sem igual, se é absolutamente certo que não há pensamento de recompensa e que, adicionalmente, deixou sua marca visível sob a terra, então não pode haver erro. [tradução livre] (GIONO, 2002, p. 5)

Giono (2002) falava de um personagem fictício, embora seja possível encontrar muitos plantadores de árvores como o descrito por ele em sua obra, o que faz parecer que ele se inspirou em um exemplo verdadeiro. Não seria nada de mais levantar essa hipótese, já que, como bem colocou Pádua (2002), teríamos que rever as relações construtivas do homem em relação ao meio ambiente. Não só construções, saliento, mas a própria relação. Afirmo que já seja possível realizar pesquisas na cidade em que se levante o número de pessoas que conversam com plantas realmente. Isso validaria ainda mais a obra de Bird e Thompkins (1976).

Os casos de plantadores e cuidadores de árvores no Brasil são muitos. Hélio da Silva praticamente criou o Parque Tiquatira na zona leste de São Paulo com 19.000 árvores plantadas estimadas (ver Anexo I). Portanto, as ideias de reflorestamento e cuidado com a natureza que antes eram ideias ligadas ao campo somente estão cada vez mais se difundindo e ganhando momento nas cidades. Exemplo de plantadores de árvores pelo mundo em áreas naturais e descampadas devem ser melhor pesquisadas, para saber a capacidade do homem em regenerar o lugar em que vive com suas próprias mãos e inclusive saber mais dessa capacidade.

Aqui no Brasil, o exemplo é de Ernst Gotsch; no Quênia, Wangari Maathai; na Índia, Jadav Payeng; Jia Haixia e Jia Wenqi, na China, recuperando áreas que sofriam com alagamento; Yacouba Sawadogo, em Burkina Faso, recuperando uma área desértica. Um estudo mais pormenorizado seria interessante para atestar a capacidade do homem de recuperar as áreas degradadas por esforço próprio e com sementes.

Conceitos de agroecologia e agrofloresta procuram estabelecer diretrizes para isso. Gotsch (1996, 1997) e Fukuoka (2001) acreditam em uma agricultura sem tanta intervenção humana e trazem o argumento de que a natureza é quem faz o trabalho todo, e que o homem precisa aprender a observar e fazer parte do processo e cuidar, sem impor sua vontade. Assim como Fukuoka (2001) com a agricultura natural obteve resultados satisfatórios no Japão com plantio direto, sem arar a terra, Gotsch tem conseguido resultados no Brasil, com clima, fauna e flora distintos, obtendo tanto reflorestamento como produção de alimentos sem utilização de insumos externos. Muitos que plantam e cuidam na cidade utilizam matéria orgânica do próprio local e tem visão diversa da apresentada sobre as folhas serem sujeira para o passeio público.

Walter Rissi em Pirassununga (ver Apêndice I) planta desde criança, mostrando que o ato de plantar traz a permanência da tradição, indígena, no caso, e que esse ato abrange mais do que o ato de plantar árvore, mas também envolve todos os processos naturais, da coleta de sementes ao plantio, chegando ao impacto e mudança no seu bairro, disponibilizando mudas na calçada para todos. Esse último caso dá pistas sobre o que há por trás desses plantios: uma tradição de ligação com o campo e com a natureza, e não só uma questão de arborização urbana, tecnicamente falando.

Viveiro e Gonçalves (2015) publicaram a respeito de iniciativas de plantio na cidade, uma tentativa de iniciar a discussão do tema, a partir de um mapeamento de iniciativas de protagonismo ambiental, incluindo aí não só plantadores “isolados”, mas grupos e outras formas de atuação na cidade. A revisão bibliográfica realizada pelos autores chega ao resultado de que não existe bibliografia específica sobre o tema. Também, foi criada uma página em uma rede social (Facebook) denominada “Plantadores de Árvores”, para sondar experimentalmente possíveis plantadores de árvores de diversos tipos. A

conclusão sobre a parte experimental foi a de que muitas pessoas foram atraídas para o grupo, mas nem todos entraram com o objetivo de trocar experiências sobre plantio. Há muitos movimentos de pessoas que se encontram para plantar árvores hoje e também isso está já sendo extrapolado para políticas nacionais, com países se comprometendo a plantar e, inclusive, batendo recorde de plantio em um único dia, como é o caso da Índia. Para mais informações a respeito das reportagens, ver Apêndice I.

2.12. O MORADOR EM PUBLICAÇÕES SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA

Vale lembrar inicialmente que a bibliografia especializada sobre arborização em área urbana não leva em consideração uma outra categoria social: o plantador de árvores. Muito pode ser discutido sobre a validade ou não de se reconhecer tal categoria, mas aqui é dessa maneira que é colocado. O morador, que dedica muitos anos de sua vida ao plantio e cuidado, e que tem uma relação sentimental e profunda com o plantio e com a Natureza, não pode ser simplesmente categorizado como alguém passivo dentro da escolha do ambiente urbano que quer, dentro de um pensamento coletivo. No entanto, as publicações não irão entrar no mérito dessa redefinição e o que aparece nelas é o morador, não o plantador de árvores.

Dos 73 artigos levantados no período de 2007 a 2016 na REVSBAU (Revista da Associação Brasileira de Arborização Urbana), 33 deles citam a palavra morador em seu texto, muitos para explicar ou justificar o próprio estudo conduzido. Vale lembrar que na maioria dos casos, os artigos lidam mais com árvores em calçadas, as árvores em frente a suas residências. Aqui, deixo claro também que o periódico escolhido para a pesquisa é representativo de um pensamento maior, mesmo que o recorte temporal seja aqui pequeno. As críticas aqui colocadas não se referem a pessoas ou à publicação em si, mas a ideias contidas nas publicações, para o que converge o pensamento de diversos autores.

Então, existem alguns elementos identificados a serem reconhecidos dentro do que seria ideal de planejamento na arborização urbana, a partir da leitura desses artigos, que refletem discussões bem antigas a respeito do tema:

a escolha inadequada da espécie (culpa maior na falta de “planejamento” segundo vários autores) e, sendo o morador aquele que planta a espécie inadequada, ele não tem conhecimento, por isso ele aparece associado e como protagonista da “falta de planejamento”.

Então, fica muitas vezes sem explicação a questão de como planejar adequadamente o plantio, como fazer tudo da maneira como se entende tecnicamente ideal, pois na realidade o plantio vem ocorrendo de forma diferente. Então, existe um descompasso entre ciência e sociedade. Parece que esse tipo de planejamento está sendo comercializado e até operacionalizado, mas não na parte pública e não com a maior parte da população.

Por parte da administração e da equipe técnica, temos: escolha adequada da espécie, modo de plantar, poda (muitas vezes porque a árvore se desenvolve rumo à fiação, responsabilidade da companhia de energia elétrica) e supressão. Por parte do morador, existem seus fatores culturais, valores e convivência com a natureza local, mas não sendo dado valor a esse aspecto.

O que fica saliente na maioria dos artigos analisados (e isso é uma inferência também para os outros 40 artigos em que o morador nem é citado, portanto a maioria dos artigos) é que há uma aposta ainda na técnica, em vez de um outro tipo de entendimento em que o morador é valorizado.

Na opinião de Colletto *et al.* (2008, p.119), a administração é responsável tecnicamente e por um plano, e a população, pelo cuidado e como colaboradora e até imprescindível para o sucesso da arborização, mas vê-se ainda um conservadorismo na forma de tratar o tema:

“- A maior parte dos problemas verificados decorre dos plantios voluntários promovidos pelos próprios moradores, nos quais não há observância aos padrões técnicos, o que ocasiona conflitos. A tarefa de arborização deve ser desempenhada pela administração municipal, adotando-se critérios técnicos para seu planejamento e execução. A população deve estar consciente do processo e participar responsabilizando-se pelo cuidado da arborização, pois o sucesso de um projeto de arborização é diretamente proporcional ao comprometimento e à participação da população local.

– É necessária a definição de uma política municipal de arborização urbana, a ser viabilizada através de um plano de arborização urbana que respeite os valores culturais, ambientais e de memória da cidade. Por tratar-se de um município novo, Sete de Setembro tem amplas possibilidades de evitar os problemas que a falta de planejamento já está ocasionando e de usufruir de todos os benefícios de uma adequada arborização”.

Damo *et al.* (2015, p.44) também defendem o planejamento adequado (quem defenderia o planejamento inadequado?), mas percebe-se o tratamento da árvore como um “componente arbóreo”, delineando um pensamento de que a árvore é coisificada:

“...para o pleno aproveitamento dos benefícios referidos e do papel indispensável do componente arbóreo para a qualidade ambiental das cidades e o bem-estar de seus moradores, deve-se atentar para a importância de haver planejamento adequado da criação, manutenção e manejo de áreas arborizadas. O plantio de árvores inadequadas à estrutura urbana gera conflitos com fiações elétricas, encanamentos, calhas, calçamentos, muros, postes de iluminação, etc.

São do mesmo parecer Lacerda *et al.* (2010) em suas conclusões de um estudo de “percepção”, em que o morador é colocado como passível de observação simples de suas ações. Nesse caso, todos os que assinam o artigo são de área da agronomia ou ciências florestais, com uma posição mais conservadora a respeito do plantio também:

“A arborização existente não foi planejada por parte dos órgãos competentes, cabendo aos moradores escolherem e manejarem as espécies. Os problemas da arborização urbana relatados pelos moradores são decorrentes de plantios realizados por eles próprios, não seguindo os padrões técnicos recomendados. Há necessidade de melhoria na arborização da cidade cuja tarefa deve ser desempenhada pela administração municipal em parceria com as Universidades, que deverão adotar critérios técnicos para seu planejamento e execução.”

Mesmo quando a questão é inventariar as árvores, foco de estudos de caráter taxonômico, Almeida *et al.* (2009, p.8) aponta para a falta de informações para se fazer uma pesquisa, portanto mesmo as publicações sobre arborização urbana não têm prioridade para a gestão pública:

“Como os plantios de árvores frutíferas nas vias públicas não foram realizados de forma sistemática e também muito deles foram realizados informalmente por moradores, foi impossível se obter previamente a quantidade e as espécies existentes na cidade de Curitiba. Esta informação só poderia ser obtida através de um censo, isto é, um inventário total das árvores frutíferas plantadas em calçadas. “

Deixo aqui uma colocação que tem a ver com a discussão dentro do referencial teórico: não é foco da administração nem da sociedade hoje a natureza, ela está em segundo plano em relação a planos estatais de desenvolvimento, tanto em relação a princípios a serem seguidos na sociedade pelos indivíduos (envolvendo a cultura e a tradição de cada um), lembrando que

Donadelli (2016) reforça a ideia de que ciência e políticas públicas no Brasil estão dissociadas. Então, a posição dos cientistas precisa ser além da de publicar se comprometer a fazer chegar os resultados para a sociedade, porque não há via automática entre academia e políticas públicas e sociedade, é preciso encontrar meios de difundir as reflexões e pesquisas acadêmicas.

Aspectos negativos envolvendo plantio “sem planejamento” e morador são lembrados em vários dos artigos. Araújo *et al.* (2010) em um estudo sobre percepção de residentes de bairro em Campina Grande, cidade conhecida pelo plantio de árvores. O argumento da sujeira das calçadas, por exemplo, aparece nesse estudo também, junto com sujeira provocada pelos pássaros, problemas na calçada, com a rede elétrica, iluminação pública. O argumento da espécie errada a ser plantada aparece mais uma vez nesse estudo, havendo uma não correspondência entre o que seria adequado cientificamente e a realidade urbana, aspecto que mais chama atenção na leitura dos artigos relacionados à arborização urbana.

Existe uma grande quantidade de benefícios que a árvore traz e isso precisaria ser melhor enfatizado, com citações de outros trabalhos internacionais com ênfase também na saúde pública, mesmo porque geralmente em estudos sobre percepção com moradores são abordados os mesmos fatores que são popularmente conhecidos e não trazem renovação no pensamento, com a sombra ganhando destaque por aqui, principalmente por ser país com predomínio de clima quente (LACERDA *et al.*, 2010). Porém, o que existe é um discurso que retorna sempre aos “problemas” trazidos pelas árvores e os moradores que plantam de forma inadequada, reforçando uma ideia de conflito com a natureza e da técnica e razão colocada como a solução para o problema.

Aqui, quero salientar que foi justamente a crença no progresso e na solução pela técnica que levou à aposta em cidades superlotadas que levaram a problemas de conflito do homem com a natureza na cidade (e provavelmente não é pela técnica e pelo olhar de justiça, de quem é o culpado pela situação somente, que se chegará a um desfecho da questão). Como se vê nessa passagem de ROPPA *et al.* (2007, p.18-19):

“Porém quanto à presença de frutos nas árvores, observa-se um ganho ambiental e econômico, pois serve de atrativo e muitas vezes de refúgio para a avifauna urbana e de alimentação para os moradores, mas em muitos casos,

dependendo da espécie, causa transtornos e desvantagens como a sujeira das calçadas (..) Entre as desvantagens apontadas destacaram-se: sujeira das ruas e calçadas (38,5%), problemas com a rede aérea (35,4%) e problemas nas calçadas (26,2%), sendo que todas estas desvantagens, somente são originadas devido à falta de informação desta população no que se refere à arborização urbana e a falta de orientação técnica para recomendação de espécies adequadas as condições encontradas no ambiente da Vila, visto que a grande parte das espécies presentes na arborização foram introduzidas pelos próprios moradores”.

Geralmente, planejamento nos textos corresponde à ideia de que algo tinha que ser feito no passado de outro jeito – o plantio, a ocupação territorial urbana, um plano de cidade preparada para o plantio (o projeto de uma cidade-jardim, por exemplo) e não o foi, e isso é utilizado para que decisões drásticas possam ser tomadas no presente sem necessidade de muita argumentação com a população por parte da administração pública.

É por isso que muito do embate sobre como a árvore deve ser plantada e sobre uma falta de planejamento no plantio associado ao morador quem resolve é a companhia de energia elétrica. Muito daquela imagem da árvore vista como poste vem da relação existente entre árvore e fiação elétrica. Não é sem razão que os manuais técnicos publicados são financiados por empresas como Cemig, Elektro, e pensados para que a manutenção da fiação elétrica não sofra com nenhum tipo de interferência. Nesse contexto, a figura do morador não precisa ser considerada e assim continua a ser negligenciada e associada à falta de planejamento e inadequação. Muito menos é associada a uma figura ideal de plantador de árvores.

Em Americana-SP, em uma pesquisa de plantio participativo entre prefeitura e população, pode ser observado o fato que a arborização muitas vezes não é desejável pela população em frente às suas residências por conta de sujeira, ou problema com a fiação, poda e custos para se resolver problemas associados a isso, em termos de tempo e dinheiro. A calçada verde traria ainda mais problemas nesse sentido e ainda é desconhecido do público. Muitos desses aspectos observados em pesquisa de Silva *et al.* (2007) é também realidade no município de Araras e várias outras cidades no país, pois o cuidado com a árvore envolve custos, problemas com a fiação e sujeira.

Os aspectos negativos são maiores quando a questão da arborização se estende por áreas verdes. Gross *et al.* (2012) colocam que há uma associação de uma área verde em um bairro periférico da cidade de Lages/SC com insegurança (56% dos entrevistados da pesquisa sobre o Módulo Manduhy). Isso também é questão comum em relação à arborização urbana. As árvores trariam uma certa invisibilidade a ações ilegais, como porte e uso de drogas ilícitas, roubos e estupros, com lugares propícios a esse tipo de prática. Então, seria mais simples não ter essas áreas do que tê-las, alguns argumentariam.

Quando a questão é a falta de plantio, uma questão que não é mencionada, e que deveria ser levantada, porque se relaciona com uma questão maior dentro das cidades: a imobiliária. Quando há observação de plantio em áreas públicas, muitas vezes, por aposentados, há uma certa estabilidade já alcançada pela pessoa, com casa própria. Nos artigos lidos, tanto há uma relação entre tempo em que o morador está na casa ou se a casa em que está o morador é própria. Em caso negativo, há menor chance de comprometimento com o plantio. Oliveira *et al.* (2013)

Apesar de pesquisas apontarem positivamente para desigualdade de presença de árvores em bairros de diversas classes sociais, como constataram Lundgren *et al.* (2013), na mesma pesquisa, quando a questão é se a população no geral gostaria de ver mais árvores em área pública, a resposta é positiva sem distinção de classe social, para três bairros comparados.

Os manuais técnicos são protocolares e levam em consideração opiniões irrefutáveis de especialistas, e desconsideram os moradores, para quem muitas vezes as árvores têm valor além do meramente estético, relacionado à infraestrutura urbana, e que fazem parte da vida do morador. Não são apenas árvores plantadas pela administração com finalidades apontadas pela ciência como importantes, saliento. Nesse sentido, até aquela leguminosa que é tida como praga no interior paulista, popularmente conhecida como leucena, quando em meio urbano, e tendo ela acompanhado a vida das pessoas de um bairro, as festas locais, ou a visita de um esquilo num sábado de sol, deixa de ser apenas uma espécie catalogável e passa a fazer parte da vida das pessoas e ganha valor emocional.

Devo salientar mais uma vez que a bibliografia que se refere a moradores e árvores não se relaciona a plantio em áreas verdes e públicas em sua maioria, mas se referem à arborização nas vias públicas, nas calçadas em frente às residências dos moradores da cidade e com resolução prática, principalmente para não atrapalhar o desenvolvimento da infraestrutura urbana, o que também acredito que precisaria ser revista, já que os benefícios das árvores são maiores do que prejuízos, precisa ser frisado. Então, estudos de percepção muitas vezes são utilizados em suas conclusões para se manter o morador longe da discussão e poucas pesquisas qualitativas são realizadas, em que a voz do morador é ouvida, o método de abordagem nas pesquisas sobre percepção foca em quantidade de moradores e perguntas fechadas, para se fazer uma análise estatisticamente significativa.

Brun *et al.* (2008, p.46) apresentam crítica à noção de árvore como poste ou paisagem ou de diminuição de seu valor intrínseco como vida à valoração de suas partes e é exemplo de como a interdisciplinaridade e a colaboração de várias áreas de conhecimento torna menos monolítica a pesquisa:

“(...) Porém na maioria das cidades brasileiras observam-se historicamente o negligenciamento histórico da arborização urbana dentro do planejamento e elaboração dos planos diretores das cidades, onde a mesma é apresentada de forma meramente ornamental e sem função ambiental relevante, onde o poder público por este fato tem sido paulatinamente cobrado pelas organizações civis, e tem se visto a reconsiderar na sua conceituação da importância da arborização dentro sistema urbano.”

Nesse estudo, também estão dicas a serem consideradas por cada administração municipal, em seu estudo sobre leis municipais do Rio Grande do Sul referente à arborização urbana, levando em consideração a questão do clima local (BRUN *et al.*, p.58):

“No município de Caxias do Sul, ressalva-se a estipulação do período recomendado para o plantio de mudas na arborização urbana, indicando o início do inverno, o que para a manutenção por parte dos moradores possibilita uma maior chance de sucesso na implantação, pelo maior índice de chuvas e temperatura mais amena, desonerando o desprendimento de mão de obra para a irrigação e evitando a evapotranspiração excessiva das mudas.”

Em Melo *et al.* (2007, p.75), temos novamente um reconhecimento de que a atuação da população é benéfica:

“Na análise da necessidade de poda, 67,68% indivíduos não necessitavam de poda. Isto se deu devido cuidados tomados pelos moradores do bairro, pois durante o estudo foram observados que esses moradores se preocupam ao com

as árvores que se encontravam em frente a sua casa, tendo certo zelo, podando-as, aguçando-as e adubando-as.”

A pesquisa realizada com moradores em Curitiba sobre a relação entre árvores frutíferas e fauna, por Almeida *et al.* (2009, p.11-12), mostra uma imagem diferente do morador em relação ao seu conhecimento, reforçando que é necessário haver integração, convivência para o conhecimento, e não um tipo de conhecimento científico, taxonômico, mas que não faz parte da vida do morador:

“A maioria dos moradores (85%) indicou corretamente a espécie frutífera perguntada e, alguns souberam dizer a data em que elas foram plantadas. De maneira geral, esses resultados indicaram que os entrevistados parecem relacionar-se bem com a arborização viária, pois muitas vezes conhecem o histórico das árvores plantadas em frente às suas casas e acompanham o desenvolvimento das mesmas(...) Quanto à percepção do ambiente urbano, constatou-se que 90% dos entrevistados gostam das árvores frutíferas e dos animais associados a elas.”

As conclusões da pesquisa evidenciam um acerto na escolha do tema a ser pesquisado com os moradores, que foi a relação entre árvores frutíferas e a fauna local. Esse tipo de relação positiva muito pouco se viu durante a leitura dos artigos levantados (ALMEIDA *et al.*, 2009, p.16):

“Com os resultados obtidos pode-se conferir que existe uma estreita relação entre os moradores entrevistados e as árvores frutíferas plantadas nas ruas. A população das ruas amostradas, além de identificá-las, conhece seu histórico, acompanha seu desenvolvimento e se preocupa com o vandalismo das árvores em suas ruas. Os moradores também se mostraram atentos aos animais presentes nas espécies frutíferas, demonstrando conhecer a relação das árvores com os animais para o equilíbrio do ecossistema urbano.”

Em relação ao plantio da árvore pensando em um contexto agrário, em que se pensa na produção de alimentos associada, apareceu um artigo apenas de Kabashima *et al.* (2009), fazendo levantamento bibliográfico sobre agrofloresta em ambiente urbano. Com as novas tendências de discussão sobre plantio e produção de alimento, os autores resolveram explorar o tema, retomando a agricultura urbana. O que faz sentido para o contexto dessa pesquisa, em que o rural e o urbano se encontram na cidade em espaços públicos em áreas potencialmente passíveis de plantio e plantio com intenção de colheita também.

3. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Para esta pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, tendo como referencial empírico, deste estudo de caso, os plantadores de árvores da cidade de Araras, SP, Brasil, também pelo fato da cidade ter recebido num passado recente o título de “Cidade das Árvores”.

Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico abrangente, visitas às possíveis áreas de estudo e, após o teste da entrevista piloto, visitas às áreas de estudo selecionadas, para realizar as entrevistas com os plantadores de árvores e uma documentação fotográfica das áreas.

A seleção dos entrevistados foi feita pela escolha de plantadores que estão periodicamente (alguns, cotidianamente) cuidando de árvores em áreas verdes públicas da cidade, durante as visitas do pesquisador às áreas. O instrumento de coleta dos dados primários foi um roteiro de questões semiestruturadas a serem feitas aos entrevistados.

Em visitas às várias áreas de estudo, foram encontradas 121 áreas públicas de 350 visitadas (de um total de 420 pelos dados atuais da prefeitura) em que se observou prática de plantio e cuidado de árvores por plantadores e 57 deles foram identificados. Observou-se, que desses 57 plantadores, 17 deles possuem uma frequência no cuidado e, principalmente, convivência, em 7 áreas. Diante desse quadro, optou-se por entrevistá-los.

3.1. ESTADO DA ARTE DE UM TEMA AINDA A SER AMPLAMENTE RECONHECIDO

O levantamento bibliográfico foi realizado em bases de dados através de mecanismo de busca por artigos acadêmicos, chegando à conclusão, assim como Viveiro e Gonçalves (2015), que as revistas especializadas no assunto sobre arborização urbana podem ser consultadas diretamente, pois os temas convergiam para aqueles abordados nessas publicações. Em outras palavras, hoje, discutir sobre árvore em espaço urbano leva a se discutir aquilo que está dentro das publicações especializadas, das quais a Revsbau é representativa no Brasil.

Ficou claro a falta de literatura específica sobre plantadores de árvores no levantamento bibliográfico realizado em uma revista especializada no tema em arborização urbana, a *Revsbau* (Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana). Nela, Viveiro e Gonçalves (2015) já haviam analisado a bibliografia e não encontraram artigos versando sobre “ações de protagonismo ambiental”, tema muito mais abrangente do que a ação de plantadores de árvores que agem por conta própria, sem um apoio organizacional, que foi o caso dessa pesquisa. Os temas, no entanto, do periódico citado, são abrangentes e há vários deles que propõe outro olhar de pesquisa. E pode-se perceber o quanto ainda é necessário investir em pesquisa a respeito do tema da ação do ser humano no cuidado com o meio ambiente.

Em relação à bibliografia consultada, existe uma linha de publicação sobre “percepção ambiental” dos moradores em relação à arborização e ao verde na cidade, e foi baseado nela que foi realizada a maior parte das considerações a respeito da figura do morador – isso está na seção final do Referencial Teórico. Todas elas se dirigem a um público geral de moradores e geralmente para dizerem suas percepções sobre ruas e árvores plantadas em frente a residências, e de modo amostral, com muitos entrevistados, mas com perguntas fechadas, no geral. Constatou-se que o tema sobre plantadores de árvores nas cidades não é um tema particular de pesquisa nos periódicos consultados, portanto. A categoria “plantador de árvores”, como aqui se propõe, precisa de mais atenção, principalmente pelo fato disso ter potencial para se pensar soluções locais na cidade para melhoria do ambiente urbano.

Foi realizada busca por artigos num período de 10 anos, de 2007 a 2016. Esse período se justifica por coincidir com o maior número de reportagens encontradas sobre o plantador de árvores em reportagens jornalísticas, que são de publicação recente (ver Apêndice I). Nesse sentido, também temos um descompasso entre as reportagens realizadas com pessoas que plantam e cuidam por conta própria e estudos acadêmicos sobre esse tema.

Foram encontradas 73 publicações, das quais foi feita uma seleção a partir da leitura dos artigos. Dentro deles, foi procurado como o plantador é visto e até retratado. Assim, utilizei como palavra-chave para encontrar descrições e abordagens a própria palavra “morador” (como é geralmente reconhecido, já

que plantador de árvores não aparece) e, através da leitura, também vi se isso era abordado de forma tangencial ou como foco direto de estudo. Cheguei a 33 artigos em que a figura do morador é levada em consideração ou está diretamente relacionada ao objetivo de pesquisa, como é o caso dos artigos sobre percepção ambiental – o que os moradores percebem a respeito do plantio em área pública, como espectadores e opinadores, raramente como atores no processo, como se viu em estudo sobre co-participação na cidade de Americana (SILVA, 2007). A maioria dos artigos tende a considerar o plantio como um aspecto técnico da administração pública, delegado a especialistas.

Após a busca por artigos, foi feito um breve inventário dos artigos, incluindo áreas de concentração. Isso também ajudou a entender como a figura do plantador poderia estar sendo abordada sob diversas perspectivas.

3.2. CONSULTA A REPORTAGENS JORNALÍSTICAS SOBRE PLANTADORES DE ÁRVORES

Como a bibliografia se mostrou escassa no trato do tema de forma direta, como já haviam constatado Viveiro e Gonçalves (2005), mesmo em relação à um movimento maior, incluindo mutirões e organização de plantios (assim, sem contar o tema específico da figura do plantador), uma ideia que ocorreu foi a de recorrer a reportagens jornalísticas como uma ideia para início de pesquisa, pois partir do pressuposto de que existe uma percepção de crescimento de ações de pessoas que plantam na cidade e também de uma cobertura maior jornalística a esse respeito. Realizei, então, uma busca experimental no período de 2 a 13 de fevereiro de 2017, em vários sites, onde foram encontradas reportagens brasileiras sobre 45 plantadores de árvores que agem sozinhos, a princípio. Reportagens internacionais também foram encontradas (ver Apêndice I). A cobertura jornalística teve maior frequência entre os anos de 2015 e 2017 (70% das reportagens).

Percebeu-se também a cobertura de reportagens levantadas são recentes (mais de 50% delas publicadas entre 2015 e 2017). A partir disso, deduziu-se que seria possível descobrir em apenas uma cidade – no caso, Araras (SP) – muitos casos de plantadores, tantos ou mais do que em reportagens

jornalísticas, pois estas se apresentaram como casos esparsos, em diversas regiões do Brasil, abrangendo cidades de 12 unidades da federação: DF – 2 reportagens; ES – 6; MT – 1; MS – 1; MG – 1; PR – 3; PE – 4; RJ – 2; RS – 1; SC – 2; SP – 27; SE – 1. A média de idade do “plantador” apresentada nessas reportagens foi de 60 anos. Mesmo assim, há exceção à regra: reportagem em que aparece uma criança plantando na beira do rio de sua cidade, com a idade mínima observada, de 12 anos.

Os locais de plantio variaram, nessas coberturas jornalísticas: a rua da própria casa, a quadra ou o bairro onde mora, nas matas, beiras de estradas intermunicipais, canteiro central de avenida, beira de rio, uma rua em específico, praça, rotatória e represa. Dentro dessa busca, foram encontradas três reportagens sobre plantadores de Araras especificamente. As reportagens levantadas experimentalmente deram uma noção para se entender esse fenômeno de plantio, mas escolhi estudar uma cidade em específico para verificar a hipótese levantada inicialmente, abordar de algum modo como esse fenômeno poderia ser dimensionado e pensado localmente.

3.3. ELEMENTOS VISUAIS QUE PERMITIRAM A IDENTIFICAÇÃO

Os elementos que permitiram a identificação foram: o espaçamento no plantio, a espécie diferenciada – muitas vezes árvores frutíferas, a utilização de proteção contra possíveis danos à planta como canos de PVC, madeira e pneus e uso de matéria orgânica, foram elementos suficientes para ajudar na identificação os locais e posteriormente os plantadores envolvidos com a atividade. A presença de plantadores nos locais em que há plantio e usufruto do espaço público é a indicação final, depois de uma conversa.

O Departamento do Meio Ambiente, hoje subordinado à Secretaria de Serviços Públicos da cidade, adota protocolos para o plantio, definidos em manuais técnicos e utilizados pela maioria das administrações municipais: espaçamento uniforme entre um plantio e outro, espécies convenientes e próprias para não causar prejuízo à infraestrutura urbana (portanto, menor variedade de espécies), utilização de tutor (uma estaca de madeira, muitas vezes

pintada de branco, ou um bambu, acompanhando o tamanho da muda, já desenvolvida muitas vezes, passando de 1,5 m) para direcionamento do crescimento da muda, não utilização de matéria orgânica ao redor da árvore e não utilização de proteção pós-plantio, algumas das características pelas quais é possível diferenciar um plantio realizado pela administração municipal de um realizado pelos plantadores.

Quando se leva em consideração todos esses elementos em conjunto, é possível ter maior certeza sobre a ação de plantador ou administração municipal no plantio. O plantio de frutíferas é algo que se tem inclusive na bibliografia especializada como elemento que pode apontar para ação do munícipe.



Figura 2 - Exemplo de árvores plantadas que sugerem plantio realizado por plantadores, que utilizam diversos tipos de materiais para fazer a proteção das árvores, diferente das ações da administração pública da cidade (ver Figura 3 abaixo).

Fonte: Foto do autor. 2017.

Os plantios realizados por plantadores, em muitos locais, possuem proteção contra agressões que porventura a árvore possa sofrer, para isso várias estratégias são utilizadas, tanto com o uso de pneus, como com canos de PVC, ripas de madeira, pedras e até vários tipos de pisos. Como elemento visual, prevalece em alguns locais a presença de sinais artísticos, como a pintura de cabo de vassoura ou de pneus, realçando o conceito de cuidado no plantio, ao invés apenas da manutenção.



Figura 3. Exemplos de plantios realizados pela administração municipal, que se diferenciam dos feitos por plantadores pelas espécies de árvores, tamanho da muda, condução do crescimento, utilização de tutores e ausência de proteção e matéria orgânica (a presença de matéria orgânica observada na árvore plantada pela administração, imagem à direita, ocorreu pela ação de plantadores). Fonte: foto do autor, 2017.

3.4. ROTEIRO DE ENTREVISTAS NA COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS

Para as entrevistas, foi utilizado um roteiro de perguntas semiestruturadas (ver Apêndice II), incluindo: contar sobre origem e história da família relacionada; ligação com a natureza e história do plantio; percepção da natureza na cidade; percepção da área de plantio – mudança na paisagem; motivação para plantar; local de plantio; tempo dedicado; maneiras de cuidado. A gravação foi realizada

com um aparelho celular, gravação de áudio e vídeo, e as entrevistas foram transcritas posteriormente e o texto redigido em português formal, para compreensão do leitor. O material de coleta de dados primários foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, desta universidade.

A utilização do roteiro de entrevista semiestruturada permite a identificação de elementos extras na composição dos resultados da pesquisa e, assim como método bola-de-neve, dá resultado de acordo com o grau de liberdade do próprio sujeito entrevistado, cada um abordando a sua relação com o plantio de forma individual (BORGES, 2002).

3.5. ABORDAGEM DO PLANTADOR E REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Após a identificação local, a partir do contato visual com os elementos que possivelmente indicassem a presença do plantador plantando, houve a procura pelos possíveis plantadores, perguntando no local quais as pessoas envolvidas com plantio e cuidado. Finalmente, quando o plantador foi encontrado e contatado, os propósitos da pesquisa foram explicados, e agendado um dia para a entrevista.

Realizei entrevistas, cada uma com duração média de trinta minutos. O propósito das entrevistas, realizado com dezessete plantadores, foi tanto saber da relação deles com a zona rural, suas origens principalmente, como identificar a sua percepção sobre o cuidado e sobre a natureza na cidade.

A escolha pela pesquisa qualitativa tem aspectos que fogem às respostas fechadas de questionário, muito comuns nos estudos de percepção realizados com moradores consultado em bibliografia sobre arborização urbana. Isso deixa muitas vezes restringe a discussão e serve a propósitos práticos mais imediatistas, mas que deixam de lado o aprofundamento da questão e levantamento de número maior de variáveis envolvidas no processo.

Borges (2002) adotou em sua pesquisa também uma abordagem em forma de entrevistas com moradores, de forma a conseguir registrar qualitativamente a percepção de moradores a respeito dos impactos, no Pantanal Mato-grossense e em suas populações tradicionais, ocasionados pela

implantação da Hidrovia Paraguai-Paraná no sub-pantanal de Barão de Melgaço ou Pantanal do Itiquira-São Lourenço -Cuiabá, dando voz aos afetados diretamente, que falaram de suas percepções, receios, planos futuros de vida, esperanças e do ambiente do Pantanal e suas modificações ao longo dos tempos.

3.6. PROCEDIMENTOS

Durante a pesquisa, a cidade de Araras foi percorrida de veículo motorizado, para verificar em que áreas da cidade o pesquisador podia observar intervenção dos plantadores de árvores. Foi-se anotando no Mapa de Áreas Verdes do município quando encontrava ações que considerei como atuação de plantadores (o modo pelo qual cheguei a perceber essas ações está descrito em Materiais e Métodos). Durante a pesquisa, foi possível observar que há muitas áreas em que há plantio e cuidado.

Denis e James (2016), em estudo no noroeste da Inglaterra, tomaram por base os parâmetros da Avaliação Ecosistêmica do Relatório do Milênio, e argumentam que a ação voluntária, seja em jardins domésticos particulares ou jardins comunitários, ajuda a conservar a biodiversidade urbana, um fator mais associado ao bem-estar, segundo os autores, do que apenas uma área verde de gramíneas (como é comum nas cidades), sem árvores e sem biodiversidade.

Os entrevistados foram encontrados por meio de visitas às áreas em potencial de plantio, que resultou no conhecimento de uma maior quantidade de moradores possíveis de serem entrevistados para a pesquisa e foi mais satisfatório como base para o início e para a continuidade do estudo (a identificação de áreas encontra-se esboçado no Anexo II).

Aqui, os moradores são identificados por E (entrevistado). O número de moradores e locais identificados a que se chegou foi de 54, através de conhecimento prévio sobre plantios na cidade, conversas informais e os métodos de pesquisa escolhidos. Quanto às áreas encontradas, abaixo se mostra como foram encontradas e os moradores associados a elas.



Figura 1 (repetida aqui para melhor acesso). Legenda: A – área identificada; E – entrevistado. Visualização de 10 áreas onde foram identificados plantio e cuidado. Nessas áreas foram feitas entrevistas com 17 moradores (A1: E1, 2 e 3; A2: E4 e 5; A3: E6; A4: E7; A5: E8, 9 e 10; A6: E11-E13; A7: E14; A8: E15; A9: E16; A10: E17). (Ver Anexo II para mais detalhes) Fonte: Google Maps.

Abaixo está a área numerada a partir da Figura 1 acima e entre parênteses a sua correspondência no mapa de áreas verdes do Anexo II, com Q sendo quadrante a partir do mapa que foi dividido em quatro, e a numeração da área de acordo com plano de zoneamento da cidade:

- Na A1 (Q4, ZUPP), correspondente ao Parque Linear Dr. Sérgio Roberto Ieda, no Jardim Abolição de São Lourenço Dias, foram encontrados três moradores (E1, 2 e 3) que residem próximo a uma área verde pública, que compõe a mata ciliar do Córrego Andrezinho.
- Na A2 (Q4, áreas verdes 290, 343, rotatórias e canteiros centrais), encontram-se dois bairros. No primeiro, Jardim Tangará, E4 foi identificado através de reportagem jornalística e indicou E5, residente no Jardim Santa Olívia II, bairro próximo. Foi constatado que a atitude dos moradores tem abrangência local e as relações sociais são mais perceptíveis no nível de vizinhança. Também ocorreu que a ação do segundo morador (E5) de plantar no bairro se iniciou por causa do plantio realizado pelo primeiro (E4) e como é citado mais adiante, pelo cuidado:

“Ele plantou as paineiras e sumiu. Eu não vi ele plantar. Falaram que era um homem que veio aí e plantou. Aí, depois ele... nunca mais vi ele. Mas aí, como o trator passou lá e quebrou a paineira dele, eu fui lá e... pode ir lá no pé dela que você vê que ela está grossa onde eu emendei ela. Aí eu fiz um enxerto nela ali e ela está ali ó, viva lá. E fui cuidando dela, sabe? Aí, comecei a plantar mais. Outras coisas que eu fui achando aí, conseguindo, fui plantando. E está desse jeito aí”. (E5, A2)

- A3 (Q2, área de lazer 207) é uma praça no Jardim Itália e E6 planta e cuida na praça em frente à sua residência, visitou a área de plantio realizado pelo autor deste artigo em bairro próximo e se identificou como alguém que planta e cuida.
- A4 (Q4, área verde 272) foi identificada a partir de reconhecimento do plantio de árvores seguindo a lógica de reconhecimento visual e o morador entrevistado (E7) cuida da área junto com os filhos, que têm estabelecimento comercial de frente a uma área verde pública.
- A5 (Q1, área verde 75), da mesma forma, foi identificada pela observação visual da distribuição da vegetação, em uma praça com rua sem saída no Bairro Jardim Santa Cândida e os moradores que plantam e cuidam estavam no local para se identificar (E8, 9 e 10).
- A6 (Q2, áreas de lazer 217-219) corresponde a áreas de lazer no meio de uma avenida do Jardim Campestre, o reconhecimento foi pelo local, inclusive encontrando um dos plantadores (E12) cuidando do local, com abordagem direta no momento da visita. Nessa área, um plantador (E13) deu entrevista sozinho e os outros (E11 e E12), juntos.
- A7 (Q3, área verde 293 e área em frente) foi visitada a princípio pela identificação de uma praça e em frente existe uma área em que há plantio na beira do Córrego do Facão, e E14 foi identificado por plantadores locais.
- E15 (A8, Q2, área verde 18?) foi indicado por um servidor da prefeitura em uma conversa informal.

- E16 (A9, Q2, APP 223) já havia saído em reportagens sobre plantio na cidade, sendo caso emblemático de plantio em beira de um córrego, Ribeirão das Araras.

- E17 (A10, Q1, áreas verdes 65 e 69) foi reconhecido por indicação informal.

Foram realizadas entrevistas com dezessete plantadores.

Em relação ao tipo de área em que houve plantio e cuidado, são praças (áreas de lazer e áreas de esporte), áreas verdes, e áreas de preservação permanente (pela presença de cursos d'água). Importante destacar que a proximidade da área com a residência do plantador mostrou-se decisivo, havendo uma exceção em que os plantios realizados foram feitos às margens de um ribeirão, com pedido de autorização para a administração pública (E16), num caso emblemático na cidade e de conhecimento popular e com veiculação na mídia (ver Anexo I – reportagem n.40).

3.7 ESCOLHA DOS PLANTADORES DE ÁRVORES PARA AS ENTREVISTAS

A escolha por pessoas que se dedicam a plantar de forma individual e com periodicidade se mostrou válida, pois a maioria dos entrevistados planta próximo à sua própria residência e sabe contar detalhes a respeito das ações no tempo e modificações na paisagem. Isso confirma a ideia inicial de pesquisa, de que a convivência é importante para se fazer uma pesquisa desse tipo. Houve uma exceção, como falado anteriormente, em que o morador que planta na A9, reside em bairro próximo, mas não em frente (ele caminhou durante muitos anos de sua residência até a área em questão nos seus finais de semana).

O tempo dedicado de cada um dos entrevistados variou, com tempo médio aproximado de atuação de dezessete anos (ver Gráfico 2):

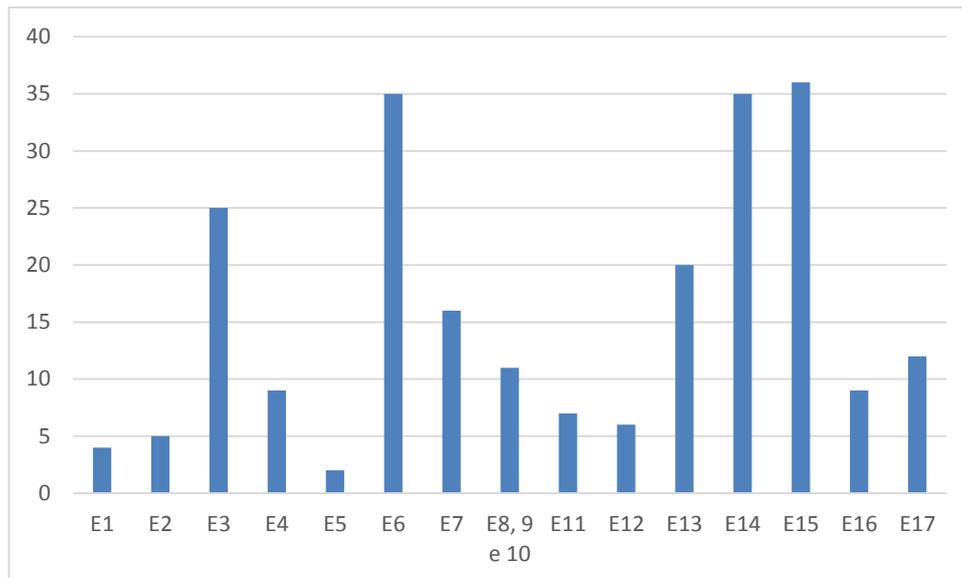


Gráfico 2. Tempo dedicado em anos a plantio em áreas verdes públicas, por entrevistado (E).

Esse fato concorda com a maioria das reportagens (Anexo I) sobre moradores que os associa a pessoas aposentadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. A ORIGEM DOS PLANTADORES EM ARARAS

Em relação à relação dessas pessoas com o meio rural, foi possível validar a hipótese para Araras de que há uma ligação entre plantio em áreas verdes públicas e origem e referências rurais dos plantadores, com a permanência de hábitos rurais e da cultura do campo na cidade. Todos os dezessete relataram ter alguma referência clara familiar relacionada ao meio rural, mesmo entre os que nasceram na cidade e viveram na cidade: dois dos dezessete entrevistados relataram ter nascido na cidade, mas as referências de campo vieram dos pais e avós. Três entrevistados responderam ter referências de trabalho no campo. Os demais nasceram ou foram criados no meio rural, antes de morarem na cidade. Isso mostra o quanto Araras têm suas origens no meio rural, e mesmo com as colocações de que a cidade foi referência em várias administrações de cidade modelo de progresso e desenvolvimento, isso está relacionado principalmente (e até hoje) à agroindústria.

Sobre essa relação, 15 dos entrevistados relataram em detalhes sobre essa referência rural e familiar. Segue os relatos daqueles que foram nascidos na área rural e tiveram experiência com o trabalho na roça (60% dos entrevistados):

“Quando eu era moleque, eu trabalhava na roça com meus pais e aí carpia arroz, carpia milho, plantava arroz, plantava milho, carpia café, depois passei a ser retireiro, tirava leite, depois de madrugada ia para as invernadas buscar vaca... Fui criado naquilo ali, né? Roça. Depois, que a gente veio para a cidade, já estava já molecão, maior, aí fui trabalhar em cerâmica, outras coisas, mas sempre com aquela vontade de ter um lugar para plantar, mais nunca tive, né?”
(E5, A2, plantador do Jardim Santa Olívia, planta desde 2015)

“Então, eu nasci no sítio, fiquei até os dezenove anos no sítio, casei e vim embora pra cidade.”
(E6, A3, plantadora do Jardim Itália, plantou a muda mais antiga há trinta e cinco anos)

“Bom, eu vim da fazenda, inclusive nasci na Fazenda Araras, mil novecentos e quarenta. Tenho uma vivência já, uns anos de vida, né? Então, nós plantávamos

na fazenda, nós plantávamos com... naquele tempo não era cana, era milho, arroz, feijão, mandioca, café, na fazenda São José, eu abanei café com quatorze anos. Pegava o batente pesado, né?” (E7, A4, plantador do Jardim Nossa Senhora de Fátima, planta desde 2000)

“Mas eu morei em Alteros... nasci em Areado, mas fui pra roça. Papai tinha o sítio, né? Na fazendinha. No sítio lá do meu pai eu plantava arroz, milho... às vezes ia o... papai alugava, arrendava terra, né? Aí, uma enxadinha com a bata na cacunda d'água e ia embora. Às vezes, dois, três, quatro, cinco quilômetros...” (E3, A1, plantador do Jardim Abolição de Lourenço Dias, planta desde 2002)

“Eu vim pra cidade com sete anos, em Itapira. Depois, nós viemos pra roça com seis anos, seis, não, é... com seis anos já estava na roça já, aí na Santa Cecília, que era fazenda do Renato... do doutor Hermínio Ometto. Eu carpia mandioca com seis anos, carpia mandioca no meio da minha irmã e dessa Cida que mora em Tujuguaba e está viva pra conta história e ela me ensinou a carpir. Minha família inteira é do campo.” (E15, A8, plantador do Jardim José Ometto II, planta desde 1981)

“Então, no campo, é... dos quatro, dos quatro não, dos quatorze, morava em sítio, plantação de cana-de-açúcar, e isso levou a estudar, aí eu comecei a estudar, fiz o curso, estava no colegial e junto com colegial tem o curso de técnico de açúcar e álcool. Isso em Santa Bárbara. Foi a primeira turma que se formou. Eu fiz estágio de seis meses, depois continuei mais seis meses de trabalho. Daí eu voltei a estudar de novo, daí eu estudei administração de empresas, daí eu parti para o ramo de logística, e foi até o final.” (E2, A1, plantador do Jardim Abolição de Lourenço Dias, planta desde 2012-2013)

“Porque, que nem assim, eu quando era criança eu sempre morei na roça, né? É, eu nasci. Eu fui criado. É, sempre no meio rural. Eu vim pra cidade, bom. Aqui na cidade já faz 45 anos que eu moro. Eu tinha uns vinte e poucos anos quando eu vim pra cá, vinte e cinco. É, eu casei e vim pra cá com vinte e cinco anos.” (E16, A9, plantador do Jardim Nossa Senhora de Fátima, planta desde 2008)

“Ah, eu fui criado em fazenda, né? Fazenda Santa Cruz, né? Foi na parte de... meus pais foram criados na Fazenda Santa Cruz, a gente morou muitos anos lá, veio pra cidade, a gente já tinha seus acho que dez, nove, dez anos, né? Daí, a gente foi já pra escola, frequentando escola, e a gente foi... desde pequeno sabendo como que era bom sempre a gente ter plantas, né?”

(E14, A7, plantador do Conjunto Habitacional Narciso Gomes, planta desde 1982)

“Eu nasci no campo. Trabalhava na roça com o meu pai, não tinha muita ligação com plantas, era com lavoura. Era, era, como que se diz, uma coisa do seguimento da lavoura, produção de alimento. Com planta já não tinha muito relacionamento. É com árvores. Frutífera ou silvestre. E eu vivi no campo até os dezesseis anos de idade também”. (E12, A6, plantador do Jardim Santa Efigênia, planta desde 2010-2011).

Dois dos 17 entrevistados relataram ter nascido na cidade, mas as referências de campo vieram da convivência com parentes:

“Bom, vamos falar um pouco das minhas origens, né? Então, a minha família, a parte do meu pai, vieram tudo da roça, tudo pessoal da Usina Santa Lúcia, vieram de outras fazendas, mas viveram a vida toda aí na parte de lavoura. Minha avó, meu avô, colheram café, plantaram cana, colheram cana, né? Da parte do meu pai. E quando fizeram a casa na cidade aqui, o quintal era aquele quintal: verdura, flor, tudo, sabe? Então, nunca deixaram de ter essa parte da natureza, da zona rural. Isso da parte do meu pai. Agora, da parte da minha mãe também é tudo italiano, que vieram pra cá. Também trabalharam muito, naquela época tinham sítios, então todo mundo trabalhou na parte rural. E eu não, eu já nasci aqui na cidade, tal, trabalhei maior parte da minha vida dentro de escritório, tudo, mas como a vida toda eu vi isso aí, você vai convivendo, você vai aprendendo, você vai gostando. Então, sempre gostei disso.” (E17, A10, plantador do Jardim Rosana, planta desde 2005-2006)

“Não, meus avós eram sim. Eu não os conheci, mas... Meus pais também vieram, vieram do campo. Mas eu nasci aqui na cidade. 2. Sim, nascido em Araras. Sou de mil novecentos e cinquenta.”

(E4, A2, plantador do Jardim Tangará, planta desde 2008)

Outros três entrevistados responderam que viveram na cidade, mas tiveram sempre referências de trabalho no campo:

“Eu fui crescido na roça. Meus irmãos, meu pai, foi tudo trabalhador rural. Então, eu fui crescido também cortando cana, colheita de laranja, então eu vivi no rural mesmo. Morava no urbano, na cidade, e ia para o campo. Tirar o sustento né, para ajudar os pais, né? Então, desde novo, com quatorze anos, com doze anos já, nas férias da escola... assim, com oito anos, nas férias da escola, eu ia ajudar minha mãe na colheita do algodão. Aí, com quatorze anos já fiz o meu primeiro registro já no corte de cana. Então, o nosso contato com o campo é muito grande, né? Eu acho que é isso aí, a gente já foi crescendo desde pequeno nisso aí.” (E8, A5, plantador do Jardim Cândida, planta desde 1999)

“Desde os treze anos eu trabalhava na roça, e na época que o Paraná também

“tinha muita mata! A cidade de Cianorte, no Paraná, onde eu fui criado lá, hoje é uma bela cidade, mas destruíram tudo a mata.”
(E1, A1, plantador do Jardim Abolição de Lourenço Dias, planta desde 2012-2013)

“Bom, ó, eu sou praticamente, fui nascido e criado em Leme e meu pai foi também há muito tempo da apicultura. Então, eu sou, me formei em Piracicaba, na UNIMEP, professor de Educação Física, e no fim parei de dar aula e comecei a mexer só com abelha. Então, essa ligação que eu tenho com omato é excelente. E gosto disso daí”.
(E13, A6, plantador do Jardim Campestre, planta desde 1997)

4.2. O CUIDADO DOS PLANTADORES COM AS ÁRVORES EM ÁREAS PÚBLICAS

Quanto ao cuidado com as árvores plantadas, visto nas entrevistas, vários elementos aparecem para definir ações práticas em relação ao cuidado com as árvores. Os relatos apontam para a recuperação de árvores, a rega, adubação e depósito de matéria orgânica e periodicidade no cuidado e convivência, observação. As entrevistas mostraram que há um contraste entre o plantio e cuidado pelos moradores e a manutenção realizada por empresa terceirizada da prefeitura também, o que era esperado antes da pesquisa. Foi constatado que há divergência entre as ações dos moradores e as ações da empresa terceirizada responsável pela manutenção dos serviços públicos no município.

Esse fato mesmo academicamente é pouco discutido, e um dos temas mais importantes. Morgenroth, Santos e Cadwallader (2015) em estudo na Nova Zelândia levantaram essa questão com a devida seriedade e compararam os efeitos não desejados da manutenção de áreas verdes públicas (com utilização de roçadeiras, tratores e maquinário pesado) a uma epidemia patológica, com grande morte de árvores por má utilização do equipamento. Esse estudo converge com o que foi relatado pelos plantadores da cidade de Araras. Depois de realizadas as entrevistas, percebeu-se que há uma indignação de alguns plantadores em relação à falta de cuidado na manutenção das áreas verdes públicas.

Por isso, hoje na cidade, se vê cada vez mais a utilização de proteção ao redor das árvores (um dos elementos utilizados para se identificar o plantio feito por plantadores, mas até a própria administração pública vem utilizando isso

hoje, mostrando que o conflito existe entre plantador e administração pública em relação à empresa terceirizada):

“Eu sempre cultivei laranja, trabalhei com roçadeira. Se eu encostasse com a roçadeira no pé de laranja, o patrão me mandava embora! Porque é ali que vem a broca. Se eu descascar com a roçadeira o pé de laranja...” (E15, A8)

“Não precisa nem falar nada, porque eles estão vendo que a gente está protegendo. Aqui tinha um pé de pitanga, né? Esses dias eu chupei as primeiras pitangas que tinha aí. O cara passou, não sei se distraiu, olha lá: só tem o lugar que estava o pé de pitanga. Os caras... já estava produzindo fruta, né? E o cara, quando vem... um certo cuidado... necessário, né? Uma árvore é uma vida, né?” (E1, A1)

1. “Não tem o cuidado. Tanto no trator, que trabalha no maquinário pesado para roçar, quanto no manual. Eles vêm, passam aquele negocinho no pé da árvore, descasca tudo, mata a árvore”. 2. “Algumas morreram, não teve jeito não, mas salvamos bastante. Então, o que é que a gente quer deles? Mais cuidado. Tem que tomar mais cuidado com a natureza, poxa! Que é difícil. Uma planta dessa daí demora cinco, seis anos”. (E8, A5)

“Então, eu já reclamei várias vezes com o pessoal da Cidade Verde [programa municipal para manutenção de áreas verdes de outra gestão], eu planto, eles vêm com o trator, corta. Eu planto, vem com o trator e corta. É, todas as praças. Então, você tem que encher de pauzinho assim em volta, para o trator não bater, não cortar”. (E15, A8)

1. “Aquele ali, aquele pé de amora lá estava morrendo. Às vezes eles passavam lá roçando, eles cortavam tudo, aí eu fui lá, limpei tudo o pé dele, estaqueei ele, aí ficou uma temporada estacado, agora já quebraram as estacas, mas olha o tamanho que ele está hoje. Se eu não tivesse cuidado dele também, a turma da prefeitura tinha cortado tudo ele.” 2. “Ele plantou as paineiras e sumiu. Eu não vi ele plantar. Falaram que era um homem que veio aí e plantou. Aí, depois ele... nunca mais vi ele. Mas aí, como o trator passou lá e quebrou a paineira dele, eu fui lá e... pode ir lá no pé dela que você vê que ela está grossa onde eu emendei ela. Aí eu fiz um enxerto nela ali e ela está ali ó, viva lá. E fui cuidando dela, sabe? Aí, comecei a plantar mais. Outras coisas que eu fui achando aí, conseguindo, fui plantando. E está desse jeito aí”. (E5, A2, Jardim Santa Olívia II)

O cuidado com as árvores se relaciona diretamente à questão da água. Há o cuidado com o regar, com a percepção de que as árvores é que trazem a chuva. Durante a pesquisa, foi constatado inclusive a construção de uma

pequena represa para bombeamento de água até a plantação. Quando o município registrou um período de seca prolongado entre 2013 e 2014, que gerou crise hídrica em várias cidades do estado, inclusive na capital, houve tentativas de se aguar as plantas de forma alternativa, já que a prefeitura multava pelo desperdício de água utilizada pelo morador, assunto também foi abordado por um plantador:

“Pego daqueles galões de garrafa PET de refrigerante que eu junto, amarro assim na boca, uma de um lado, outra de outro, penduro aqui, vou molhando, jogo um litro numa, um litro na outra, outro litro na outra e assim vai molhando, pouquinho. Não precisa praticamente hoje em dia jogar um balde só numa planta só... se todo dia ele jogar um litro em cada uma, não vai faltar água para ele – “Ah, mas a água está acabando, a água está cara. Mas se a pessoa for pensar assim, como que vai ficar esse mundo?” (E13, A6)

“Você vê, o seu João pegava água do córrego ali para molhar... dois latões de vinte litros, um em cada braço, dia inteiro ali, isso mexeu com o pessoal, com o povo que passava aqui. Aí, nós falamos: “João, vamos fazer uma bomba. Aí, nós vimos no Globo Rural a bomba de cano de PVC, né? E nós tentamos com água da mina, não dava certo. Eu falei: “Tem uma solução: nós limpamos isso aqui e fazemos um tanque, mas para isso nós temos que camelar, né? Nem uma carriola nós não tínhamos, na pá mesmo, fomos jogando, jogando, fechamos a água, fizemos... colocamos um cano ‘embaixo, né? E aquela água foi, encheu um pouco, não dava pressão suficiente, aí nós enchemos mais, aí ficou grande, daqui na árvore, mais (o tanque), e ele encheu e agora a bomba joga água aqui, na distância de cem metros”. (E1, A1)

Neste trecho que segue, vê-se também que o plantador enxerga o valor intrínseco da vida de uma árvore, que tem direito à vida independentemente de valor econômico ou utilitário associado:

“É que a árvore é uma vida. Então, eu não consigo ver uma árvore sofrendo sem fazer alguma coisa. Está sofrendo, a expressão assim... é porque às vezes falta uma água, cheguei a pegar regador daqui; balde, e levar água à noite. Eu trouxe um pé de manga da Cascata [bairro rural da cidade] para replantar ele, já está meio grandinho e não é que faltou cuidado, tinha que ter mais recurso para tirar com mais terra, como não tinha, então... ele me deu assim, um trabalho assim, para ele reviver, para ele pegar, sabe? Estava difícil, então ia à noite levar água lá. E cuidei e agora está vivo. (E7)

“Aguar muito. Pegava, chegava do serviço, né, na época a gente fazia três horários... no horário que a gente saía às três da tarde, a gente chegava, descansava um pouquinho, pegava um balde, pegava água lá no córrego e vinha aguando um por um. Isso era duas horas até três horas aguando uma por uma, aquela que estava mai trstinha, entendeu? Para não morrer, né? Aí, quando vinha chuva, era a maior alegria, né? Aí, ficava tudo verdinho, a gente não precisava aguar mais, só tirava os matinhos do pé da planta, que era para ajudar ela. Depois que ela encorpou, aí você pode deixar, né, aí, o mato, já não atrapalha mais, né? Fica até bom o mato, um pouco de mato, que é para segurar um pouco de umidade”. (E14, A7)

A adubação e o depósito de matéria orgânica ao redor da coroa da árvore foram também identificados como elementos citados pelos plantadores, no quesito do cuidado:

“Eu cuido das plantas. Que nem, esse ano mesmo eu adubei todas elas já e tem aquela ali em cima, você pode ver ali, se você quer filmar aquela ali em cima, ela está toda com florzinha. Fruta do conde também está”. (E6, A3)

“Às vezes, eu coloco, digamos assim, o mato que eu tiro lá, eu deixo no local, depois que ele seca, ele murcha, eu vou lá e coloco no pé das plantas, da própria planta. Mato que tem ali já junto no pé da árvore... bem esparramado, para não ficar muito amontoado no pé, né”? (E7, A4)

“É, eles respeitam, esse aí, eu estaco onde eu planto. A prefeitura... nunca passaram por cima de uma arvorezinha dessa daí. Nunca. O rapaz até falou assim para eu rastelar. Eu falei: ‘Deixa, é esterco, daí refresca’. Esparrama as folhas, né? Aí, o fiscal falou: ‘É para deixar’? Daí eu: ‘Pode deixar! Eu mexo com elas aí, eu dou uma capinadinha’, né? Aí vai, refresca, né”? (E3, A1)

Outro elemento identificado no cuidado com as árvores foi a própria recuperação de árvores que estavam morrendo, havendo um caso emblemático de plantio em grande quantidade para compensação ambiental realizada por uma empresa no Parque Linear:

“O meu vizinho aqui ó, mora ali naquela casa... ele tem viveiro, né? Lá na beira da Anhanguera. E ele já plantou cinco mil árvores. Ele plantou cinco mil árvores aqui. Sobrou essa aqui ó. Aquela ali ó. Porque eu cuidei. Essa aqui, olha”. (E1, A1)

“E outra: eu cheguei a recuperar muitas árvores. Tem árvore aí que hoje ela está com dois, três metros e na época era um toquinho, não via nada, o pessoal pisava em cima. Aí, eu fiz uma proteçãozinha nela e tal. E estão firmes, entendeu? Dando alegria aí, muita”. (E4, A2)

Algumas morreram, não teve jeito não, mas salvamos bastante. Então, o que que a gente quer deles? Mais cuidado. Tem que tomar mais cuidado com a natureza, pô, que é difícil uma planta dessa daí. Demora cinco, seis anos, pô! Olha. Tem três anos, o tamanhinho dela. Para ele passar com o trator em cima é dois tapas. (E8, A5)

Mais um elemento que indicou a presença do cuidado do plantador foi a periodicidade com que visitava a área em que atuava:

“Domingo e segunda-feira eu trabalhava [na área da Avenida Prefeito Milton Severino]. Toda segunda eu ia lá! Até uma vez era um feriado, sexta-feira santa, eu estava plantando árvore lá, passou o cara de moto lá: “Ô, puxa-saco, hoje é feriado”! Acho que ele pensou que eu trabalhava na prefeitura”. (E16, A9)

O intuito do cuidado aparece em alguns depoimentos e aponta para a questão do bem comum e na ação voltada para a sociedade em geral; além disso, aparece a questão da importância de cada indivíduo nessa atuação:

“Eu imagino o aproveitamento das praças públicas para que se torne um lugar como se fossem grandes salas de aulas, para que você ensine as futuras gerações... aprender a cuidar disso, a cuidar para que tenha um ambiente, para que além de você produzir essas coisas para ajudar os outros, você possa trazer as famílias, você possa... que um avô venha com seu neto, conviver num lugar bom. Que hoje, eu vejo assim, as pessoas reclamam: “Ah! Junta drogado, junta não sei o que, num sei o que lá... E por que é que a população não se mobiliza para transformar isso num lugar onde possam as famílias estarem...” (E17, A10)

“De duas pracinhas a gente cuida, né? E conforme a gente vai ganhando as plantas aí das pessoas, que cai na casa da gente para plantar, a gente pega e planta. E com o meu colega aqui, que dá uma força para mim, Salvador, com isso a gente vai fazendo mais planta, mas, mas não é para gente, né? Mais frutas para os outros, vem aí pegar, até com alegria a gente gosta de ver aí pegar. (E11, A6)

1. “As ideias que eu tenho é assim: você tem que ter o espaço. Se cada pessoa cuidar da frente da sua casa... quem tem um espaço, deve ir lá e plantar, essa é a ideia que eu tenho, mas queria que as pessoas fizessem isso, pensassem assim. Porque eu não posso ir lá”. 2. “Então, agora por exemplo, se cada cidadão

tem um lugar para plantar... se mora em frente a uma rotatória, em frente a uma avenida e você vê quanto espaço, você pode ir plantando. E cuidando, você 'entendeu'? (E5, A2)

Olha, eu vi que aumentou. Lá no Ribeirão, lá (não sei como chama, lá no centro, ali embaixo ali). Está aumentando, que eu vejo que assim: tendo local, sempre tem outro tá plantando alguma coisa, né? Não fica muito mais pelado igual ficava antigamente, né?

Em relação a uma participação em conjunto no plantio com a prefeitura, houveram também relatos de plantadores em que a administração pública aparece como bem vista em relação à sua atuação juntamente com o plantador:

“Eu acharia importante, se tivesse o interesse de alguém da prefeitura, de orientar a gente a plantar as árvores, fazer um alinhamento certo, direitinho, cada uma no ponto certo, para não ficar muito bagunçado. Que aqui a gente não tem essa orientação, então a gente vai bagunçando aí, olha. Tudo misturado. Isso já era um ótimo reconhecimento, se tivesse um apoio. ‘E, não é? Já era um grande apoio’. (E12, A6)

“Inclusive, eu outro dia vi em São Paulo, em uma reportagem. Lá, também um pessoal está começando a cuidar disso também, das praças. As praças estavam tudo mato assim. Porque a prefeitura... ela tem o dever de cuidar, mas se outro está assim, vamos supor, um aposentado, se ele pode ir ali cortar a grama, se ele tem acesso a uma ferramenta, ele vai fazer isso daí. Ele vai plantar. (E13, A6)

O cuidado aparece também como precedendo a importância do próprio plantio, podendo inclusive ganhar outras nuances, como com o cuidado com os resíduos colocados na rua, como entulho:

1. “Que nós adquirimos terreno e tinha uma [árvore] no fundo lá do bar, tem uma árvore que nasceu, estava lá, eu não eliminei, cuidei dela, a árvore nasceu lá, não foi eu que plantei, eu cuidei. Então, está alta, e depois plantei uma daquela árvore, cuidei da outra, senão ia perder ela. Depois plantei mais alguma coisa, plantei pé de manga, plantei pé de goiaba, plantei... limpo ali, cuidei ali, porque tem que ter, além de plantar, o cuidado, né? Para plantar, tudo bem, vai lá e planta. E daí”? 2. “Não, não pode, material de construção. Vieram [os filhos] fazer uma coisa lá. ‘Isso aí não quero mais!’ Quero dizer, tem que ter uma disciplina, tem que cuidar bem da coisa, né”? (E7, A4)

Era uma natureza morta, feia, né? Só mato, né? O pessoal, por ter bastante mato, o pessoal já aproveitava, já jogava o lixo no mato, porque eles acham que jogando no meio do mato estava escondido, né? Ninguém via. Depois que ficou tudo limpo, a gente limpou, o pessoal fica até meio assim de jogar, né? “Mas está limpo aí, não vou jogar o lixo aqui, não vai pegar bem, né? Todo mundo passando aí, vendo eu jogando o lixo”. Então, ajudou nessa parte também, né? (E14, A7)

A questão do plantio em áreas públicas por plantadores está diretamente relacionada ao plantio de árvores frutíferas, isso já constataram diversos pesquisadores que investigaram o tema arborização urbana. A maioria dos entrevistados demonstraram vontade de ter mais árvores frutíferas na cidade, com apenas um discordando dessa opinião. Os relatos ilustram que o plantio de árvores frutíferas pode estar relacionado ao aspecto de abundância, sabedoria e solidariedade visto por Candido (2010) em estudo sobre a cultura caipira no interior paulista em fase de mudança do homem do campo para a cidade. O plantio não é apenas para o plantador, é para todos os moradores e os animais, e não só para o tempo presente, mas para o futuro:

“Uma vez estava conversando com um guarda florestal e falando para ele por que as cidades assim não podiam plantar pé de fruta na rua. “Ah, porque a criança vai subir, cair e machucar.” Gente, isso daí não é desculpa. Falei até para o secretário da agricultura daqui de Araras uma vez sobre isso daí. Porque na minha época a gente saía para o mato, praticamente eu já tinha de bem idade, e quando andava para o mato nunca levava nada. Então, você tinha fruta à vontade. Agora, aqui você anda, não acha um pé de fruta. Você só acha árvore. Está certo, árvore é bom, mas, no intuito, por que não plantar um pé de fruta junto?” (E13, A6)

“Nossa! Eu acho que todo mundo devia fazer isso aí: ao invés de plantar uma árvore na frente de casa, devia plantar uma árvore de fruta. Seja qual for, mas plantar uma de fruta. Nossa, ficava... E acho que já existe cidade dessa maneira, hein? Aqui no Brasil... Eu acho que já existe essa consciência do povo, ao invés de plantar uma árvore, plantar um pé de fruta.” (E2, A1)

“Para poder atender os asilos, a Ancra, o Cerem, todas as entidades que a gente puder, porque hoje eu acho difícil para o poder público ter uma variedade de frutas, de verduras assim que nem a gente tem condição de ter aqui.” (E17, A10)

“Nós queremos fruta agora, que árvore nós não estamos muito interessados aqui, porque tem já aqui. Nós queríamos plantar, fazer essa área aqui de fruta,

né? Uma pessoa que vai fazer uma caminhada... tem muita goiaba, mais pra lá. Aqui também, olha lá, pé de goiaba. Ali olha, ali. Quando passa o pessoal que vai fazer caminhada, eles saem desfrutando disso aí já.” (E1, A1)

4.3. ASPECTOS DA NATUREZA OBSERVADOS NAS FALAS

Durante as entrevistas, foi perguntado qual a relação que o plantador tem com a natureza, e quais as mudanças provocadas pelo plantio em relação à volta de árvores e pássaros ao local de plantio. Os relatos apontam vários aspectos dentro da ideia que se faz popularmente de natureza. Há também aspectos importantes de memória sobre a natureza na cidade décadas atrás e sobre a própria retomada da história ambiental da cidade pela visão dos plantadores. Vê-se como o progresso associado ao município de longa data foi tornando isso algo de pouco valor para as novas gerações:

“Aqui era mata. Eu, com onze anos, eu já trabalhava na Bela Vista, eu atravessava... nós íamos para a cidade de Araras, o Fátima não existia, eu tinha... sessenta e um... não existia o Fátima. Eu conheci essa parte também. No Fátima tinha poucas casas... existiam poucas casas, nós atravessávamos um matinho aqui, olha, tinha um caminho que atravessa aqui. Aqui era eucalipto, aqui era mata do Morro Grande. Depois desapropriaram, fizeram as casas. O primeiro fogo que deu aqui, o macaco entra na minha casa, até na parte da minha casa. “Cri-cri-cri”, eu jogava milho, eles comiam milho, guardava debaixo do braço, jogava cana e jogava.”

“Tinha viado, rastro de viado, na calçada da minha casa. Eu vi tudo isso. Eu via o macaco, o porco-espinho tinha aqui também, mas existia os caçadores, né? E depois parou, depois o meio ambiente começou a trabalhar. Aqui não existia meio ambiente de primeiro.” (E15, A8)

Observa-se que há uma percepção de melhora local, não perdendo a importância sobre problemas ambientais maiores, mas ganhando destaque a volta da vida na vida cotidiana:

“Tem pica-pau de cabeça vermelha, tem a gralha. Tem cinco gralhas que todos os dias elas vêm aqui, para ver se sobra alguma fruta para ela. E ela é a mais beneficiada a gralha, porque ela pega os pedaços de mamão e vai comer na árvore, ela vem aqui, só pega, às vezes elas comem aqui em cima mesmo. E fica aqui, o povo passando aqui e nem está nem aí, a coisa da natureza, né? Então, o nosso objetivo é cuidar. Para as frutas, para os passarinhos e para o reflorestamento. Para cuidar do ambiente, né? Que a natureza... nós inspiramos aqui um ar diferente de quem respira na cidade.” (E1, A1)

“Está tendo resultado. Só que está tendo que pôr um pouco de adubo e um pouco de calcário. Que a terra é muito pobre... Se você não pôr nutrientes para ela, ela demora muito para desenvolver. Ela demora muito até chegar naquele ponto... mas chega um certo ponto que ela começa a desenvolver rápido. Ela demora.

Demora dois anos aí. De repente, ela começa a se soltar, começa a crescer, fica bonita, cada dia mais.” (E2, A1)

No entanto, a percepção do desaparecimento dos animais foi também constatada:

“Com certeza, tinha muito mais. Hoje, por conta da agricultura foi acabando com as florestas, os animais foram diminuindo. Por quê? Falta de alimento. Hoje, você vê os animais chegando na cidade procurando alimento, coisa que era para estar lá no meio da floresta, né?” (E12, A6)

A maioria deles mostrou ter grande sensibilidade pela natureza, pelas árvores, pássaros, pelo cuidado, além de atentar para questões mais importantes sobre o meio ambiente que não só dizem respeito à cidade:

“Foi essa época, foi plantando. E aí a gente – sei lá, né? – gosta de plantar, gosta não, a gente ama a natureza, na verdade. A gente foi vendo que as árvores foram crescendo, e cresceu também a vontade de plantar mais, né? Porque quando você faz uma coisa que não dá certo você desanima, pára, né? Mas ali não, a gente viu que as árvores foram crescendo, foram crescendo e veio, foi aquela vontade de estar sempre plantando, árvore nova para a gente poder fazer assim um riacho assim, bonito, né? Com árvores do lado, com bastante planta e pássaros, né? Vinha comer as fruta, né? E muita gente também passa aí para pegar uma folhinha daqui, uma folhinha dali, um fala que é bom pra isso, outro fala que é bom para aquilo... eu não sei se é, na verdade, mas a gente já fica até orgulhoso de ver que foi a gente que plantou, né? E está fazendo bem para alguém. Né? Porque vem gente de lá de outro bairro dizer: “Mas eu ouvi dizer que aqui tem amora, isso é bom para aquilo, tem jambolão, é bom para aquilo...” (E14, A7)

“O verde, né? É muito bonito. O verde da natureza é demais, você vê uma plantinha assim, você planta ela do nada, como você viu lá. A pessoa amarrou a fita naquela planta, você viu quanto ela cresceu. Você não vê ela crescer, mas ela vai se incorporando, você nem percebe.” (E2, A1)

“A natureza, pra mim, ela é tudo, né? Eu acho que em todo lugar todo mundo devia respeitar ela, né? Porque é muito bonito, você olhá aí, ó. Não tem fruta nenhuma aí, mas tem árvore. E essa árvore, ela está ajudando nós a respirar. Você entendeu? Então, ela não está aí à toa. Você não pode quebrar ela, matar ela, maltratar ela. Eu acho que [se] todo mundo plantasse uma árvore, que beleza que o mundo seria. A chuva nossa não ia faltar, ela vinha na época certa, como antigamente. Por falta da natureza, que a chuva nossa é tudo desse jeito que você vê aí. Quando vem, vem exagerado, faz estrago, mas por quê? Por causa da natureza. A natureza cobra aquilo... aquelas maldades que o próprio homem faz aqui. Você está entendendo?”

“Você vê cidade aí que não tem árvore, não tem rio, nos rios as pessoas desmatam tudo na beira do rio. Não podia fazer isso, tinha que ter quinze, no mínimo quinze metros de qualquer riozinho, ser do jeito que está essa mata aqui, olha. Aí, o que que acontecia, por exemplo, se os fazendeiros, dono de fazenda, plantasse cana, mas cada quadra de cana ele fizesse uma... uma curva de nível, e aquela curva de nível fosse plantado tudo em mata? Então, por exemplo, aqui tinha uma curva de nível, outra lá naquela casa lá. Então, lá tinha que ter uma restinga de mata. Outra aqui. A natureza ia ser outra. A terra, quando chovia, a

água ia pará ali. Ia alimentar aquelas frutas ou aquelas árvores que tinha ali. E aquilo ia soltar o quê? Tudo de bom pra natureza, né? E aí, o que acontecia? A chuva vem na hora certa, porque a própria natureza pede. Agora, quando a natureza pede, mas aqui não tem nada para proteger, o que que acontece? Você vê essas enchentes fazendo esses estragos. Por que que os rios estão todos desbarrancando? Por quê? Porque, se tivesse plantação na beirada dos rios, rio nenhum desbarrancava. E as próprias raízes seguravam aquela terra ali e aquele rio ia sempre ser fresquinho, aquela água fresca... e não jogar as coisas. Você vê quando dá uma chuva aí, o que que é porcaria! Vê nesse pedaço aqui, tem dia que eu saio por aqui, ó, dali, ó, até lá naquele canto lá eu cato tudo num saco: sacola, PET, caixinha, tudo de porcaria que nego joga.” (E5, A2)

Sobre a importância do plantio, todos os entrevistados enfatizaram isso. Então, a ideia de servir de exemplo ficou claro, bem como a de que não é pela resolução dos problemas por um poder central, mas pelo próprio ser humano, reforçando a ideia de propor a melhoria do meio ambiente pela ação do homem:

“Quando eu morava aqui, não tinha nem essa praça aí. Aqui, passava uma linha de trem, tudo, né? Eu pegava, às vezes, sentava aqui, hoje eu estou aqui, plantando, cuidando da natureza, e assim a gente vai fazendo, né? O intuito do ser humano, cada um na vida, cada ser humano, um dia, se plantasse uma árvore, esse mundo seria muito melhor. A árvore... muita gente acha que a árvore é só para sombra, não é. Outra coisa que eu sempre briguei, uma vez eu falei com um sargento da polícia florestal.” (E13, A6)

“Eu gostaria de... aparecesse mais gente para dar sequência a esse tipo de coisa, né? Gostar da natureza e plantar, cuidar, e incentivar as outras pessoas também para não deixar acabar. Eu acho que a tendência é chegar um tempo que a gente vai ter muito mais árvores, principalmente na cidade, viu? Porque eu acho que teve uma fase, um tempo que o pessoal parou, não sei se é por falta de não ter terreno, ou às vezes também assim – como se diz, né? – falta de interesse também. Mas eu acho que hoje o incentivo é maior, né? O pessoal está incentivando mais e o povo está acreditando, está ouvindo na televisão outras pessoas falarem, então, quer dizer que a tendência... vai melhorar. Eu acredito, torço, e vou torcer muito para isso aí.” (E14, A7)

“No meu modo de pensar, eu acredito que para a natureza deveria, todas as pessoas, inclusive, eu vou falar agora, a prefeitura, deveria cada vez plantar mais plantas. Em umas partes aí, tem muitas partes corroídas aí, você entendeu? E faltam essas coisas, mas ninguém está vendo isso aí, estava vendo o outro lado, terreno que nego vai fazendo casa, essas coisas, mas não está vendo o outro lado. Isso, não tem planejamento de nada. Só vai fazendo, fazendo e não vendo o outro lado da coisa.” (E12, A6)

A questão de uma associação do plantio com outros problemas ambientais em nível nacional e global também foi observado:

“O que eu enxergo é o ser humano, se cada ser humano se manifestasse... Tem uma área lá. Está desmatada. Não tem nenhuma árvore. Começa a plantar.

Eu fico louco assim quando eu vejo alguém plantando: “Puxa vida! Eu podia estar lá ajudando”. O pessoal da cidade não sabe, olha. Você olha nas ruas assim, você não vê mais árvores, todo mundo corta. Por quê? Cai folha na calha? Mas [se] ele ir pegar uma escada lá, ele não vai subir todo dia. Uma vez por mês. Ele subiu lá, limpou a calha, pronto. O ser humano não pensa no dia de amanhã. O clima nosso. Por que o clima nosso mudou tanto? A geleira lá em cima está descongelando por quê? Está tudo. A natureza está se vingando.” (E13, A6)

Também foi observado que esses plantadores em sua maioria não concordam com a falta de árvores em frente a residências no município. Isso se refere não só a área de atuação do plantador e a questão da natureza na cidade extrapola para as vias públicas:

“Eu acho que as pessoas, quase que... assim, quase uma necessidade, né, de... você vê que muitas pessoas pegam num lugar pequeno e fazem uma coisa que é bom para a natureza, que contribui, né? Outro tem uma área boa, não faz nada. Quer dizer, então uma relação é de ter sempre... sempre ligado à coisa que seja bom, de um modo geral, né? Quer dizer, que faça bem... pra mim, por exemplo, que eu gosto, só de ver uma árvore florida, por exemplo, uma árvore, ou uma árvore com fruta, ou uma árvore só ornamental, por exemplo, é super importante, né? É uma coisa que é da gente até, né? Principalmente quem veio do campo, já tem mais aquilo... nele, já está, está assim dentro, está na pessoa já, porque você já nasceu no meio do mato, né? Nasceu na fazenda, quer dizer, lá só tinha... e você vê, por exemplo, você pega um aparelho, mede a temperatura na rua mesmo, na rua da cidade, embaixo de uma árvore, perto de uma árvore, depois você vai numa casa vizinha que não tem árvore, uma casa que não tem árvore, você mede da outra... Então, se todas tivessem árvore na sua casa, quero dizer, em frente à casa, a temperatura média ia cair uns quatro, cinco por cento, e a influência disso seria nos rios, nos lagos...” (E7, A4)

Outro entrevistado mostrou a mesma opinião em relação à questão da arborização urbana, salientando que o caso de Araras em relação às árvores tem muito o que melhorar:

“Olha, eu vejo assim, como muito a desejar, porque há o vandalismo, e poucas pessoas que procuram fazer o plantio, o plantio de árvore, tanto também que a administração pouco colabora nesse sentido, né?”

“É, nós viemos aqui, um caso que há décadas atrás Araras havia recebido o título de cidade das Árvores. Havia árvores principalmente no centro comercial da cidade, muitas árvores. Hoje em dia, nos não vemos mais, acabaram com as árvores. E não há, assim, um incentivo para que as pessoas plantem, voltem a plantar. Muitos falam que faz sujeira. Faz nada. E o benefício que ela produz?” (E13, A6)

“Se você vê ali, que eu estive observando: daquela agência do correio... Da rua Tiradentes, do correio, até a Rua Armando Salles de Oliveira, na região do ginásio ali, só tem uma árvore, uma árvore. Uma! Que é aquela que está justamente em frente ao correio. De lá pra cá. Não tem mais nenhuma. Entendeu?” (E4, A2)

Ainda assim, um dos entrevistados ressaltou que Araras é uma cidade bonita em relação às árvores e que melhorou no quesito da natureza na cidade:

“Eu acho que mudou bastante, né? Porque você vê, que nem aí na praça mesmo, é difícil você ver uma cidade que tem uma praça [Barão de Araras] com tantas árvores que nem nós temos, né? Eu acho que vale a pena, que, aqui na cidade, está bonito Araras. Pra caramba!” (E16, A9)

Em relação ao aprofundamento na questão sobre a relação do homem com a natureza na cidade de Araras, que dizem respeito não somente a questões percebidas academicamente, mas que apontam para a convivência do homem com os outros seres e que também se refere à percepção de uma comunicação com a natureza, que seria uma questão a ser abordada em outros estudos, pois foge à compreensão científica que está focada em aspectos técnicos apenas:

“Você vai falar: “é meio loucura, né?”, mas eu estou andando aqui pelo meio, tem passarinho que fica perto da gente, ele sente. Quem não acredita vai falar: “Ah, o cara está falando borracha”. Não estou. Você fica andando aqui pelo meio. É difícil explicar em palavras, mas é... ele te dá paz, o contato com nosso planeta, é outra coisa. Isso aqui te tranquiliza de tudo quanto é forma, você tem a resposta das plantas. Eu, sei lá, eu sinto dentro de mim. Quando eu podar uma planta aqui, é diferente de quando o cara simplesmente “Pó-pá-pá-pá!”. Não, a gente poda com carinho, para que ela cresça, para que ela desenvolva, e você percebe um retorno nisso, você percebe. A planta sabe que você está cuidando dela, que você não está estragando ela.”

“É o que eu sinto. Porque hoje o pessoal é muito teórico, tal, mas você precisa usar o sentir, você precisa sentir isso. Então, e o que que nós vamos deixar para as futuras gerações? Só asfalto? Só cimento? Os caras vão beber asfalto e cimento? Se a gente não fizer isso aí, como é que nós vamos conservar as nossas fontes aí? Temos que cuidar! Está na hora de acordar, parar de discurso. Temos que cuidar da natureza. Temos que cuidar da natureza. Eu não sou uma pessoa, não fui formado nisso, tal, eu uso mais o meu sentir, eu uso mais o que eu sinto.” (E17, A10)

4.4. A QUESTÃO DA MOTIVAÇÃO

Quanto à motivação dos plantadores, pode-se constatar que o cuidado em si, discutido anteriormente, foi em vários casos um dos fatores motivacionais. Muitas vezes o início da ação do plantio começa com o próprio cuidado:

“Ele plantou as paineiras e sumiu. Eu não vi ele plantar. Falaram que era um homem que veio aí e plantou. Aí, depois ele... nunca mais vi ele. Mas aí, como o trator passou lá e quebrou a paineira dele, eu fui lá e... pode ir lá no pé dela que você vê que ela está grossa onde eu emendei ela. Aí eu fiz um enxerto nela ali e ela está ali ó, viva lá. E fui cuidando dela, sabe? Aí, comecei a plantar mais.

Outras coisas que eu fui achando aí, conseguindo, fui plantando. E está desse jeito aí". (E5, A2)

"Motivação foi que eu sempre via aquela parte abandonada, sabe? Então, foi onde que eu falei, aí comecei plantar." (E16, A6)

Há também outro fator que é o próprio fato da pessoa ter vindo do sítio e ter tido hábito de plantar. Portanto, a motivação se mistura com o aspecto da origem rural da pessoa e do hábito de vida, em que o plantio era parte da rotina:

"Então, eu nasci no sítio, fiquei até os dezenove anos no sítio, casei e vim embora para a cidade. Mas eu gosto de plantar. Então, eu planto, olha, jabuticaba, tem plantado, tem fruto-do-conde, tem a mangueira, né? Abacateira tem também. É tudo planta que eu plantei." (E7, A3)

"Ah, eu sempre gostei de plantar, né? Então... eu tive uma formação lá do fundo, né? Então, você fica com aquilo na cabeça, tem que plantar alguma coisa..." (E1, A1)

Em alguns casos, a motivação e o ímpeto inicial de plantar confundem. No exemplo abaixo, o plantador (E3, A1) tanto teve uma vida no meio rural, como também o ímpeto inicial veio por força de sua esposa:

"Minha mulher, ela gostava também. Era da roça, né? Aí, [ela] falou: 'Vamos plantar' as mudinhas aí. E fomos plantando, né? Tem muita coisa aí: uva, mangueira... A maior parte é mangueira. A maior parte eu gosto de plantar mangueira, olha. De fora a fora, mangaiada aí. Tem goiaba, jatobazeiro..."

Outro tipo de motivação é a vontade de preservar as árvores para as gerações futuras:

"Meu caso... começou acho que em 2008, entendeu? Eu residia perto de uma área bastante bonita... de bastante árvores, não é? Que é aí nas imediações do terminal rodoviário/estação rodoviária em Araras, e eu vi a beleza daquelas árvores. Mais precisamente os ipês. E eu pensava assim: 'Pô! Isso aí um dia pode acabar, né?'" (E4, A2)

A isso também se soma o fato do plantio servir como consciência ambiental e poder servir como educação ambiental, no caso de um plantador que leva a experiência do plantio para crianças:

"Aí, plantamos isso, mas tudo isso sempre partindo do princípio de trazer as crianças para que as crianças aprendam a conservar o bem público, aprendam a mexer com as plantas, a cuidar de tudo isso aqui. Então, a gente começou aqui em casa, a oficina de casa virou... a garagem da minha casa virou uma oficina! [Os] pneus [nós] fomos buscando. Esse material aqui é descartado. Para a gente reutilizar aqui. Eu não sei precisar para você, mas pelo menos quatrocentos pneus têm aqui, com certeza. E o objetivo é continuar. E aí, então, a gente trás eles [as crianças] para pintar, para fazer os bichinhos, para plantar, todas essas coisas aí." (E17, A5)

4.5. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS ENCONTRADOS

O levantamento bibliográfico sobre a questão de plantio em áreas públicas por plantadores é basicamente vista de um ponto de vista técnico, e hoje no Brasil está expresso de forma bem marcada nas publicações escolhidas para análise, da Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana. Nas publicações, predomina o olhar de que o morador não sabe o que faz quando planta e que compete a especialistas e à administração pública o “destino das árvores”. Os estudos em que isso é amenizado são interdisciplinares, envolvendo outras áreas da ciência que não somente as ciências agrônômicas e florestais, predominantes quando o tema é arborização urbana no Brasil.

O morador, portanto, é visto majoritariamente como um empecilho ao planejamento e o conhecimento técnico é reforçado como a medida para se cuidar das árvores. Essa postura é de certa forma mais ligada à uma reserva de mercado pela formação de profissionais da área do que propriamente uma realidade como pode perceber. Ainda, dificulta que seja popularizada e aceita a noção de plantador de árvores.

Muitos plantadores, plantando e cuidando com carinho conseguem resultados mais satisfatórios do que o da própria administração pública, principalmente no que se refere ao cuidado com as árvores. Para o morador, há sentimento envolvido na questão também. Para a administração, não.

A identificação visual dos locais onde se percebe a atuação de plantadores poderia ser questionada e deve. Não é aqui intenção mostrar um método correto para se chegar a identificar plantadores, por isso não só utilizei a visita in loco, como a conversa com plantadores do local e o método bola-de-neve. Quando coloco que 121 áreas foram encontradas de um total de 350 do mapa de áreas verdes do município de Araras, isso foi feito seguindo a lógica exposta na Metodologia. No entanto, após finalizado o estudo, percebe-se que de fato há um número expressivo de plantadores que cuidam de áreas públicas na cidade, a isso deve-se dar mais atenção.

Quanto à questão da ligação desses plantadores com a área pública, no estudo ficou claro que a relação é até óbvia, mas ainda o número de

entrevistados foi pequeno. Seria interessante saber sobre mais plantadores e sua ligação com o rural e tradições culturais populares na cidade, já que as questões estão diretamente relacionadas. Tanto na cidade, como no campo, é preciso discutir a presença do homem para o cuidado do meio ambiente e dos outros seres envolvidos. Seria interessante também pesquisar sobre outros plantadores que não são identificados por área, mas que gostam de plantar, lidam com aspectos de cuidado dentro de casa. Portanto, esse estudo é apenas a ponta de um *iceberg*, acredito. Ainda, se a questão fosse pesquisar as boas ações de cidadãos na cidade em áreas públicas, sendo o plantio apenas uma delas, teríamos outros resultados.

Os plantadores entrevistados plantam e cuidam de árvores com custo pessoal envolvido muitas vezes e não pensam na colheita dos frutos apenas para fins pessoais, mas visam o bem comum, o que também se refere a aspectos culturais e valores do campo, já vistos em outros estudos, como o de Candido (2010), sobre o caipira paulista. Na cultura caipira, o bairro tem importância significativa como área de convivência. A ação de plantadores no espaço e no tempo em áreas verdes públicas ocorre por anos, havendo a possibilidade inclusive de retomada da história da cidade por fatos relacionados às árvores, principalmente as antigas. Portanto, há perspectivas interessantes de novos estudos na cidade envolvendo o rural, o meio ambiente e a história da cidade.

O caráter de anonimato parece se confirmar sob o ponto de vista tanto do próprio plantador, que não procura ser reconhecido, mas apenas fazer sua parte para contribuir para uma melhoria e cuidado (a maioria deles expressou essa preocupação de ver outras pessoas fazendo plantio e não só apenas alguns “heróis”) e também porque não existe uma contrapartida da administração municipal para atentar para esse cuidado de forma a contribuir para que isso seja estimulado e pensado com seriedade. Há muito oportunismo político nos tempos em que vivemos e Araras está longe de ser exceção em relação à isso.

Desvendar um pouco desse anonimato contribui para a ideia de que o desenvolvimento não é inexorável em uma direção apenas. Apesar de toda a ideologia de progresso e desenvolvimento, o que se vê nas cidades, mesmo em Araras, que foi considerada como modelo de progresso e desenvolvimento no Brasil, há registros claros do rural em sua população, principalmente porque o

desenvolvimento e progresso associados à Araras está mais relacionado à agroindústria (do café, laranja, mandioca e cana, principalmente). Assim, as proposições de Veiga (2003), Rua (2005) e Carneiro (1998) são pertinentes. Por isso, defendo que a cultura do plantador em área urbana precisa ser reconhecida e considerada em seus pormenores.

Apesar de uma pesquisa com número pequeno de participantes, com dezessete plantadores entrevistados, alguns objetivos foram atingidos, como o de levantar um número de pessoas envolvidas com a atividade de plantio em áreas verdes públicas, em uma busca por plantadores de árvores, e saber sobre a relação deles com a origem rural e seu cuidado, passando pelos aspectos da natureza na cidade.

Os métodos utilizados se mostraram válidos para se chegar aos plantadores responsáveis, porque a maioria deles reside próximo às áreas em que plantam e cuidam, havendo uma exceção. A média de tempo de cuidado com plantio foi de dezessete anos, reforçando a ideia de que a atuação ocorre próxima ao local de residência dos plantadores entrevistados. As áreas em que ocorreu a maior parte dos plantios correspondem a praças (áreas de lazer ou esporte), canteiros de avenidas, áreas verdes, e áreas de preservação permanente pela questão de curso d'água presente.

Acho que muito mais pesquisas deveriam ser realizadas, principalmente no que se refere à retomada da história local ambiental, para saber o quanto a participação de plantadores molda a paisagem de uma cidade e o quanto e desejável a presença de mais áreas verdes e cinturões, para a ampliação de conceitos de áreas verdes para florestas urbanas, envolvendo conceitos mais recentes do campo, como agrofloresta e permacultura.

É preciso recuperar a memória de ações positivas do homem com o meio ambiente. Esse estudo procurou fazer isso partindo do presente, da memória viva, a partir da coparticipação dos plantadores no plantio e manutenção das áreas verdes públicas. Esse estudo sugere fortemente uma coparticipação de plantadores com a administração pública nos fatos que se referem às árvores da cidade e áreas verdes, por isso pensar em uma legislação específica para isso, como já está em vigor em outras cidades, com a adoção de praças. É importante notar também que mais recentemente a adoção de outros locais além da praça

está também em vigor em Recife, mostrando que é possível inovar na proposição sobre como lidar com as questões locais e pode ser decidido pelos próprios plantadores, a partir de experiências e proposições próprias.

Foi possível constatar no decorrer da pesquisa que é necessário um esforço de conciliar a ação da empresa terceirizada e os plantios e cuidado dos plantadores. Como não existem estudos realizados nem mesmo em termos nacionais (havendo um realizado na Nova Zelândia recente alertando para o fato) sobre o perigo da adoção de apenas realizar a manutenção pensando no mato baixo, seria inteligente da parte da administração adotar o princípio da precaução, que é um dos principais quando a questão é meio ambiente.

4.6 PENSANDO EM UMA DEFINIÇÃO CONCEITUAL PARA OS PLANTADORES DE ÁRVORES

Aqui, deixo uma proposição para se pensar na definição dos plantadores de árvores: eles próprios se identificam como plantadores ou com a atividade de plantio e cuidado, não precisando de julgamento externo; sua atividade não visa proveito imediato e não se relaciona com ganhos imediatos da mesma forma, e se estende para outras gerações. Os benefícios das árvores são por eles reconhecidos, sendo que quando plantam estão ajudando a natureza a cumprir o seu papel de continuidade da vida. Nisso, no plantio e no ato de cuidar e ver crescer uma árvore, encontra-se um pouco de um sentimento que remete à uma certa religiosidade, em que a vida da árvore é preciosa pelo seu valor intrínseco e não só por serem recursos a serem explorados imediatamente. Há, portanto, uma noção de tempo que vai além da exploração imediata de recursos.

5. CONCLUSÕES

Deixo aqui minhas últimas considerações a respeito da pesquisa realizada. Em primeiro lugar, os resultados alcançados devem ser relativizados. A ligação dos plantadores de árvores com o rural, para o caso do município de Araras, mostrou-se válida, mas a amostra foi muito pequena. As referências bibliográficas poderiam ter sido melhor exploradas no decorrer da pesquisa também: nos resultados, poderia ter havido mais ligação entre a bibliografia consultada e o estudo realizado. Dentro da bibliografia levantada, de particular interesse seria relacionar os plantadores e sua relação com o sagrado. Para futuros estudos, seria interessante uma investigação nesse sentido. Ainda, a motivação por trás do plantio, ainda que apareça na fala dos entrevistados e até que tenha sido levantado, também poderia ter sido melhor investigada. O que apontou a pesquisa em campo foi que existem vários fatores relacionados à motivação, como com o cuidado de um espaço, com a melhoria da qualidade de vida, com a preservação das árvores para futuras gerações (a ideia de finitude), com a própria origem rural e resgate de uma memória de natureza anterior.

Em compensação, os resultados com a própria investigação local, de que os moradores estão mesmo presentes em seus bairros e sendo atuantes com o plantio e o cuidado das árvores, foi expressivo, com mais de um terço dos locais pesquisados a partir de um mapa de áreas verdes da cidade, ainda que esse material não dê abrangência a todos os pontos da cidade, por não estar atualizado. Apesar de não ter sido foco principal, foi um dado primário a ser coletado, mesmo que metodologicamente não tão rigorosa. É preciso salientar que a busca pelos plantadores foi uma parte importante do trabalho e também que motivou o seu prosseguimento, sem a qual não poderia haver uma crítica à própria bibliografia levantada e nem mesmo a criar uma breve noção de dimensionamento da atividade no município. A sugestão é que outros dimensionamentos e levantamentos sejam feitos em outras cidades do país.

Deixo aqui a reflexão em relação à parte teórica pesquisada. Para uma nova maneira de se ver questões dentro da academia, acredito que seja preciso conhecer quais são as linhas de pensamento majoritárias que estão delineando para onde se dirige a sociedade. Hoje, em publicações especializadas sobre a

presença da árvore na cidade, fica claro um cientificismo, de que o conhecimento científico irá dar as respostas para os problemas, quando é preciso se levar em consideração que o que levou à falta de planejamento na cidade foi justamente a aposta na tecnicização da sociedade e apostar nisso (planejamento, planos, técnica) para lidar com árvores não é o único caminho. Existe bibliografia que trata disso filosoficamente e ficou faltando aprofundar aqui, sobre ética, técnica e meio ambiente.

Quando fiz as críticas em relação às publicações levantadas da Revsbau, a intenção não foi desmerecer os trabalhos escolhidos, mesmo porque não estou discutindo os seus méritos, que são muitos, nem autores, já que não os conheço, mas apontar que existe sim uma tendência de negligenciar o morador e apostar em soluções técnicas. Isso aparece em forma de pressupostos que são vistos nas entrelinhas em muitos artigos levantados.

Um dos aspectos que chamou a atenção durante a análise bibliográfica foi que o cuidado com a natureza pode estar inserido dentro de uma cultura, em que isso é “conscientemente” considerado. O caso dos *Bishnoi* é emblemático e até hoje é exemplo daquele que abraça uma árvore para salvá-la. Nesse sentido, os valores e a cultura observados por Antonio Candido em seu estudo sobre o caipira paulista (solidariedade, abundância e sabedoria, como ele destacou) parecem continuar na cidade e se manifestar de diversas formas, como uma memória viva em espaços públicos, tendo impacto no plantador. Apesar de não ter sido enfaticamente colocado no trabalho, essa cultura caipira está presente nos entrevistados.

Em Araras, observou-se essa questão cultural presente, mesmo que parcialmente, pelo pequeno número de entrevistados, pois as ações desses plantadores têm relação com suas origens rurais e valores relacionados a um tempo e memória do campo. A cidade pode muito bem voltar a se assemelhar com áreas florestadas, dependendo do manejo e da intenção a respeito de sua destinação. Pode ser que venha a ser discutido isso no futuro com seriedade – a cidade e a floresta juntos. Isso depende de escolhas e de princípios ou diretrizes dentro da própria cultura. O que se observa no município é que existe sim e é expressivo, não poderia ser desconsiderado pela administração e políticas públicas, como há pouco tempo se desconsiderou, com uma política

municipal para adoção de praças públicas para o cuidado com foco em empresas, quando o que se vê em um período de anos e às vezes décadas, nesta pesquisa, é que os moradores da cidade estão tomando a frente e resolvendo questões que os tocam localmente. Em muitas áreas indícios de uma volta da natureza a partir da ação do homem e seu cuidado em área pública.

Os resultados da pesquisa apontam para a importância de se retomar essas raízes culturais no município de Araras e entender as implicações práticas disso em relação ao plantio, cuidado e contato com a natureza em espaço público urbano, colocando em discussão como a administração pública lida com as áreas passíveis de plantio na cidade.

Se em mais de um terço das áreas públicas (sem contar calçadas, canteiros centrais, limites de loteamentos, rotatórias) há ação com plantio, é preciso entender isso como uma questão importante a ser reconhecida. Essa pesquisa poderia ser realizada em outras cidades, saliento aqui, não acredito que Araras seja uma exceção em meio a outras cidades do país. Algumas administrações municipais do interior paulista já vêm até colocando em prática a lei municipal de adoção de praças, porém cedendo para a iniciativa privada o cuidado de áreas previamente selecionadas, como é o caso de São Paulo, Santos, Mogi das Cruzes, Santa Isabel, Rio de Janeiro, Porto Alegre. A proposição em Recife hoje já é de adoção além das praças, contemplando qualquer espaço que o cidadão queira cuidar, canteiros centrais, lugares embaixo de viadutos, espaços verdes não tidos como área verde etc. No entanto, o morador deve ser considerado em primeiro lugar, pelo que se observou durante a pesquisa, pois ele já faz algo sem esperar nada em troca. Os entrevistados não estão esperando nenhum tipo de ajuda pública, mas o fazem motivados por questões maiores, que envolve cultura e natureza.

Como plantador da cidade também, não ocupando cargo público, tive a oportunidade de conversar com uma pessoa da administração municipal que queria a minha opinião a respeito do turismo na cidade de Araras, área de formação minha. A minha resposta vem com essa pesquisa. Acredito que Araras, cidade em que nasci, deva apostar no plantio de árvores, na retomada da Festa das Árvores (em outro formato, diferente do que ocorreu em 1907) e se organizando nos mínimos detalhes para isso, com leis específicas, que

incentivem o plantador em primeiro lugar, considere aspectos de cidade e também as novas gerações e as escolas municipais. A Lei Orgânica do município e a Lei Complementar sobre o Plano Diretor do Município sequer possuem seções específicas sobre arborização. Não há estatuto, código ou lei diferenciando no município de Araras a relação de seus plantadores com as árvores e a natureza, para supormos existir uma diferença real entre este município e outros municípios no que diz respeito às árvores e outros animais.

Aqui, coloco que o lema “Cidade das Árvores” não está adormecido, mas tem deveria ser reinterpretado à luz dos novos tempos que a cidade vive. Ele tem sido subutilizado pela administração pública, inclusive no que diz respeito a seu potencial econômico, mas principalmente no que diz respeito ao resgate da cultura local. Holambra é uma cidade que apostou no seu lema e movimenta sua economia com as flores. E por que Araras não? O tempo do café já passou. Talvez seja o momento para se apostar na volta da natureza para a cidade, começando em área urbana. A cidade tem história rural e não seria de modo algum artificial olhar para isso com seriedade. Acima de tudo, não seria criar uma situação, mas lidar com o que já existe.

A partir disso, pode-se perguntar também, se a cidade das árvores hoje não poderia vir a ser a cidade dos plantadores de árvores. Esse reconhecimento poderia ajudar a população a se ver nessa figura, não pelo reconhecimento pessoal, o que a maioria dos entrevistados não vê como importante, mas pelo reconhecimento da importância daquilo para o que aponta sua ação: a Natureza. Presume-se que uma cidade que tenha muitas árvores também reconheça os esforços daqueles que tornam isso todo dia uma realidade. Se o título “Cidade das Árvores” só se referir aos esforços do poder público, então provavelmente o nome teria que ser mudado para Araras, a cidade das árvores do poder público.

Araras tem todos os traços de cidade desenvolvimentista, que não apostou no homem, mas em uma ideologia de progresso que coloca o homem, agora junto com a natureza finalmente, como secundário, tanto no trato com o campo, como no trato com a área urbana. A revolução verde no campo aqui foi e ainda é presente. No entanto, há a presença de plantadores que mostram que a ideia do rural persiste e que é preciso se enxergar isso para se chegar a

proposições políticas não somente baseadas em ideologia, mas de acordo com a própria transformação da sociedade e aquilo que permanece da história.

Cito no início a história do centésimo macaco. Acredito que a partir de um número crítico de plantadores de árvores, a sociedade começaria a dar o devido valor para isso nas cidades, que tanto carecem de cuidados com a natureza e meio ambiente. Pode ser que isso venha a acontecer, já que as reportagens sobre esse fenômeno vêm crescendo e os exemplos estão sendo noticiados. Os esforços recentes de jornalistas podem ainda se ampliar. É possível que o centésimo plantador de árvores contribua para um planeta que recupere suas paisagens, suas florestas, os animais, tanto na cidade como no rural. A abordagem a partir da cidade para se discutir a natureza, retomando o campo, é uma realidade.

Fica também aqui a reflexão: novas formas incorporadas à ideia de desenvolvimento estão vindo à tona, como a ideia das máquinas sendo incorporadas ao homem (a ideia de transhumanismo, em que há fusão entre homem e máquina), mas a resistência não deve deixar de existir. As previsões sobre o domínio da natureza por completo e do progresso como inexorável falharam. Devem ainda existir muitas formas de resistência e movimentos que irão surgir como reação à ideia de progresso inexorável, e a uma proposição monolítica de desenvolvimento, em que o homem esteja acima de todos os seres e faça o que bem entender, sem uma ética que vá além da sociedade humana.

Para finalizar, deixei separadas mais sugestões, que me ocorreram durante o período de pesquisa:

a) Que o termo manutenção de áreas verdes passe por uma crítica, e que seja revista no sentido de propor um cuidado maior. Isso pode ser pensado no sentido de haver uma relação maior entre população e administração pública. Plantadores da cidade não tem só a noção técnica do aspecto da cidade, mas memória viva e sentimento e sentimento de pertencimento. Um projeto de lei para a adoção de praças e “além de praças” para o cuidado deve ser pensado com cuidado pela administração municipal. O projeto deve incluir o plantador que convive com as áreas. Isso já foi proposto e a administração atual já afirmou que

vai tornar isso lei durante o processo de finalização dessa dissertação, porém dando prioridade à iniciativa privada.

b) Levar em consideração não só os aspectos técnicos, claramente utilizados na academia e reforçados na administração pública, encontrados em bibliografia especializada em arborização urbana, mas aspectos do modo de vida dos plantadores, de convívio, valores e até suas emoções e memórias relacionadas às árvores. *Árvore não é poste!*

c) Que as escolas deem atenção a essas ações de plantadores na cidade e levem crianças para conhecer essas áreas. Em um dos locais observados, isso já acontece, o que torna as áreas verdes reais pontos de encontro e, além de ser ponto de encontro entre rural e urbano, pode se tornar ponto de encontro entre escola e sociedade, sobre estudos históricos locais. Professores podem incentivar os alunos a descobrir sobre o passado rural a partir de pontos em que isso ainda é visto.

d) Uma maior sinergia entre administração pública e os plantadores no cuidado das áreas, pois existem vários casos de conflito e poderiam ser resolvidos com diálogo e não com critérios a partir de quem sabe mais e quem tem mais poder, seja legal ou em termos de maquinário. Observa-se nas entrevistas conflito entre plantadores e a manutenção de espaços pela empresa terceirizada da prefeitura, o que já é de conhecimento popular, mas que precisa de mais discussões a respeito. Seria produtivo se houvesse conversas diretas entre plantadores, empresa terceirizada e prefeitura localmente, analisando o plantio e o cuidado locais pelos plantadores de modo particular, além apenas da proteção e do plantio, incluindo outros aspectos, como a própria nutrição da planta e até a parte de colheita, mapeamento de árvores frutíferas;

e) Considerar para discussão a abordagem da cidade pelo que é visto hoje como seu “oposto”: as unidades de conservação e o campo. Diegues critica a ideia de reservas intocadas pelo homem, muitas vezes para prejuízo de populações tradicionais que sempre conviveram em contato próximo com a natureza. É pressuposto aqui que com a cidade ocorra o mesmo: os cidadãos não conseguem participar da ordenação territorial, que tem privado os cidadãos de contato com a natureza e dado prioridade para construções, asfalto e rede elétrica principalmente. Isso precisaria ser estudado e discutido com mais profundidade. Ainda que o modelo de cidade-jardim não tenha sido adotado, é

possível encontrar outras soluções para que a natureza seja vivencial, como essa pesquisa sugere;

f) Uma das questões em relação a esse trabalho é que havendo tempo de vida, disposição e espaço, o homem atua de forma benéfica em seu ambiente, basta que haja condições para isso, mínimos espaços, às vezes. Por isso é preciso se atentar para o enorme potencial das calçadas em frente às residências como áreas verdes da cidade também. No município, observa-se grande quantidade de residências que utilizam gramado ao invés de *petit pavé*, e tornam a cidade mais biodiversa, mais bonita, menos associada ao concreto. Como o plantador muitas vezes planta e cuida de locais mais próximos de sua residência (lembrando que na zona rural, as áreas são mais extensas), a calçada é a porta de entrada para o cuidado de áreas públicas com o verde associado, plantas e árvores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKPINAR, A.; *et al.* R. Does green space matter? Exploring relationships between green space type and health indicators. **Urban Forestry & Urban Greening**, n. 20, p 407-418, 2016.

ALMEIDA, A. R.; ZEM, L. M.; BIONDI, D. Relação observada pelos moradores da cidade de Curitiba-PR entre fauna e árvores frutíferas. **REVSBAU**, Piracicaba – SP, v 4, n 1, p 3 – 20, 2009.

ALMEIDA, N. M. Álbum de Araras: documento histórico, geográfico, e ilustrativo do município de Araras. Araras, SP: Odeon, 1948.

ARARAS. Lei de 24 mar. de 1990. **Lei orgânica do município de Araras**, Araras, SP, mar 1990.

ARARAS. Lei complementar n. 3.901, de 6 out. de 2006. **Dispõe sobre o plano diretor do município de Araras, suas normas disciplinadoras e dá outras providências**, Araras, SP, out 2006.

ARARAS, Prefeitura Municipal. Dados sobre o município. Disponível em: <<http://www.araras.sp.gov.br/dados/>>. Acesso em: 02 de abr. 2017.

ARAUJO, J. L. O.; ARAUJO, A. C.; ARAUJO, A. C. Percepção ambiental dos residentes do bairro Presidente Médici em Campina Grande-PB, no tocante à arborização local. **REVSBAU**, Piracicaba – SP, v 5, n 2, p 67 – 81, 2010.

BARGOS, D. C.; MATIAS, L. F. Áreas verdes urbanas: um estudo de revisão e proposta conceitual. **REVSBAU**, Piracicaba – SP, v 6, n 3, p 172-188, 2011.

BIERNACKI, P. & WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, v 2, p 141-163, 1981.

BIRD, C.; TOMPKINS, P. **A vida secreta das plantas**. São Paulo: Editora Abril, 1976, 377 p.

BISPO, C. L. S.; MENDES, E. P. P. O rural e o urbano brasileiro: definições em debate. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16., 2010, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: AGB, 2010, p. 1-10.

BOFF, L. **Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, 199 p.

BORGES, J. P. *Um estudo da percepção de justiça e equidade, em aproveitamentos hídricos, de grupos sociais do pantanal mato-grossense – o caso da hidrovía Paraguai-Paraná*. 2002. Tese. (Doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental), Escola de Engenharia de São Carlos (USP), São Carlos.

BRUN, F. G. K.; FUCHS, R. H.; BRUN, E. J.; ARAUJO, L. E. B. Legislações municipais do Rio Grande do Sul referentes à arborização urbana – estudo de casos. **REVSBAU**, Piracicaba – SP, v 3, n 4, p 40 – 52, 2008.

CANDIDO, A. Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, 334 p.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**. 11 de outubro de 1998, p 53-75.

COLETTI, E. P.; MULLER, N. G.; WOLSKI, S. S. Diagnóstico da arborização das vias públicas do município de Sete de Setembro – RS. **REVSBAU**, Piracicaba – SP, v 3, n 2, p 110 – 122, 2008.

CHEVALIER, G. *et al.* "O efeito de Terrar (aterrar) na fisiologia humana." *European Biology and Bioeletromagnetics*, 31 de Janeiro, 2006; 600-621; Disponível em: <http://74.63.154.231/here/wp-content/uploads/2013/06/The-effect-of-earthing-on-human-physiology-Part-1-2006.pdf>

DAMO, A.; HEFLER, S. M.; JACOBI, U. S. Diagnóstico da arborização em vias públicas dos bairros Cidade Nova e Centro na cidade de Rio Grande – RS. **REVSBAU**, Piracicaba – SP, v 10, n 1, p 43 – 60, 2015.

DENNIS, M.; JAMES, P. User participation in urban green commons: Exploring the links between access, voluntarism, biodiversity and well being. **Urban Forestry & Urban Greening**, n 15, p 22-31, 2016.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996, 169 p.

DONADELLI, F. *Reaping the seeds of discord: advocacy coalitions and changes in Brazilian environmental regulation*. 2016. Tese (Doutorado em Economia e Ciência Política), The London School of Economics and Political Science (LSE), Londres.

DWIVEDI, O. P. Human responsibility and the Environment: a Hindu Perspective. **Journal of Hindu-Christian Studies**, v 6, p. 19-26, jan 1993.

EMERSON, R. W. **Natureza..** Balneário Rincão: Dracaena, 2013, 92 p.

FUKUOKA, M. **The One-Straw Revolution: An Introduction to Natural Farming**. Mapusa: Other India Press, 2001, 183 p.

GIONO, J. **O homem que plantava árvores**. Disponível em: <http://www.novainter.net/arg/OHomemQuePlantavaArvores.pdf>. Acesso em: fev/2017.

GOTSCH, E. **O renascer da agricultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1996, 24 p.

GOTSCH, E. **Homem e Natureza: Cultura na Agricultura**. 2ª ed. Recife: Recife Gráfica Editora, 1997. 12 p.

GROSS, A.; DORS, P.; CAMPOS, K. A.; SILVA, A. C.; HIGUCHI, P. Percepção dos moradores e avaliação da arborização em bairros periféricos na cidade de Lages, SC. **REVSBAU**. Piracicaba – SP, v 7, n 2, p 24–36, 2012.

GUZZO, P.; CARNEIRO, R. M . A.; OLIVEIRA JUNIOR, H. Cadastro municipal de espaços livres urbanos de Ribeirão Preto (SP): acesso público, índices e base

para novos instrumentos e mecanismos de gestão. **REVSBAU**. Piracicaba – SP, v 1, n 1, p 19–30, 2006.

HORRELL, D. G. *et al.* Appeals to the Bible in Ecotheology and Environmental Ethics: A Typology of Hermeneutical Stances. **Studies in Christian Ethics**. Londres, p 219-238, 2015.

HOWARD, E. **Garden cities of tomorrow**. London: Swan Sonnenschein & Co, Ltda. Paternoster Square, 1902, 167 p.

IBGE, Censo Populacional 2010 (Resultados Preliminares). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_preliminares/conceitos_definicoes.pdf>. Acessado em: 17 out 2011.

JENKINS, W. *et al.* Whose Religion? Which Ecology? **Routledge Handbook of Religion and Ecology**. Ago-2016. p. 22-32.

KABASHIMA, Y.; ANDRADE, M. L. F.; GANDARA, F. B. TOMAS, F. L. Revisão de literatura. Sistemas agroflorestais em áreas urbanas. **REVSBAU**. Piracicaba – SP, v 4, n 3, p 1 – 20, 2009.

LACERDA, N. P.; SOUTO, P. C.; DIAS, R. S.; SOUTO, L. S.; SOUTO, J. S. Percepção dos residentes sobre a arborização da cidade de São José de Piranhas-PB. **REVSBAU**. Piracicaba – SP, v 5, n 4, p 81 – 95, 2010.

LI, X. *et al.* Who lives in greener neighbourhoods? The distribution of street greenery and its association with residents' socioeconomic conditions in Hartford, Connecticut, USA. **Urban Forestry & Urban Greening**. v. 14, p. 751 – 759, 2015.

LOUV, R. **The Last Child in the Woods**. Chapel Hill: Algonquin Books of Chapel Hill, 2005, 334 p.

LUNDGREN, W. J. C.; SILVA, L. F. S. Correlação entre índices das árvores e classes sociais na cidade de Serra Talhada – PE. **REVSBAU**, Piracicaba – SP, v 8, n 4, p 107-124, 2013.

MEGRÉ, V. **Anastasia**. Vila Nova de Poiares: Joanne Gribler Editora, 2008, 232 p.

- MANIFESTO OF THE PHANTOM TREE PLANTERS. **Do or Die**. v 5. p 70, 1996. Disponível em: <http://www.eco-action.org/dod/no5/tree_planters.htm> Acessado em: 21 abr 2017.
- MELO, E. F. R. Q.; ROMANINI, A. A gestão da arborização urbana na cidade de Passo Fundo/RS. **REVSBAU**, Piracicaba – SP, n 1, p 1-16, 2007.
- MELO, R. R.; LIRA FILHO, J. A.; RODOLFO JUNIOR, F. Diagnóstico qualitativo e quantitativo da arborização urbana no bairro Bivar Olinto, Patos, Paraíba. **REVSBAU**, v 2, n 1, p 64 – 80, 2007.
- MORGENROTH, J. *et al.* Conflicts between landscapes trees and lawn maintenance equipment – the first look at an urban epidemic. **Urban Forestry & Urban Greening** (2015), <http://dx.doi.org/doi:10.1016/j.ufug.2015.10.002>.
- MOSCOVICI, Serge. Prefácio. *In*: JOVCHELOVICH, S. y GUARESCHI, P. (org.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOSCOVICI, S. **La société contre nature**. Paris: Union générale d'édition, 1972, 381 p. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca>.
- NELSON, L. E. **Purifying the Earthly Body of God: Religion and Ecology in Hindu India**. Nova York: State University of New York Press, 1998, 365 p.
- OBBER, C. *et al.* **Earthing: The Most Important Health Discovery Ever!** Laguna Beach: Basic Health Publications, 2014, 320 p.
- OLIVEIRA, A. F.; PEREIRA, G. A.; PEREIRA, J. A. A.; CASTRO, P. M.; COELHO, S. J. Produção e doação de mudas realizada pela Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) e a percepção de moradores quanto ao plantio destas em áreas urbanas. **REVSBAU**. Piracicaba – SP, v 8, n 4, p 47 – 58, 2013.
- ONU, 2007. Pela primeira vez, população urbana supera a rural no mundo. Disponível em: <<http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/detail/155399.html/>>. Acesso em: 29 setembro 2011.

- PÁDUA, J. A. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 318 p.
- PARK, B. J. *et al.* The physiological effects of *Shinrin-Yoku* (taking in the forest atmosphere or forest bathing): evidence from field experiments in 24 forests across Japan. **Environ Health Prev Med**, n. 15, p 18-26, 2010. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2793346/>. Acesso em: 11 de outubro de 2015.
- PIVA, A.; GARCIA, R. L. C. A urbanização de Araras – SP no período entre as décadas de 1930 a 1970. **Revista Unar**. Araras – SP, v. 7, n. 1, p 1 – 11, 2013.
- RENUGADEVI, R. Environmental ethics in the Hindu Vedas and Puranas in India. **African Journal of History and Culture**. Lagos, Nigéria, v 4(1), p 1-3, 2012.
- RODOLFO JUNIOR, F.; MELO, R. R.; CUNHA, T. A.; STANGERLIN, D. M. Análise da arborização urbana em bairros da cidade de Pombal no estado da Paraíba. **REVSBAU**. Piracicaba – SP, v 3, n 4, p 3-19, 2008.
- ROPPA, C.; FALKENBERG, J. R.; STANGERLIN, D. M.; BRUN, F. G. K.; BRUN, E. J.; LONGHI, S. J. Diagnóstico da percepção dos moradores sobre a arborização urbana na Vila Estação Colônia – Bairro Canobi, Santa Maria – RS. **REVSBAU**. Piracicaba – SP, v 2, n 2, 2007.
- ROSSETTI, A. I. *et al.* As árvores e suas interfaces no ambiente urbano. **REVSBAU**. Piracicaba – SP, v 5, n 1, p 1 – 24, 2010.
- RUA, J. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza, n. 2, ano 2, p. 45-66, 2005.
- SHELDRAKE, R. **The Science Dellusion: Freeing the Spirit of Inquiry**. Londres: Hodder & Stoughton, 2012, 268 p.
- SILVA, A. F. C. A campanha contra a broca-do-café em São Paulo. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, n.4, v.13, 2006.
- SILVA, L. F.; VOLPE-FILIK, A.; LIMA, A. M L. P.; SILVA FILHO, D. F. Participação comunitária no planejamento viário de alguns bairros da cidade de Americana/SP. **REVSBAU**. Piracicaba – SP, v 2, n 3, p 47 – 62, 2007.

SILVA, V. M. O Brasil contra a saúva: considerações sobre a Campanha Nacional de 1935. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, n. 2, v. 23, p. 563-580, 2010.

TAVERA, M. **The sacred mission**. 2008, tradução de George Verdon do original em francês. Disponível em: <http://162.214.7.219/~earthio0/wp-content/uploads/2016/07/Matteo-Tavera.pdf>.

TAYLOR, M. S. *et al.* Urban street tree density and antidepressant prescription rates—A cross-sectional study in London, UK. **Landscape and Urban Planning**. v. 136, p 174 – 179, 2015.

THOMAS, K. **O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2010, 428 p.

VEIGA, E. V. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Ed. Autores Associados, 2002.

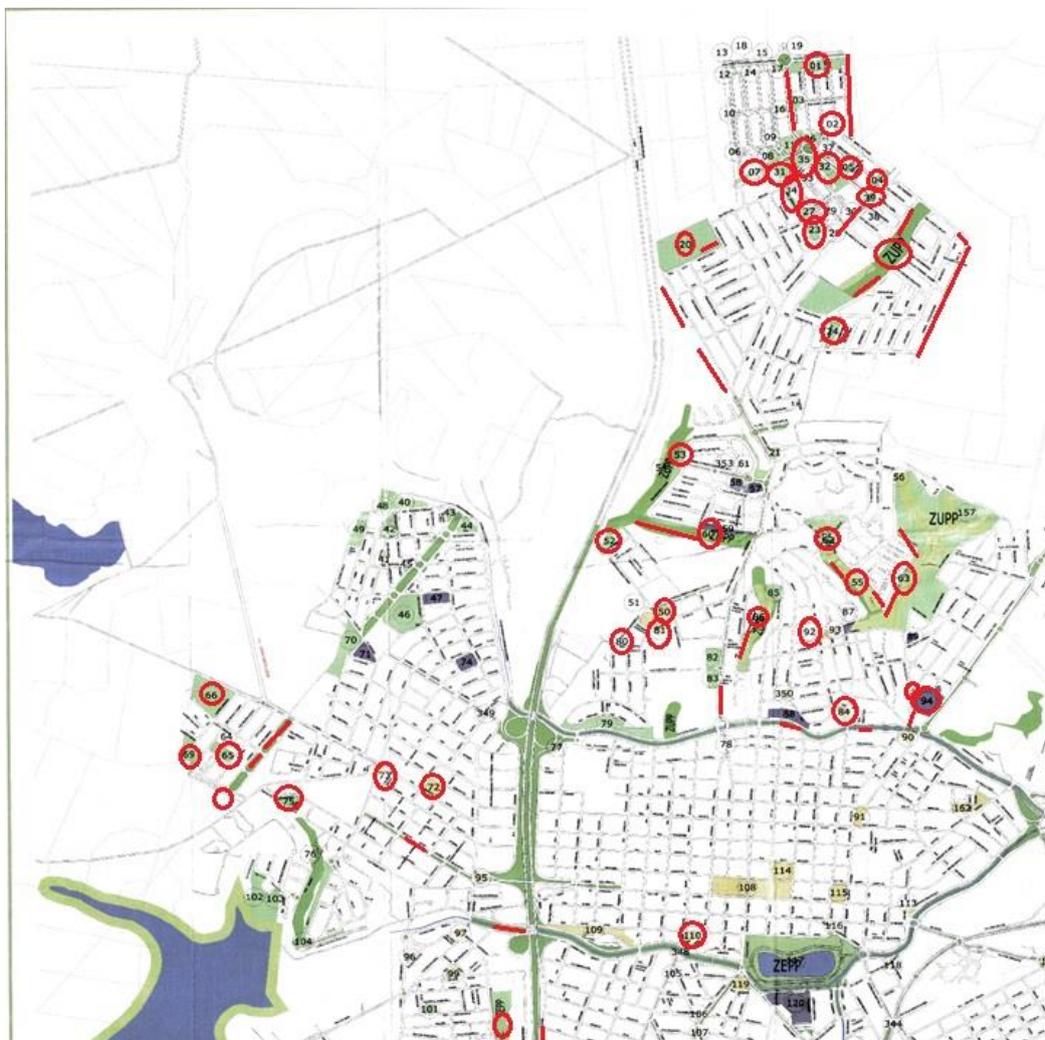
VIVEIRO, A.; GONÇALVES, O. Mapeamento de iniciativas de protagonismo ambiental e fomento à rede de plantadores de árvores. **Revista Educação Ambiental em Ação**. n 58, ano XV, Dez 2016/Fev 2017. Disponível em: <http://revistaea.org/>. Acesso em: mar 2017.

ANEXO I - MAPA DE ÁREAS VERDES DA CIDADE DE ARARAS

Esse é o mapa de áreas verdes, APPs, áreas de lazer e de esportes da cidade de Araras. Para uma ideia das áreas em que verifiquei a presença da atuação de plantadores, dividi esse mapa em quatro quadrantes – Q1-Q4, e marquei em vermelho com um círculo aquelas áreas em que reconheci atuação deles. A numeração dos plantadores coloquei como E1-E17 (entrevistados 1 a 17).

Os círculos correspondem às áreas definidas ou como áreas de lazer, áreas de esporte, áreas verdes e áreas de preservação permanente, enquanto os traços podem corresponder a áreas também não definidas em zoneamento como tais: canteiros centrais, rotatórias e limites de perímetro urbano em loteamentos.

Q1 - PRIMEIRO QUADRANTE: ACIMA, À ESQUERDA



Q2 - SEGUNDO QUADRANTE: ACIMA, À DIREITA



Q3 - TERCEIRO QUADRANTE: ABAIXO, À ESQUERDA



ÁREAS DE HÁ PLANTIO E CUIDADO DOS ENTREVISTADOS

Q – quadrante em relação ao mapa total de áreas verdes; E – entrevistado; A – área correspondente na figura 1 (em Materiais e Métodos e Resultados e Discussão)

Q1 - Áreas verdes 65 e 69 (E17); e área verde 75 (E8, E9, E10) – A5 e A10



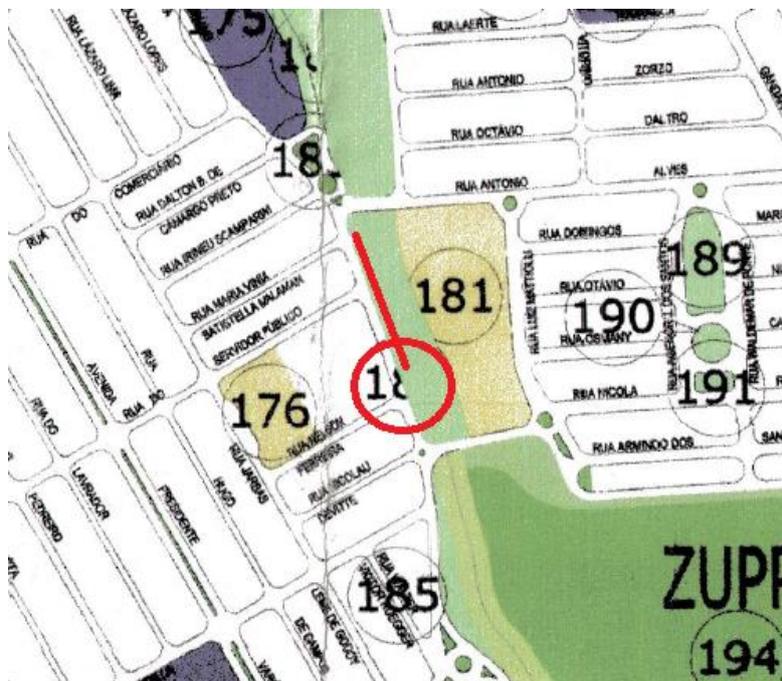
Q2 - APP 223 (E16) e áreas de lazer: 217 a 219 (E11-E13) – A6 e A9



Q2 - Área de lazer: 207 (E7) – A3



Q2 – Área verde 18?, ao lado da área 181 (E15) – A8



ANEXO II - O MANIFESTO DOS PLANTADORES DE ÁRVORES ANÔNIMOS

Plantar árvores abre nossos corações para a sabedoria da Natureza. Nutri-los nos dá uma exposição à vulnerabilidade da vida e nos ensina a construir uma comunidade humana e ecológica.

Não plantamos árvores para nós mesmos, mas para aqueles que estão por vir. A vida gera a vida, e dançando no seu ritmo podemos desfrutar com consciência o que passou adiante no passado.

Muitas pessoas nunca plantaram árvores por pensarem que não possuem a terra para plantá-las, o que é um grande erro. Somos filhos da Terra. Dividimos igualmente os vales, montanhas, rios e mares. Não nos enganemos mais!

Os plantadores de árvores anônimos não possuem uma organização formal, nenhuma taxa de adesão e somente a Terra possui a lista de membros (que é...) através do tempo. Para fazer parte, simplesmente plante uma árvore sem expectativa de ganho material, ajude a cuidar das existentes, ou guarde em seu coração seu significado.

Siga seus instintos, plante árvores em qualquer terra ou em qualquer lugar onde elas possam ter uma chance de se desenvolverem. Não se desanime com o sentimento de que você sempre precise de permissão [fórmula de lançamento](#) para plantá-la. A natureza semeia sem pedir permissão. Você faz parte dela. Reconstruir o mundo é um dever e direito que vai além de qualquer conceito legal de posse de propriedade.

Você pode adquirir espécies nativas de viveiros. Melhor ainda, plante mudas de aroeiras, ipês, em um vaso ou colcha e semeie sementes de seus locais originais. Demora muito para uma araucária crescer? Talvez você não precise viver esperando se satisfazer com resultados imediatos. Tente começar com algumas mudas de árvores em seu quintal ou na sacada do seu apartamento. Não se importe com onde você poderá transplantar as mudas. Cultive-as primeiro. A vida cuidará do resto, quando for a hora certa.

Não se preocupe demais com as perdas. Aceite isso como parte do processo. Lembre-se que existe outros plantadores de árvores por aí. O que importa não é o sucesso ou o fracasso individual, mas todo o processo como um todo que dividimos.

Plantar árvores é amar a Terra. O plantio anônimo recria o selvagem. Então vamos amar e viver de modo selvagem. Não tenhamos medo de crescer e de mudar.

Vamos celebrar - a própria vida!

APÊNDICE I - REPORTAGENS SOBRE PLANTADORES DE ÁRVORES

BRASIL

Distrito Federal – 2

1. “Ozanan Coelho, o homem que plantou os jardins da capital”, 18/10/2015:

http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/revista/2015/10/18/interna_revista_correio,502618/ozanan-coelho.shtml

2. “No lugar de lixo, uma praça”, 02/12/2016:
<http://chiquinhodornas.blogspot.com.br/2016/12/urbanismo-no-lugar-de-lixo-uma-praca.html>

Espírito Santo – 6

3. “Ele planta árvores e enche de vida as ruas da cidade”, 16/07/2016:
http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2016/07/noticias/cidades/3958329-ele-planta-arvores-e-enche-de-vida-as-ruas-em-vitoria.html

4. “‘Eu quero ver o rio renascer’ diz estudante que planta árvores para recuperar o 5 de Novembro”, 29/07/2016:
http://www.eshoje.jor.br/_conteudo/2016/07/noticias/meio_ambiente/42522-eu-quero-ver-o-rio-renascer--diz-estudante-que-planta-arvores-para-recuperar-o-5-de-novembro.html

5. “Eles compartilham a mesma paixão: plantar árvores”, 01/01/2017:
<http://seculodiario.com.br/32153/10/e-tempo-de-plantar>

6. “Bons exemplos se multiplicam”, 13/07/2016:
<http://folhadacidade.inf.br/bons-exemplos-se-multiplicam/> -

Mato Grosso – 1

7. “Morador de Cáceres planta mais de 100 árvores em locais públicos”, 20/10/2014::
<http://www.altogarcas.com/agnews/lernews.php?id=3036>

Mato Grosso do Sul - 1

8. “Se a Orla tem sombra fresca para tanta gente, agradeça ao dono da conveniência”, 31/06/2016: <http://www.campograndenews.com.br/lado->

b/comportamento-23-08-2011-08/se-a-orla-tem-sombra-fresca-para-tanta-gente-agradeca-ao-dono-da-conveniencia

Minas Gerais – 1

9. “Outro olhar”, 2010:

<https://luizpenna43.wordpress.com/2009/10/29/outro-olhar/amp/>

Paraná – 3

10. “Aposentado planta árvores no Paraná”, 21/09/2015:

<https://domtotal.com/noticias/detalhes.php?notId=943339> –

11. “Gente que vale a pena conhecer”, 23/04/2015:

<http://www.vende4.com/?p=16903>

12. “Morador usa criatividade e cuida de jardim na Avenida das Torres”,

24/10/2015: <http://www.folhadecampolargo.com.br/vernoticia.php?id=36204>

Pernambuco – 4

13. “Amor a Petrolina:Morador planta árvores, cuida e colhe um meio ambiente melhor para a cidade”, 30/11/2013:

<http://blogviniciusdesantana.com/2013/11/amor-a-petrolinamorador-planta-arvores-cuida-e-colhe-um-meio-ambiente-melhor-para-a-cidade/>

14. “Jovem empresário já plantou mais de 20 mil árvores no Recife e Região Metropolitana”, 31/05/2015:

<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/cienciamambiente/noticia/2015/05/31/jovem-empresario-ja-plantou-mais-de-20-mil-arvores-no-recife-e-regiao-metropolitana-183558.php>

15. “Aldecir, a plantadora de árvores”, 03/10/2009:

<http://capibaribe.info/2009/03/cv08-aldecir-a-plantadora-de-arvores/>

16. “Homem refloresta sozinho uma cidade de Pernambuco”, 01/05/2017:

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/05/homem-refloresta-sozinho-uma-cidade-de-pernambuco.html>

Rio de Janeiro - 2

17. “Carteiro planta árvores à beira de avenida de Campos, RJ, e melhora qualidade de vida”:

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/videos/t/todos-os-videos/v/carteiro-planta-arvores-a-beira-de-avenida-de-campos-rj-e-melhora-qualidade-de-vida/5445809/>

18. “O ex-garçom que virou um plantador de sonhos”, 23/10/2011:
<http://odia.ig.com.br/portal/rio/o-ex-gar%C3%A7om-que-virou-um-plantador-de-sonhos-1.369332>

Rio Grande do Sul – 1

19. “Idosa planta e cuida de mudas em rua de Rio Grande, RS”:
<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/idoso-planta-e-cuida-de-mudas-em-rua-de-rio-grande-rs/3654162/>

Santa Catarina – 2

20. “Jornalista de Balneário já plantou 500 árvores neste ano”,
 21/09/2016: <http://bombinhas.com.br/geral/2016/set/21/2/jornalista-de-balneario-ja-plantou-500-arvores-neste-ano>

21. “Plantador de Árvores”, 06/2002:
<http://www.ovizinho.com.br/jor02/j01044402.htm>

São Paulo – 27

22. “Aposentado já plantou mais de 150 árvores e será homenageado pelo Rotary”, 25/09/2016:
<https://www.acidadeon.com/araraquara/cotidiano/NOT,3,7,1198472,Aposentado-ja-plantou-mais-de-150-arvores-e-sera-homenageado-pelo-Rotary.aspx>

23. “Pensando no futuro, morador planta e cuida de mudas de árvores”,
 05/10/2014: <http://www.emflagrante.com.br/index.php/cotidiano/item/771-pensando-no-futuro-morador-planta-e-cuida-de-mudas-de-arvores>

24. “Pedreiro e comerciante usam tempo livre para fazer melhorias em cidades”, 04/03/2015:
<http://www.emflagrante.com.br/index.php/cotidiano/item/771-pensando-no-futuro-morador-planta-e-cuida-de-mudas-de-arvores>

25. “Morador do Jardim Ouro Verde planta árvores frutíferas em praça do bairro”, 20/02/2013:
<http://www.diariodeourinhos.com.br/tablet/noticia.asp?cod=9600>

26. “Aficionado por árvores planta 1,2 mil pés em área do DER em Piracicaba”, 16/03/2012: <http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2012/03/aficionado-por-arvores-plantou-12-mil-pes-em-area-do-der-em-piracicaba.html>

27. “Aposentado troca o lixo por árvores e flores na Cidade Universitária. Desde que João Batista começou a plantar em terreno, local ficou

- limpo”, 02/09/2015:
<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/bairros/oeste/NOT,2,2,1096582,Apos+entado+troca+o+lixo+por+arvores+e+flores+na+Cidade+Universitaria.aspx>
28. “Área do Jatobá mais verde”, 01/07/2008:
http://www.jornaldaregiaosudeste.com.br/pdfs/jornal_julho.pdf
29. “Seo Xisto, de Sorocaba, é um grande amigo da natureza!”, 10/09/2016:
<http://gshow.globo.com/TV-Tem/De-Ponta-a-Ponta/noticia/2016/09/seo-xisto-de-sorocaba-e-um-grande-amigo-da-natureza.html>
30. “Pescador se torna plantador de árvores na represa de Salto Grande”, 04/10/2015: <http://www.painelflorestal.com.br/noticias/como-plantar/pescador-se-torna-plantador-de-arvores-na-represa-de-salto-grande>
31. “Aposentado planta árvores e muda a paisagem do Tangará”, 17/11/2016: <http://www.tribunadopovo.com.br/aposentado-planta-arvores-e-muda-paisagem-do-tangara/>
32. “O cuidado de Geraldo Botelho com a rotatória”, 24/05/2012:
<http://www.tribunadopovo.com.br/o-cuidado-de-geraldo-botelho-com-a-rotatoria/>
33. “Uma parceria que rende bons frutos em Campinas”, 19/11/2016:
http://correio.rac.com.br/mobile/materia_historico.php?id=458096
34. “Plantador de árvores dedica a vida a preservar e cuidar da natureza”, 12/05/2016: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2016/05/plantador-de-arvores-dedica-vida-preservar-e-cuidar-da-natureza.html>
35. “A vida pulsa ao redor do Tiquatira”, 27/12/2016:
<http://saopaulosao.com.br/nossos-encontros/2443-a-vida-pulsa-ao-redor-do-tiquatira.html>
36. “Vê, estão voltando as árvores”, 10/05/2016:
<https://horizontesustentavel.com/2016/05/10/ve-estao-voltando-as-arvores/>
37. “Rubens Matuck, o semeador”, 12/2009:
<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/rubens-matuck-semeador-516012.shtml>
38. “Moradores dão exemplos em preservar áreas abandonadas”, 26/11/2016: <http://www.nossalucelia.com.br/n22962.html>

39. “Voluntários plantam árvores e garantem preservação de áreas verdes na cidade”, 16/02/2016:

<http://www.paulinianews.com.br/index.php/component/k2/item/42503-voluntarios-plantam-arvores-e-garantem-preservacao-de-areas-verdes-na-cidade>

40. “Morador que gastou R\$ 2,5 mil com mudas reclama de danos às árvores”, 01/06/2015: <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/06/morador-que-gastou-r-25-mil-com-mudas-reclama-de-danos-arvores.html>

<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2012/09/voluntario-plantar-arvores-em-ruas-de-santos-ha-mais-de-10-anos.html>

41. “Voluntário planta árvores em ruas de Santos há mais de 10 anos”:

<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2012/09/voluntario-plantar-arvores-em-ruas-de-santos-ha-mais-de-10-anos.html>

42. “Enfermeiro planta e cuida de árvores há mais de dez anos em Ribeirão Preto”, 27/02/2017:

<https://www.revive.com.br/noticias/comportamento/enfermeiro-plantar-e-cuidar-de-arvores-ha-mais-de-dez-anos-em-ribeirao-preto/>

Sergipe – 1

43. “Outubro - Mês das Missões”, 03/10/2016:

<http://paroquiasenhoradas.wixsite.com/parokiadedores/single-post/2016/10/03/Outubro---M%C3%AAs-das-Miss%C3%B5es>

Aqui estão também links de reportagens de outros lugares do mundo em que estão sendo noticiados os plantadores de árvores, com destaque para a Índia. Foram utilizadas as palavras-chave “he plants trees”, “he plants trees” city, 2017 planta árvores, indian plants trees, e uma pequena busca em russo посадил дерево в городе.

BANGLADESH

44. “For a greener landscape”, 27/10/2017:

<http://archive.thedailystar.net/starinsight/2007/10/02/cover.htm>

EUA

45. “Retiring priest reflect on decades of ministry”: http://www.diocese-sacramento.org/Home_news/retiring_priests09.html

46. “Askville: An apple a day for the revolution”, 10/12/2008: https://mountainx.com/news/community-news/121008an_apple_a_day_for_the_revolution/
47. “Editorial: Persecuting an idealist – Thomas Jackson is an urban farmer”, 26/12/2016: <http://www.cityfarmer.info/2016/12/30/editorial-persecuting-an-idealist-thomas-jackson-is-an-urban-farmer/>
48. “Guardian of the Woods”, 30/12/1993: http://articles.mcall.com/1993-12-30/news/2940509_1_street-trees-new-trees-fires

ÍNDIA

49. “How Many Trees Have You Planted? 5? 10? This Man Planted 10 Million!”, 06/05/2015: <https://www.thebetterindia.com/21804/greening-the-earth-daripalli-ramaiah-man-with-a-mission/>
50. “Love of trees gives scrap seller a name”, 29/01/2014: https://www.telegraphindia.com/1140129/jsp/siliguri/story_17875587.jsp#.WJelXvllclg
51. “India's "Forest Man" Dedicated 40 Years Of His Life to Planting Trees To Battle Deforestation”, 26/01/2017: <http://allteresting.com/indias-forest-man-dedicated-40-years-of-his-life-to-planting-trees-to-battle-deforestation/>
52. “Indiano que viaja o mundo plantando árvores visita o DF”, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/05/05/interna_cidadesdf,593193/indiano-que-viaja-o-mundo-plantando-arvores-visita-o-df.shtml
53. “Meet the 105-year-old Indian woman who planted 300 trees because she couldn't have children”, 11/07/2016: <https://inhabitat.com/meet-the-105-year-old-woman-from-india-planted-300-trees-because-she-couldnt-have-children/>
54. “This 7-Year-Old Girl Travelled From US to India to Plant 750 Trees & Spread an Inspiring Message!”, 07/07/2017: <https://www.thebetterindia.com/107685/isha-blokhra-7-year-old-plantation-drive/>
55. “One Sapling at a Time, This Man From Rajasthan Is Painting the Desert State Green”, 21/04/2017: <https://www.thebetterindia.com/96968/shyam-sundar-jyani/>

56. “A Group of Youngsters in Manipur Worked for 10 Years to Transform Barren Land Into a Lush Forest”, 01/03/2017: <https://www.thebetterindia.com/109828/10-common-people-individual-effort-tree-plantation/>

57. “A Software Engineer from Chhattisgarh Is Making Bengaluru Green”, 05/01/2016: <https://www.thebetterindia.com/39082/kapil-sharma-chhattisgarh-planting-trees-bengaluru/>

58. “This Kerala police inspector loves planting trees instead of wielding his baton”, 11/05/2017: <https://www.hindustantimes.com/india-news/this-kerala-police-inspector-loves-planting-trees-instead-of-wielding-his-baton/story-rnjhMSjUIOLONrrdpR9EUL.html>

59. “Meet the Man Who’s a Bus Conductor by Day, and a Green Crusader the Rest of the Time”, 09/06/2017: <https://www.thebetterindia.com/104238/bus-conductor-tree-planting-conservation-inspiring-environment/>

60. “Meet the Thane Auto Driver Who Plants New Trees and Takes Care of the Old. All for a Greener India”, 18/06/2016: <https://www.thebetterindia.com/58731/thane-auto-driver-promoting-greener-india-environment/>

61. “This 52-Year-Old Joined Hands with the Indian Army to Plant over 1 Lakh Fruit Trees in a Year”, 30/07/2016: <https://www.thebetterindia.com/63125/fruit-tree-plantation-radhika-anand/>

62. “This Auto Driver’s Efforts Have Led to People Planting 23,000 Trees Around His Kerala Village”, 12/04/2017: <https://www.thebetterindia.com/55278/shyam-kumar-auto-driver-kerala-palakkad-environment-trees/>

63. “who is peepal baba”, 28/06/2016: <http://www.greentechdelhi.com/blog/tag/who-is-peepal-baba/>

64. “Meet the Mumbai University Professor Who Has Planted 2,500 Trees on Campus”, 11/04/2017: <https://www.thebetterindia.com/95444/hubnath-pandey-mumbai-university-trees/>

RÚSSIA

65. “Aposentado de Riajska do Estado de Riazansky Piotr Kacyantchuk por sua conta esverdeia a rua da cidade”, 18/11/2017: <https://www.kramola.info/vesti/rusy/pensioner-iz-ryazhska-ryazanskoy-oblasti-pyotr-kasyanchuk-za-svoy-schyot-ozelenyaet-ulicy>

66. “E você, plantou uma árvore?” 16/01/2012: <http://www.novorab.ru/ArticleSection/Details/4767>

UCRÂNIA

67. “Depois daquilo, como enterrei a primeira muda, um orgulho simplesmente se espalhou em mim’. Um aposentado sozinho plantou 20 mil árvores na cidade.”, 26/10/2017: <https://rep.ru/articles/5084-posle-togo-kak-zakopal-pervij-sazhenets-menya-prosto-raspirala-gordost-pensioner-odin-posadil-20-tisyach-derevev-v-gorode/>

APÊNDICE II - LISTA DE FIGURAS



Figura 4. Muitas vezes, é possível verificar o cuidado por plantador a partir de maior biodiversidade na área em relação ao que seria esperado se não houvesse a sua presença.



Figura 5. Árvore ao centro (abacateiro), com proteção colocada posteriormente ao plantio e realizado por outro morador – sei, porque eu plantei o abacateiro e não coloquei proteção. Assim, não só há uma preocupação por plantar, mas para cuidar.



Figura 6. Uso de pneus para proteção das árvores é cada vez mais frequente, por medo da árvore morrer em algum acidente com roçadeira ou trator. Na mesma praça da foto de baixo, recentemente houve reclamação de plantador que plantou árvore com pneu, mas houve remoção mesmo assim, por conta de várias áreas da cidade serem roçadas com uso de trator também.



O plantio de uma espécie (*Araucaria angustifolia*) considerada inadequada pelos manuais de arborização urbana, tanto pelo clima, como pelo manejo em área urbana posterior. No entanto, ela está melhor cuidada do que muitas espécies consideradas adequadas ao plantio. Se ela deverá ser retirada futuramente é questão a ser pensada.



A proteção mais reforçada (aqui, em calçada), provavelmente para que não ocorra vandalismo.



Área, por exemplo, em que reconheci haver um plantador, mas não entrevistei ninguém, só houve marcação da área no Mapa de áreas verdes do município (ver Anexo II)



Esse plantio foi realizado com proteções, o que garante a sobrevivência da planta, mas falta o cuidado que se vê em outros locais, em que há inclusive a proteção do solo, com matéria orgânica deixada. A opção pela limpeza de toda a área verde depois de roçada a área demonstra ainda que a manutenção no caso da cidade precede o cuidado e que os fins estéticos precedem a própria vida da planta.



Jatobazeiro (árvore já adulta), que, conforme relatou um dos plantadores entrevistados, na Rua Pedro de Melo, foi salvo muitos anos atrás por um morador local que foi contra a sua retirada, que subiu nela para que isso não ocorresse. Durante o processo de pesquisa, me deparei com outras duas situações em Araras, em que moradores se levantaram contra a administração pública para salvar uma árvore.





Exemplos de árvores plantadas em canteiro central e rotatória.



Uma área verde mais adensada, no “Parque Linear Dr. Sérgio Roberto Ieda”.



A questão do convívio com o espaço foi observado em construções também, como as vistas acima. Na primeira área, foi observada uma espécie de esquilo em uma leucena em um dia de visita. O hábito do plantador não segue, de fato, necessariamente protocolos científicos sobre plantio, mas o convívio na área e seu cuidado mostram uma riqueza de nuances para além das discussões acadêmicas e técnicas apregoadas pelos especialistas.



A preferência por frutíferas pelos plantadores é uma tônica na cidade, fato observado em muitos outros municípios estudados. Há, no entanto, também uma tendência e um potencial para se pensar no plantio de outros cultivos.



O padrão de calçamento da cidade hoje é no padrão do *petit pavé*, com casos de multa por parte da administração. Aqui, observa-se a possibilidade trazida pela falta de calçamento ou gramado com o plantio de palmeiras ganhando precedência sobre o calçamento. Isso foi observado em diversas áreas da cidade e coloco aqui que a calçada, se fosse pensada como área verde, tornaria a cidade muito mais de acordo para o plantio e cuidado das árvores, com área permeável abundante.



Os dizeres começam a acompanhar as áreas em que plantadores atuam.

APÊNDICE III - ROTEIRO DE QUESTÕES PARA ABORDAR

1. LIGAÇÃO COM O CAMPO

- Abordar a origem. Se nasceu na cidade ou no campo. Família e relação com o campo.
- No passado e no presente, a ligação com o campo e com a natureza.

2. SOBRE O PLANTIO E CUIDADO

- Local de plantio;
- árvores e espécies;
- tempo dedicado;
- o cuidado com as árvores;
- se conhece outros que plantam e cuidam em áreas verdes de Araras;
- Árvores machucadas pela falta de manejo adequado em área pública.